

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
(PPGSCA).**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Jaber Xaud: uma narrativa memorialística no tecido social e cultural
roraimense.**

Mestrando: Félix Cândido da Silva Neto
Orientador: Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

Manaus/ AM

2021

FÉLIX CÂNDIDO NETO

Jaber Xaud: uma narrativa memorialística no tecido social e cultural roraimense.

Dissertação de mestrado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais na Amazônia, sob orientação do professor doutor Odenei de Souza Ribeiro.

Manaus/AM

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586j Silva Neto, Félix Cândido da
Jaber Xaud : uma narrativa memorialística no tecido social e cultural roraimense / Félix Cândido da Silva Neto . 2021
184 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Odenei de Souza Ribeiro
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Memória. 2. Oralidade. 3. Lembrança. 4. Cultura. I. Ribeiro,
Odenei de Souza. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

FÉLIX CÂNDIDO NETO

Jaber Xaud: uma narrativa memorialística no tecido social e cultural roraimense.

Dissertação de mestrado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais na Amazônia, sob orientação do professor doutor Odenei de Souza Ribeiro.

Aprovado em ____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odenei De Souza Ribeiro – Presidente Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Gláucio Matos de Campos-Membro Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª. Dra. Márcia D’Acampora- Membro Universidade Federal de Roraima.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo caminho que me trouxe aqui neste exato momento.
Agradeço a Deus, à Vida, à Natureza e aos elementos de sua representatividade nos
Orixás, meus ancestrais.

Agradeço ao meu orientador, Doutor Odenei Ribeiro, que assim como um
oleiro transforma silenciosamente o barro em sua roda, moldou-me com
habilidades extraordinárias para combater a injustiça e resistir a maldade dos
homens sem deixar de me encantar com a simplicidade da beleza do viver.

A você que me dá vida ao ler estas linhas. Agradeço.

DEDICATÓRIA

Aos meus avós paternos Maria Clara e Seu Félix Cândido e Tia Maria, minha Titoca.

Minha avó materna Dona Nevinha.

Às memórias seletivas que me fizeram esquecer os abusos da maldade do preconceito
impostos a minha infância.

EPÍGRAFE

O que me importa é não estar vencido.

(Banda Secos & Molhados).

RESUMO

Esta pesquisa analisa a trajetória jornalística e cultural de Jaber Xaud, tendo como fontes as narrativas memoriais dele, de familiares e colegas de trabalho. São relatos que conversam com outros documentos, tais como: jornais, fotografias, lembranças particulares de quem viveu o período áureo dos seus programas de auditório entre os anos de 1960 até 1970, na capital Boa Vista - Roraima. A relevância em discutir a trajetória pública de Jaber Xaud, na cultura e no jornalismo, deve-se a possibilidade de observar por um novo ângulo a sobrevivência dos grupos de mando local, e como a cultura de massa torna-se uma ferramenta de sobrevivência, com peculiaridades regionais próprias nessa região setentrional da Amazônia. Tal período justificase por sua relevância histórico-cultural, pois está inserido na estratégia de políticas fronteiriça adotadas pelo regime militar e seus governadores biônicos, permitindo que as narrativas aqui analisadas forneçam à memória coletiva regional novos elementos para um debate mais aprofundados nos aspectos históricos e culturais.

Palavras-chave: Jaber Xaud; lembranças; memoriais; Roraima; Boa Vista

ABSTRACT

This research seeks to analyze the journalistic and cultural trajectory of Jaber Xaud, having as sources the analysis of narratives, oral memorials, him, family members and co-workers. These are reports that speak to other documents, such as: newspapers, photographs, private memories of those who lived the golden period of their audience programs between the 1960s and 1970s. This period is justified by its historicalcultural relevance within a strategy of border policies adopted by the military regime and the responsibility of executing them to the bionic governors and, seeking in the narratives of memorial memories a more particularized orality that provides the regional collective memory with new elements for a deeper debate, within the framework proposed under the historical and cultural aspects. Throughout this research, the constituent elements of Roraima's political magnetism were perceived in their constant phenomena of attraction and repulsion present in the narrative of some interviewees, whether in the avoidance of responding or in a timely argumentative neutrality. Therefore, our main objective is to understand the role of journalist Jaber Xaud in the cultural and political scene in Roraima from the 1960s to the 1970s. The relational web woven by the command groups in Roraima, constituted by agents that form recognized groups of power and command comes from the so-called pioneer families. These are family groups that occupied urban spaces in Boa Vista in the 1940s with a marked social demarcation of the urban space occupied as a stage for the relational dynamics of political and public life, also occupying the space for recreation and entertainment of these groups. The relevance of discussing the trajectory of Jaber Xaud, in culture and journalism, is an analytical angle on the survival of local command groups, and how mass culture becomes a survival tool with its own regional peculiarities in this northern region of the Amazon.

Keywords: Jaber Xaud; memories; memorials; Roraima; Good view

RESUMEN

Esta investigación busca analizar la trayectoria periodística y cultural de Jaber Xaud, teniendo como fuentes el análisis de narrativas, memoriales orales, él, familiares y compañeros de trabajo. Se trata de reportajes que hablan de otros documentos, tales como: periódicos, fotografías, memorias privadas de quienes vivieron el período dorado de sus programas de audiencia entre las décadas de 1960 y 1970. Este período se justifica por su relevancia histórico-cultural dentro de una estrategia de políticas adoptadas por el régimen militar y la responsabilidad de ejecutarlas a los gobernantes biónicos y, buscando en las narrativas de las memorias conmemorativas una oralidad más particularizada que dote a la memoria colectiva regional de nuevos elementos para un debate más profundo, en el marco propuesto en el marco histórico. y aspectos culturales. A lo largo de esta investigación, los elementos constitutivos del magnetismo político de Roraima fueron percibidos en sus constantes fenómenos de atracción y repulsión presentes en la narrativa de algunos entrevistados, ya sea en la evitación de responder o en una oportuna neutralidad argumentativa. Por tanto, nuestro principal objetivo es comprender el papel del periodista Jaber Xaud en el escenario cultural y político de Roraima desde la década de 1960 hasta la de 1970. La trama relacional tejida por los grupos de comando en Roraima, constituidos por agentes que forman reconocidos grupos de poder y El mando proviene de las llamadas familias pioneras. Se trata de grupos familiares que ocuparon espacios urbanos en Boa Vista en la década de 1940 con una marcada demarcación social del espacio urbano ocupado como escenario para las dinámicas relacionales de la vida política y pública, ocupando también el espacio de recreación y entretenimiento de estos grupos. La relevancia de discutir la trayectoria de Jaber Xaud, en cultura y periodismo, es un ángulo analítico sobre la supervivencia de los grupos de comando local, y cómo la cultura de masas se convierte en una herramienta de supervivencia con sus propias peculiaridades regionales en esta región norte de la Amazonía.

Palabras llave: Jaber Xaud; recuerdos; memoriales; Roraima; Buena Vista

LISTA DE ABREVEATURAS

AM – Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
I CAPÍTULO: A INDIVIDUALIDADE DA LEMBRANÇA DO CONSUMO ENTRE O INDIVÍDUO E A RUA	
1.1 O escriba temporal é a testemunha da imutabilidade do passado.....	21
1.2 O medo a serviço da indústria de consumo.....	42
1.3 A resistência ao medo através da cultura.....	55
1.4 A ditadura na memória de um manauara.....	62
II CAPÍTULO: JABER XAUD E SUA INFLUÊNCIA NA CULTURA DE BOA VISTA	
2.1 Brasil: comunicação e contexto.....	73
2.2 A linha da vida no tear do tempo.....	87
2.3 Coluna social: vitrine de duas elites.....	123
III CAPÍTULO: A MAGNÉTICA DAS LEMBRANÇAS NO FENÔMENO DE ATRAÇÃO E REPULSA NO TECIDO RORAIMENSE.	
3.1 O contexto social e político roraimense.....	143
3.2 A Magnética das Lembranças no Fenômeno de Atração e Repulsa no Tecido Roraimense.....	148
3.3 A teia do ontem no hoje.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	181

INTRODUÇÃO

Esta análise se debruça na trajetória jornalística e cultural de Jaber Xaud, tendo como fontes as análises de narrativas, memoriais orais, dele, de familiares e colegas de trabalho. São relatos que conversam com outros documentos, tais como: jornais, fotografias, lembranças particulares de quem viveu o período áureo dos seus programas de auditório entre os anos de 1960 até 1970 na cidade de Boa Vista – Roraima.

Tal período justifica-se por sua relevância histórico-cultural dentro de uma estratégia de políticas fronteiriça adotadas pelo regime militar e cabendo a responsabilidade de executá-las aos governadores biônicos e, buscando nas narrativas de lembranças memoriais uma oralidade, mais particularizada, que forneça à memória coletiva regional novos elementos para um debate mais aprofundado, dentro do recorte proposto sob os aspectos históricos e culturais.

Ao longo desta pesquisa foi-se percebendo os elementos constituintes do magnetismo político roraimense em seus fenômenos constantes de atração e repulsa presentes na narrativa de alguns entrevistados fosse na esquivia em responder ou numa neutralidade argumentativa oportuna. Sendo assim, nosso principal objetivo é compreender o papel do jornalista Jaber Xaud na cena cultural e política de Roraima nas décadas de 1960 a 1970.

Levou-se em consideração as observações dos membros da banca de qualificação incorporando-as nos capítulos dois e três como parte integrante das análises dos processos de organização das elites no estado de Roraima. Segue-se aqui as dificuldades que encontrei ao longo da pesquisa, quando estive em Boa Vista para pesquisar, encontrei vários obstáculos causadas pela pandemia, órgãos públicos fechados com expediente interno com a presença limitada de servidores, como a biblioteca pública e o acesso aos arquivos de jornais.

O modo de enfrentamento destas dificuldades e serviram como estímulo para da resposta aos processos sociais no qual Jaber Xaud estava envolvido foi justamente a fala esquivada destes agentes que trouxeram novos elementos reflexivos para a pesquisa, chamando a atenção à manutenção destes grupos figurantes no cenário político atual no estado de Roraima.

A viúva de Jaber Xaud, por causa da idade se encontrava em isolamento (devido à pandemia do COVID-19), uma maneira que os filhos encontraram para

preservar a vida da matriarca, mesmo assim, conversei com a filha do jornalista, mas em nenhum momento me deu condições em acessar os recortes de jornais e as fotos que antes havia garantido a possibilidade de ver, mesmo com minha persistência e sempre lembrando a importância da pesquisa para a história regional.

O seu esquivamente desconfiado e elegante venceu minhas insistências, o que por outro lado, encontrei o compartilhamento feito por ela de fotos de seu pai neste grupo de filhos e netos das famílias pioneiras no Facebook, rede social virtual de grande circulação mundial. Interessante que neste grupo só aparecem fotos que parece emoldurar a *Belle Époque roraimense*.

Um reforço de quem foi contemplado pelas benesses do regime militar nessa região da Amazônia, um contraste quando colocada com as falas das lembranças de outros moradores e migrantes vindos neste recorte temporal, enfrentei a desconfiança de alguns agentes chegando a descartar suas falas pela repetição ensaiada de falas.

Outras fontes simplesmente não retornaram minhas ligações por pura desconfiança, por outro lado, fui bem recebido pelos artistas que figuram no último capítulo, desta forma precisei reinventar as fontes e o acesso a elas, como por exemplo, a simpatia da professora Milka, que com uma generosidade relatou saudosamente suas lembranças que se contrapõe as fotos das famílias pioneiras em sua casa de alvenaria com muro baixo, gente sorridente, com carro numa rua asfaltada de uma Boa Vista no final dos anos 40 e início dos anos de 1950, até 1980.

Como a auxiliar de enfermagem, dona Maria Martins, que relembrou casos de sua chegada no bairro de São Vicente e entre tantas recordações, marcada pela dificuldade em ter água encanada, asfaltamento, luz elétrica segura, e nessas conversas uma me chamou a atenção tornou-se motivo de boas gargalhadas, foi um soldado do 6ª BEC – Batalhão de Engenharia de Construção, que estava trabalhando na rua de fundos de sua casa colocando tubos de concreto no igarapé Mirandinha que cortava a rua Professor Diomedes, que de tão bêbado entrou sem roupas na sua casa, lembrando que naquela época se dormia com as portas e janelas abertas.

Outro fator surpresa que me aconteceu foi ser acometido por sintomas semelhantes a COVID-19, a angústia da falta de ar, o medo real de morrer sufocado tomou conta de mim, perdi o olfato e o paladar, as noites ficaram marcadas pelo congestionamento nasal, tosse e palpitação, como estava hospedado na casa de amigos, fiquei isolado para não colocar ninguém em risco, mesmo doente resolvi retornar para Manaus, ficando em casa de cama e repousando até a segunda quinzena de março.

Precisei buscar fontes novas, então descobri no Facebook um grupo de filhos e netos das famílias pioneiras que postam fotos da cidade, de pessoas, da paisagem justamente de 1940 até os dias atuais, outra fonte foi o Instagram com chamadas de matérias jornalísticas com relevância como o *Folha de Boa Vista*, possibilitando condições mínimas de uma condução coerente com novos ângulos conversativos com a pesquisa.

A teia relacional tecida pelos grupos de mando em Roraima, constituídos de agentes que formam grupos reconhecidos de poder e mando advém das chamadas famílias pioneiras. São grupos familiares que ocuparam os espaços urbanos de Boa Vista na década de 1940 com uma acentuada demarcação social do espaço urbano ocupado também como palco das dinâmicas relacionais da vida política e pública, seguidamente ocupando o espaço da recreação e divertimento destes grupos. Evidenciado ao longo da pesquisa o processo particular da exclusão social de indivíduos não pertencentes a estes grupos em específico.

Uma das maiores dificuldades que encontrei ao longo desta produção foi o fator surpresa da pandemia. Já que minha pesquisa se baseia em entrevistar os idosos, fontes vivas que necessitam de cuidados redobrados nesse cenário pandêmico.

Partindo dessa nova realidade social tive e precisei dar continuidade à pesquisa através das redes sociais como o Facebook e o WhatsApp, aplicativo de mensagens instantâneas, percebi que ao longo das entrevistas as pessoas falavam com entusiasmo do papel do Jaber Xaud, reforçando seu lugar como parte dos grupos de mando dotado de uma capacidade em agregar pessoas em torno de um palco, prender a atenção do leitor em seus artigos jornalísticos e sua maleabilidade em se manter vivo no cenário fenomenal da política local e os interesses do regime encarnados nos governadores biônicos.

Mas quando eu perguntava sobre os impactos negativos do regime militar para o povo, os entrevistados mudavam de assunto, ou dizia que quem passava fome era porque era preguiçoso, lembro-me de uma fala: “com tantos pés de manga e caju na cidade ninguém passa fome.” Foram as novas fontes que me chamaram a atenção a invisibilidade das características regionais da fome em Roraima nesse período.

A fome possui elementos fenomenais próprios em uma dinâmica de miséria regional. Evidenciando-se no período do populismo de Ottomar de Souza Pinto, exgovernador do Estado de Roraima, segundo Nelvio Santos em seu livro *Política e Poder na Amazônia*, que na distribuição de cestas básicas e a distribuição de vísceras

bovinas, evidencia o público-alvo de seu curral eleitoral e as mazelas da miséria provocadas pela migração desenfreada com patrocínio público.

Como também as mazelas do regime por indivíduos que figuraram no cenário político aqui recortado, não aparecem, pelo contrário, são recordados com um saudosismo que defendem o regime até hoje, inclusive apoiam a volta da ditadura militar, sem contar que quando são indagados sobre o que é comunismo não tem uma firmeza argumentativa.

Um dos alvos da minha entrevista, simplesmente ignorou minhas mensagens e pedidos para uma conversa mesmo mostrando a relevância para a história regional o papel de Jaber Xaud e sua contribuição à cultural e ao jornalismo roraimense, recebi um tratamento de comunista, sem nunca ter me declarado como tal. Alguns chegaram a me bloquear no Facebook, ou simplesmente me venceram no cansaço da insistência.

Percebo que até hoje em Roraima a presença e a defesa da ditadura militar fazem parte do discursos de indivíduos que figuram no cenário político e ao mesmo tempo componentes de grupos do agronegócio, empresários, políticos e grupos organizados de garimpeiros que esperam a volta da ditadura para voltarem a garimpar nas terras indígenas e grande parte de ex-servidores do antigo território que formaram uma associação para serem reintegrados ao serviço público da União, que forma uma parcela das bases de sustentação do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) roraimense.

Não deixando escapar a manutenção dos interesses pessoais e políticos que trazem uma nova figuração no fenômeno do magnetismo entre os agentes e os partidos políticos. Sendo destacado numa matéria publicada no *Jornal Folha de Boa Vista* do dia 03 de maio do corrente ano.

Uma onda que os agentes políticos utilizam para angariar votos garantidores de reeleição e de uma continuidade perene dos grupos que figuram no cenário social. Percebe-se em Roraima a presença de grupos conservadores da ditadura militar, como bem registrou a *Folha de Boa Vista* no Instagram rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos, uma comemoração ao Dia do Trabalhador, em 1º de maio, uma carreata em apoio ao discurso do atual governo estabelecido na presidência do país.

Os processos socioculturais regionais expressam inúmeras redes de relações políticas, sociais, culturais e econômicas que organizam e dão sentido à vida local. Neste aspecto, torna-se necessário a compreensão destes processos e os agentes que

tiveram a sua frente, esta pesquisa se justifica pela necessidade em identificar os agentes, e os elementos que impregnam suas lembranças, a construção de uma narrativa que molde um comportamento esperado do migrante e recém-eleitor domiciliado, e atores que se beneficiaram buscando clarear essa relação em plena ditadura militar, as conveniências e particularidades deste fenômeno em nossa história.

Dessa maneira, este trabalho está dividido em três capítulos interdependes que tecerão este diálogo. No primeiro capítulo, busca-se entender o contexto do mundo póssegunda guerra e as implicações econômicas e políticas oriundas da guerra fria, dispondo países e regimes como peões no tabuleiro de interesses entre os Estados Unidos e a União soviética. Clareando os elementos de compreensão do surgimento de movimentos contrário a dicotomia imposta.

No segundo capítulo, propôs discutir o contexto nacional sob os impactos destas forças políticas e econômicas antagônicas o papel de Getúlio Vargas e Assis Chateaubriand e o uso dos meios de comunicação de massa na promoção do medo coletivo de uma suposta ameaça comunista concretizados no golpe militar de 1964, bem como o papel da contracultura nas artes.

Identificando elementos constituintes de uma nova proposta jornalística com a ascensão da televisão como bem de desejo consumista e de clara distinção social na época. A migração de ícones dos programas de auditórios como o Chacrinha, grande apresentador televisivo de auditório, para as telas dos aparelhos de televisão. Tornando agora possível ver o que antes apenas podia-se imaginar através das ondas radiofônicas.

Por fim, no terceiro capítulo, veremos as contribuições de Jaber Xaud para o jornalismo e suas posições políticas em seus artigos publicados no *Jornal O Átomo* na década de 1950. Seu importante trabalho contribuindo à produção artística musical roraimense através de depoimentos de amigos, artistas, fotografias e artigos jornalísticos entre os anos de 1960 e 1970. Percebendo nesse enredo suas teias relacionais com agentes políticos, artistas e parceiros de trabalho.

Elementos breves e elucidativos da rotina do seu programa nos bastidores das lembranças aqui apresentadas, englobando a estreia do *Programa Jaber Xaud Show*, na grade da programação local da rede Manchete de televisão.

Boa parte de seus telespectadores eram garimpeiros, gente que veio em busca de enriquecer rápido, gente que queria uma vida melhor, que desembarcava dos ônibus

interestaduais vindos com a promessa do sonho da casa própria, serviços públicos, enfim gente em busca da felicidade.

A narrativa relacional de artistas, amigos e políticos possibilitam enxergar a teia estratégica de suas relações de sobrevivência política, trazendo um novo prisma sobre os desdobramentos político-cultural causados pelo populismo protagonizado pelo brigadeiro e ex-governador Ottomar de Souza Pinto, uma força política tão forte que carregou um novo cenário com novos indivíduos-coadjuvantes que após sua morte, passaram a figurar como agentes políticos, com um enredo novo, próprio e um referencial de relevância no tecido roraimense e no cenário nacional.

A relevância em discutir a trajetória de Jaber Xaud, na cultura e no jornalismo, é um novo ângulo analítico da sobrevivência dos grupos de mando local, suas necessidades, atreladas as forças de atração e repulsa dentro de uma urbanidade brejeira e como a cultura de massa torna-se uma ferramenta de sobrevivência com peculiaridades regionais próprias nessa região setentrional da Amazônia.

CAPÍTULO I – A INDIVIDUALIDADE DA LEMBRANÇA DO CONSUMO ENTRE O INDIVÍDUO E A RUA

Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já não o tenho.
Fernando Pessoa.

1.1 O escriba temporal é a testemunha da imutabilidade do passado.

O “resgate” histórico de uma memória passa pela coleta e investigação das pistas, vestígios e migalhas esquecidas no assoalho do tempo vivido pelo outro. Esse retorno ao tempo passado, o velho curvado no imaginário popular, não se submete a conveniência do presente, pelo contrário, o passado quando indagado fala o que lhe convém, não o que o presente quer ouvir, então, essa ida a casa do velho tempo, não é algo perene. O passado fala da altura de seu pertencimento em seus fenômenos e fatos, colocando-se como é e não como o presente deseja que se apresente.

Cabendo ao presente indagativo, saber que o passado jamais será desconstruído, pelo contrário, o presente quando entra na oficina do passado é para ser quebrado em suas verdades e achismos imediatistas, restando-lhe, exclusivamente ao tempo presente, fornecer ao passado suas partes como se fora montar o quebra-cabeça do fato em si, de uma determinada sociedade aprisionada na roda do passado do próprio tempo.

Quando esse resgate parte de migalhas informativas de jornais, é inevitável ao pesquisador conhecer as diferenças entre a narrativa do jornalista que passa a escrever livros que tratam de narrar a história, como por exemplo, o jornalista laurentino Gomes que escreveu uma série de livros contando a história da família real a partir de 1808, e ao mesmo tempo a presença do historiador no mesmo espaço midiático do jornalismo.

O que por outro lado, desperta em alguns historiadores a preocupação de como a história vai circulando na grande mídia e a quem interessa esse tipo de conhecimento para nossa sociedade. É possível aos historiadores uma construção histórica no campo mercadológico jornalístico sem perder seu lastro com a história? Quais as contribuições que os livros de história produzidos por jornalistas podem trazer para o

pensamento crítico da história? Qual a relevância do historiador na mídia de consumo e mais ainda que espaço é esse e qual a finalidade deste espaço aos interesses da mídia burguesa?

Poderíamos, no caso da leitura, tentar defender a literatura de evasão como fez Escarpit: o essencial é saber em que direção se evade. Não se deve confundir a evasão do prisioneiro em que direção se evade. Não se deve confundir a evasão do prisioneiro em direção à conquista, ao enriquecimento, com a do desertor, para a derrota, o empobrecimento. (BOSI, 2009, p. 211)

A maioria dos historiadores tem uma certa resistência quando a produção histórica é feita por jornalistas, argumentando sempre a ausência de métodos e a falta de uma pesquisa. Usando as ferramentas investigativas cedidas pela história, hoje, essa habilidade interdisciplinar dada aos historiadores a entrar em outros campos científicos, sem perder seu lastro com a academia ampliando fronteiras científicas e englobando novos aspectos de comportamento de indivíduos em seus respectivos grupos e seu realce social, como por exemplo, a questão das terras indígenas frente aos interesses do mercado do agronegócio, fazendo-se necessário o emprego de uma ferramenta nomeada como a etno-história no campo econômico.

Uma ferramenta com capacidade para transpor-se em outros campos científicos, além, das fronteiras da história. Habilitando ao pesquisador transitar entre os vários enfoques, técnicas e pesquisas, cortando com as ferramentas de Clio, as intencionalidades por trás dos discursos midiáticos, suas ocorrências do mundo real e os acontecimentos particularmente observáveis nestes campos com a lupa da história.

A luta de uma cultura de proposta contra uma cultura de entretenimento encontrará resistência intolerante. Mas a comunidade dos homens de cultura ainda constitui, felizmente, um grupo de pressão. A sua atitude não deve ser nem a de polemica aristocrática contra os meios de massa, nem a cegueira ante sua periculosidade. Deve buscar a investigação concreta, o conhecimento de como o fenômeno se configura em um dado momento. (BOSI, 2009, p. 214) Englobando-se dessa forma novos e visíveis desdobramentos na difusão de fenômenos sociais, em seus contextos, social, econômico e político e como seus impactos, podem conduzir o leitor ou telespectador a novos campos indagativos à reflexão social e histórica dos fatos. Seja sobre os grupos sociais ou indivíduos, trazendo toda essa complexidade à

uma nova contextualização científico-analítico da história e ao mesmo tempo revelando novos agentes e atores que até então estavam ocultados.

Alguns historiadores relacionam a ausência de profundidade, por parte de alguns jornalistas, felizmente não é a grande maioria, como uma das problemáticas em querer atender a uma necessidade de demanda de mercado, e que por isso, muitas vezes acabam fazendo um desserviço a ambas as áreas do conhecimento.

Se existem duas culturas, a erudita terá que aprender muito da popular: a consciência do grupo e a responsabilidade que advém dela, a referência constata à práxis e, afinal, a universidade. (BOSI, 2009, p. 22)

Quando a notícia se torna uma mercadoria, ela passa por um processo de transformação em sua forma comum dentro do capitalismo, transformando-se num bem de consumo, desejável, agradável e imprescindível, alimentando a ilusão de exclusividade do indivíduo, icônico, atingindo uma demanda de consumo lucrativa sem perder sua volatilidade descartável, esquecível, sem valor de mercado. Como bem esclarece Bosi:

Eis uma realidade notória que todo livreiro verificara com um suspiro: sempre que ocorrem eventos públicos de importância, ou quando se discutem grandes alterações sociais, é inútil publicar livros. (BOSI, 2009, p. 92)

Ao mesmo tempo cumprindo sua função social como veículo indispensável de controle, emoldurando comportamentos previsíveis e de persuasão, sendo ferramenta modeladora de uma moral consumista conveniente, satisfazendo também as necessidades e vaidades da burguesia, que controla a produção da informação como uma vitrine dos desejos e ao mesmo tempo uma mercadoria circulante e volátil e com grande capacidade anestésica metamórfica em sua forma.

Temos, portanto, de observar todo o processo do ponto de vista da forma, apenas, isto é, examinar a mudança de forma ou a metamorfose das mercadorias, através da qual se processa a circulação social das coisas. (MARX, 2019, p. 131)

Segundo a historiadora e jornalista Luciana Paula Bonett, existem duas formas distintas da escrita da notícia, ou melhor, a narrativa do fato histórico. A primeira segundo ela é a história pública, ou melhor, história para o público, voltada para atender possíveis demandas do mercado editorial para as necessidades de um público específico de consumidores.

Possibilita, então, a abertura de uma nova seara de preocupante indagação, de como a história vai circulando na grande mídia (mercado) e a qual grupo de indivíduos interessa essa (des) informação, a quem interessa apenas uma meia verdade servida com outra dose argumentativa conveniente aos interesses da burguesia? Visando não romper, mas manter e alargar ainda mais as diferenças sociais, econômicas e políticas como algo normal, harmônico e necessário ao equilíbrio de nossa sociedade, inocentando os causadores da cruel divisão social e submetendo a maioria dos indivíduos a uma desigual e injusta privação da felicidade causada por uma cruel pobreza travestida de civilizatória.

Que diremos de nós mesmos como interlocutores? Nós, cuja razão nega, mas cuja vida de todo dia aceita a divisão de classes? Esse não dá razão é acompanhado pelo conjunto de nossas atitudes que dizem sim ao sistema. (BOSI, 2009, p.17)

Construir uma lógica temporal para compreensão do hoje pelo indivíduo que se contextualiza no tecido social, nos leva a compreender o processo do esforço do historiador em trazer respostas às indagações silenciadas convenientemente por outros sujeitos e atores, que de alguma forma detinham ou detém a capacidade em controlar a divulgação da informação na mídia, tornando o passado, numa longa noite espiral, para a vida curta do sujeito preso no hoje indagativo.

Os jovens de hoje são muito honestos, sem hipocrisia, são o que são. Mas tudo mudou completamente. Antigamente cada família era uma ilha. Minha casa tinha portão fechado, nós vivíamos ali dentro e entrava só quem nossa mãe achava que podia entrar, que devia entrar. Agora não, você está fechada dentro de casa e cata pelo ar tudo quanto é anúncio. Você não tem mais uma casa fechada. (BOSI, 1994, p.359)

O desenho narrativo do cotidiano acima nos dá a noção da nova potência impositiva e midiática da cultura de consumo e comportamento de massa, voz e som ao vento, partículas como de poeiras que se apegava as teias das lembranças chegando a se confundir como surgidas do próprio indivíduo, apegando-se no recorte narrativa de suas lembranças. O recorte memorialístico esticou-se nesse processo, então, a novas teias relacionais no espaço público, ligando-se a músicas de propagandas no rádio, gêneros alimentícios consumidos em determinada época, gravuras e desenhos estampados nos jornais sobre sabonetes, perfumes e cigarros, desenhando as linhas digitais de uma geração preservada em capsulas temporais.

Serão novos elementos de consumo que irão se impregnar nas narrativas das memórias privadas, ligando-se aos fios afetivos e familiares. Dando uma maior elasticidade conceptualística a essas narrativas do tempo, preservadas pela saudade. “Nada que é humano me é alheio”, frase predileta de Marx, é uma constatação na alma operária. (BOSI. 2009, p. 22).



Figura 27: Propaganda em um jornal da década de 1950.

Fonte: br.pinterest.com

Todo teórico bem sabe que a produção narrativa/literária é composta de três etapas distintas: o escritor, a obra e leitor. Abordar esse fato sob o crivo conflitivo da narração histórica e a jornalística mercadológica nos coloca enquanto leitores na posição de receptores da narrativa, possibilitando, dessa forma, analisar os mecanismos de intencionalidades mercadológicas e suas disparidades, ou não, que irão impactar diretamente na identidade histórico-cultural desse sujeito.

Exigindo por sua vez, uma impessoalidade do pesquisador científico, enquanto, a escrita jornalista busca atender a uma necessidade de adequação da notícia às vaidades e aos interesses da burguesia, como um produto de oferta, aliada uma demanda de mercado, reinventando-se como uma cultura de consumo de massa consequentemente adequando novos comportamentos.

Portanto, as mensagens dos meios de comunicação de massa como TV, jornal, revistas e sites, são produtos não culturais planejados estrategicamente não para o consumo, porém são estimulantes comportamentais do consumo da sociedade contemporânea, conduzindo o indivíduo numa modulação dirigida, passando ao

mesmo a sensação de que a decisão de suas escolhas partiu de sua autonomia e não da consequência da pressão externa midiática.

O que geralmente acaba obrigando ao leitor mais atento e crítico a uma análise ou não, sobre a falsa recriação dos fatos, uma volta aos sinais deixados pelos vivos e que se encontram mortos, seja do ponto biológico, histórico, ou simplesmente o esquecimento popular estimulado por grupos de mando burguês. Será dele, o leitor permitir que tal escrita de um passado morto (o passado morto aqui, é o esquecimento conveniente), crie-se vida dentro de um novo e atual presente narrativo, regatando emoções, vivências, possibilitando assim, o confronto narrativo entre as vozes díspares para se chegar a uma realidade temporal vivida no tempo, possibilitando o reencontro com a fisionomia obscura desse passado, revelando seus traços sob a luz de lamparina do hoje ao leitor/telespectador.

Abrindo-se, então, o olhar para os processos distintos entre a produção textual, que é uma labuta solitária, penosa e conflituosa entre a análise argumentativa com os fatos e a lógica do enredo narrativo do escritor, buscando através da escrita, uma nova contemplação de uma estética narrativa o mais próxima possível da verdadeira imagem do real vivido, sempre pensando em um leitor imaginário, o que angustia ainda mais sua alma de escriba solitário em sua produção. “O livro deve transmitir algo do homem experiente no seu mister e que merece respeito quando o explica aos outros.” (BOSI, 2009, p. 21).

Já no processo de acesso à leitura pelas massas de leitores, se comparando a uma tromba d'água, as consequências sempre superam as expectativas, sejam elas grandes ou pequenas. A produção, seja ela, impressa no jornal ou numa revista, demandam ao leitor uma ação presumivelmente própria de receptividade, atraindo com a matéria certa a aproximação do sujeito à prateleira, passando a analisar a notícia como um consumidor diante da vitrine de açougue.

Talvez hoje, no Ocidente, onde a força-motriz básica da rebeldia é a

“alienação” mais que a pobreza, nenhum movimento que não ataque também o sistema de relações pessoais e de satisfações privadas pode ser revolucionário. (HOBBSAWM, 1999, p. 329)

Quando essas mercadorias de leituras chegam nos circuitos populares de consumo, elas induzem o leitor popular e comum a um abandono de seu lugar identitário, concreto e real, através do produto fabricado e não propriamente é para

consumo, mas o força a entrar num processo fenomenal de integração, que o apaga como indivíduo, e o transforma num algoritmo específico de indução e consumo.

Um tipo de leitura açucarada, pobre em argumentos e logica racional, sempre com viés emocional vinculante ao leitor, feita para submeter a massa, um novo “sentimentalóide” barato, volátil, uma mitológica novelística que exprime mais as necessidades do mercado da cultura de massa que as do indivíduo. Quer dizer: o teor do imaginário, da originalidade, da inovação, que a cultura de massa pode oferecer é limitado não por uma fatal carência de talento dos realizadores artísticos, mas por força da organização industrial-burocrática que a rege estruturalmente. (BOSI, 2009)

Tal ação aparentemente espontânea do indivíduo expõe a cadeia indutiva de suas escolhas, dos produtos de sua preferência. Porém, é uma estratégia mercadológica para atrair esse tipo de consumidor, resultado de sua classificação como sujeito específico, pertencente ou não as novas modalidades de trabalho oriundas das novas ferramentas digitais abrindo novas searas de transformações da exploração do capital na sociedade capitalista. O perfil deste indivíduo traça um mapa impregnado numa cadeia de consumo, possibilitando em determinar o grau de acesso à leitura, rastreando seus impactos sobre o grupo que pertence e seus desdobramentos sobre o tecido social.

A mercadoria pode ser produto de nova espécie de trabalho, que se destina a satisfazer necessidades emergentes ou mesmo criar necessidades até então desconhecidas. Função que era, ontem, uma dentre muitas do mesmo produtor de mercadorias e pode, hoje, destacar-se do conjunto, tornar-se autônoma e, assim, enviar ao mercado seu produto parcial como mercadoria independente. (MARX, 2019, p. 133).

As fronteiras entre a rua e a mesa de jantar familiar, foram vencidas pelo poder das novas ferramentas da informação e propaganda aos interesses da cultura de consumo, onde o produto de consumo torna-se uma diferenciação, um subjetivo de felicidade, um instrumento de classificação e identidade do indivíduo dentro de sua classe ou grupo social.

Partindo de sua particularidade mercadológica, o texto jornalístico liga-se ao contexto das falas, conversas e memórias dos fatos familiares no palco relacional dos homens; tornando-se a seara conveniente desse (des) encontro doméstico com o público como bem trata Bosi.

A concepção da cultura como necessidade satisfeita pelo trabalho da instrução leva a atitudes que reificam, ou melhor, condenam à morte os objetos e as significações da cultura do povo porque impedem ao sujeito a expressão de sua própria classe. (BOSI, 2009, p.20).

Um processo com novas complexidades de definições culturais de consumo, com a adição impositiva de novos e recentes consumistas contornando a importância aos atores nesse palco mercadológico, como: anunciantes, jornalistas, astros, políticos e leitores, passando esse novo jornalismo a adotar e desenvolver estratégias de manipulação de consumo e publicação conveniente da informação.

Sem esquecer que esses novos desdobramentos de transformação da imprensa em uma grande indústria de informação, se deu ao mesmo passo ao fortalecimento e expansão contundente dos interesses da burguesia estadunidense no cenário político mundial, com novos atores, tendo ao fundo, a paisagem da guerra fria impactando nas relações de poder na América e particularmente no Brasil.

Possibilita a percepção em compreender as novas e profundas transformações que ocorriam no cenário político internacional e seus desdobramentos em nosso panorama nacional, as mídias de informação inauguraram no mundo das relações

“conservativas” -políticas dos homens, uma polifonia de informações/desinformações convenientes aos interesses de grupos políticos/econômicos, e de como elas chegariam aos ouvidos e aos olhos dos leitores e espectadores.

A preocupação em manter as “conveniências” na manutenção da exclusão da massa, era fundamental aos interesses políticos e econômicos estadunidense. A imprensa fazia o papel de bombeiro em apagar qualquer sinal na mudança da temperatura no tecido social, definindo o papel de cada indivíduo no cotidiano, onde a mulher esperava o marido chegar do trabalho, perfumada, arrumada, com o jantar pronto e os chinelos do marido na mão.

O trabalhador negro era obrigado a ceder por força de lei seu lugar no ônibus ao passageiro branco. Uma “cordialidade” cruel, impositiva que deixava claro, a classificação daquele sujeito no corpo social e econômico.

Um destes exemplos, ocorreu com a cobertura da imprensa estadunidense na prisão de uma anônima costureira negra do Alabama, Rosa Parks, que se recusou a ceder seu lugar em um ônibus a um homem branco, um fato tratado como corriqueiro, e que recebeu pouca importância da mídia burguesa, uma máxima do jornalismo onde o que é normal possui pouco valor jornalístico.

Na raiz da compreensão da vida do povo está a fadiga. Não há compreensão possível do espaço e do tempo do trabalhador manual se a fadiga não estiver presente e a fome e a sede que dela nascem. (BOSI, 2009, p. 18)

Porém, esse fato isolado, com ares de um ato aleatório de uma mulher negra, não punha em risco a quebra da “mansidão do gado”. Foi estopim para um movimento de rua que a princípio, a mídia tratou como grupos fracos formados pejorativamente por negros, tratados como desocupados, comunistas e contrários à ordem social conveniente apenas aos grupos que formavam a elite, passando, a partir de seu prisma, escrever para este público de leitores, explorando ainda mais uma demanda conveniente de notícias ao público.

O apoio dos jornais a repressão policial aos homens e mulheres negros que iam desarmados para às ruas pedindo o fim de leis segregacionistas e ampliação dos direitos civis a todos no país independente da cor da pele. Mostrava a força da mídia burguesa na manutenção de seus interesses sobre as mazelas das desigualdades da maioria.

Os principais jornalistas da mídia conservadora encarregados de serem os porta-vozes da burguesia, escreviam em consenso que tais manifestações colocavam em risco a segurança econômica, jurídica e social, o medo era o fermento do contexto nos textos redacionais. Os cassetetes, e o gás lacrimogênio que agrediam gente comum, transformou-se em pautas e letras garrafais lucrativas às manchetes penduradas nas lojinhas de conveniência americana atendendo um critério estratégico de mercado.

Já na televisão estadunidense, as imagens em preto e branco lançavam uma máscara de um relato afirmativo conveniente aos grupos de poder. Escamoteando uma injustiça histórica contra os negros. Marginalizando as manifestações como uma grave ameaça a segurança de todos. O medo foi a tônica justificante da violência contra os movimentos pacíficos de ruas pela igualdade dos direitos civis.

Escondendo sob a luz artificial argumentativa, o que se mostrava verdadeira e nua sobre a realidade: uma luta pela equiparação dos direitos civis em sua plenitude. Justificando essa separação como necessária a manutenção da ordem pública sob um discurso moral conveniente aos interesses da burguesia capitalista estadunidense. Essa era uma das funções da mídia à manutenção da tradição de “cidadãos aceitáveis” aos interesses do microcósmico liberalista estadunidense.

Percebe-se até aqui elementos que mostram a clássica classificação e divisão de Lasswell do processo de comunicação em “quem”, “o que”, “como”, “aquém”, “com que efeito”. Elementos que se incorporam a um contexto ambíguo, conveniente a mídia burguesa e se mostra apreensivo ao destinatário (leitor) apreensivo. Uma ambiguidade eficaz e verbalizante do medo no cotidiano do indivíduo.

A comunicação de massa, passa então, aqui neste fato, o medo generalizado e impositivo sobre o indivíduo nesse processo de contextualização abrindo um novo campo analítico para as sociedades capitalistas: a psicologia social do medo.

O contexto privilegiado da comunicação de massa é a sociedade industrial do século XX, que tem entre seus traços definidores a democratização da informação. Aquilo que até meados do século XIX significava a cultura (uma educação humanística ampla, mas acessível apenas à nobreza e à alta burguesia) não tem mais vigência à medida em que os meios de informação, é mesmo de formação profissional, se vão generalizando. (BOSI, 2009, p. 37).

A truculência policial causou um efeito colateral que as autoridades não previam, o processo identitário individual gerou o aumento no número de pessoas negras a cada dia nas ruas, requerendo agora, além, de mudanças nas leis municipais no transporte público, pediam direitos iguais para todos os estadunidenses afrodescendentes e brancos alargando ainda mais o sentido dos direitos civis e suas aplicabilidades constitucionais.

Eu sonho mais alto que drones
Combustível do meu tipo?
A fome
Pra arregaçar como um ciclone (Entendeu?)
Pra que amanhã não seja só um ontem
Com um novo nome
O abutre ronda (Emicida)¹

A situação gerou novo desdobramentos de tensões sociais e políticas, os jovens negros buscavam romper com a velha tradição moral, jurídica e econômica da separação entre cidadãos estadunidenses pela cor da pele, os velhos conservadores, formado por um pequeno grupo de homens brancos, que detinham nas mãos os poderes estruturantes e econômicos ficaram desassossegados com essa nova força da juventude negra tomando às ruas pacificamente.

¹ www.google.com/search?q=letra+da+musica+amarElo+do+emicida&rlz

A “mansidão bovina” é um instrumento que faz parte do sistema de acatamento dos grupos de mando e poder que se caracteriza pelas forças da elite burguesa na condução de uma narrativa coercitiva e sugestionável sobre o indivíduo, dirimindo sua resistência e apagamento de sua cultura de classe seja no papel do leitor, ouvinte ou telespectador.

A força dos movimentos de rua empurrava os argumentos da mídia para trás, os discursos nos megafones desmascaravam a “mansidão bovina” os argumentos jornalísticos que diziam que a igualdade de direitos civis colocaria em risco a economia do país, abrindo espaço para uma crise sem precedentes na história da sociedade estadunidense.

Tais argumentos já não mais correspondiam as expectativas do consumidor (leitor/telespectador), o que despertou preocupação da burguesia em perder a confiabilidade da massa em sua veracidade industrial de notícia, abalando com isso, os interesses internos do mercado. Essa nova onda popular e voluntária que tinha o vigor dos jovens negros, desmontava aos poucos os argumentos jornalísticos, conquistando espaço de voz nos jornais e canais de TV, um novo cenário contextual se desnudava aos olhos das massas.

Não em vão se pode escutar nos Estados Unidos da boca de produtores cínicos que os seus filmes (aqui se encaixa o jornalismo) devem estar à altura do nível intelectual de um menino de onze anos. Fazendo-o, sentem-se cada vez mais incitados a transformar um adulto em um menino de onze anos. (BOSI, 2009, p.72)

Impulsionando uma nova visibilidade aos atores e liderança negras nas ruas, descortinando ao mesmo tempo novos cenários, empurrados pela mudança no comportamento dos leitores e telespectadores que formavam seu público consumidor, expondo a fragilidade e a manutenção da tradição sócio jurídica dos negros como cidadão de segunda classe, gerando um novo panorama social no liberalismo estadunidense.

A repressão brutal ocorreu no dia 7 de março de 1965 e ficou conhecida como o “Domingo Sangrento”. A ação policial foi exibida ao vivo e comoveu os americanos. No fim do ano, o então presidente Lyndon Johnson aprovou junto ao Congresso a Lei do Direito de Voto. **Jornal O Globo.**²

² <https://oglobo.globo.com/sociedade/obama-lembra-50-anos-de-marcha-favor-de-direito-devotoparanegros-1-15534642>

Este novo “alinhamento” identitário passou-se a constituir um novo agrupamento dos indivíduos no tecido social, impactando, em novas linguagens e signos identitários de novos elementos restritivos com os antigos anseios e preocupação dos grupos de poder passando a incorporar um novo ritual relacional em sua diacrônica, englobando, desde suas bases jurídicas, sociais, políticas e econômicas impactando o indivíduo comum e seu cotidiano com novos dispositivos coercitivos da sociedade liberalista.

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação devem ocupar determinada posição e formular determinando tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que deve acompanhar o discurso, fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. (FOUCAULT, 2014, p. 37)

Essa mídia burguesa-liberal, defensora e apoiadora de leis jurídicas e segregacionistas como “separados mais iguais” que com parcimônia cobriu o início destas manifestações se viu cercada pela polifonia da resistência negra saída de dentro das casas e tomado as ruas da cidade de Montgomery pedindo o fim das leis municipais que beneficiavam os brancos no transporte público.

Ao passo que o movimento pelos direitos civis crescia tomando as ruas das cidades, ganhando novos adeptos, novas falas, incorporando outras insatisfações, ao mesmo tempo despertando o interesse da opinião pública. O que antes era comum e normal, com pouco valor jornalístico, ganhou relevância, dramaticidade, tudo aquilo que o jornalismo de relações públicas vê como indigesto. O que levou o jornalismo midiático a mudar o prisma de suas análises, a chegar perto dos indivíduos que ocupavam as ruas?

A mudança no comportamento de análise do leitor/telespectador e consumidor em querer ouvir o lado convenientemente emudecido pela indústria da informação da notícia jornalística midiática. Esse abismo entre o indivíduo em sua singularidade quando levado a uma comoção coletiva se transforma numa pressão social interna sobre os grupos de poder que se veem ameaçados a serem engolidos ou muito pior repelidos, perdendo o interesse de consumo em sua finalidade como produto de consumo. Um fenômeno das relações e seus choques entre o agente e a sociedade, segundo exemplifica Elias:

Na verdade, até mesmo a fome de muitas pessoas, isoladamente consideradas, parece contribuir pouco para a pressão interna de uma sociedade, a menos que esteja associada a lutas que tenham origem e objetivo sociais. O que está em questão é o desencontro entre esses esforços e as oportunidades socialmente oferecidas de levá-los a bom termo. (NOBERT, 1994, p. 121-122)

Evidenciando uma mudança na percepção do indivíduo no corpo social, que passa a ser energia identitária ao corpo popular americano da época. Os leitores e expectadores passaram a ver o povo tomando as ruas como espaço legítimo de manifestação, obrigando a mídia liberal a ouvir a voz insatisfeita dos negros, que pediam mudanças e ao mesmo tempo, fazendo movimentar partidos e instituições dentro do corpo político e jurídico nacional.

[...] Foi, portanto, natural, que as classes existentes na sociedade, e especialmente a classe operaria, tendessem a identificar-se através de movimentos políticos ou organizações (“partidos”) de âmbito nacional; igualmente natural, que estes agissem de facto basicamente dentro do país. (HOBSBAWM, 2018, p.335)

Os movimentos de resistência dos negros estadunidenses, forçaram uma mudança na linguagem na apresentação dos fatos daquele país, redirecionando o Norte de uma cobertura jornalística que buscava a atender uma nova necessidade de mercado por informações e notícias.

Com grupos que passaram a se identificar naturalmente com a luta pacífica dos negros, a imprensa percebendo essa mudança comportamental no seu público consumidor, tratou em ir deixando a cargo dos olhos dos leitores e aos ouvidos dos ouvintes sua análise própria dos fatos. Foi graças à cobertura jornalística que o boicote aos ônibus de Montgomery, pelos negros liderados pelo pastor Martin Luther King, que 40 mil negros não utilizaram o transporte público por 400 dias levando a empresa a amargar um prejuízo milionário, em seus 400 dias de protestos.

Dando origem a problemas inéditos à manutenção e preservação dos interesses dos empresários, aos governantes e aos grupos dominantes, fragilizando a preservação de toda uma cadeia conveniente a estes grupos. A pressão provocada pela sociedade civil, sobre a cobertura jornalística sobre os fatos, desencadeou um efeito dominó, sobre os membros dos partidos políticos, abrindo novos debates com a inserção destes cidadãos, de forma digna ao corpo nacional, tendo suas garantias constitucionais reconhecidas, favoreceu uma pressão sobre os poderes do judiciário, levando a tomada da Suprema Corte estadunidense, a tornar inconstitucional a segregação dentro do transporte público, implicando na criação dos direitos civis em 1965.

A imprensa percebeu os ares da mudança que sopravam sobre o país, e numa busca de sobrevivência dentro do mercado capitalista, até por se tratar de uma mercadoria produzida para outros, em outras palavras por se tratar de uso social, comportou-se em adequar-se a escrever a essa nova demanda de notícias que o leitor/ouvinte e telespectador buscava, preservando seus contratos milionários em parcerias publicitárias.

Ressignificou sua receptividade liberal dentro do mercado, garantindo, por outro lado, uma maior participação no cenário político nacional inovando seu próprio papel valorativo como indústria confeccionadora da notícia. Manteve-se ao mesmo tempo, as velhas engrenagens no processo comum de (re) produção sem causar mudanças significativas ao capitalismo estadunidense, com uma nova necessidade vanguardista como produto de consumo e cultura, uma conveniência de sobrevivência mercadológica liberal. “Entretanto, reproduz em sua forma capitalista a velha divisão do trabalho, com suas peculiaridades rígidas.” (MARX, 2019, p. 552).

A mudança argumentativa da mídia sobre a fabricação da notícia para a sociedade, abriu um novo prisma analítico do jornalismo e seus mecanismos (re) produção da informação ao indivíduo inserido no contexto social. Passando a elidir as desigualdades sociais e econômicas que sempre figuraram na história das sociedades industrializadas, sob o foco liberalista da economia, num contexto de uma visibilidade normativa, distante e aceitável ao cotidiano do indivíduo.

Aqui como por exemplo, na democracia americana, passando, a construir uma nova linguagem de compreensão e disciplinamento comportamental do indivíduo diante de situações fenomenais causadas pelas desigualdades do capitalismo, dentro de seu tecido social estadunidense.

Resultando numa narrativa mercadológica de sobrevivência, e na manutenção de uma falsa e próspera realidade conveniente aos interesses do mercado, com seus impactos nocivos sobre o indivíduo e a sociedade, agora ocultando os atores responsáveis e suas responsabilidades por crises no âmbito político, econômico e social, transferindo para o leitor/telespectador o sentimento de medo e ao mesmo tempo uma consciência de culpabilidade, geralmente transferida a outro indivíduo.

Quanto mais visíveis estes fenômenos, mais certeza podemos ter de que os acontecimentos realmente decisivos não estão ocorrendo. Chocar o burguês, infelizmente, é mais fácil do que derrotá-lo. (HOBSBAWM, 1999). Alimentando um sentimento nacionalista que irá acirrar ainda mais o cenário internacional na chamada

guerra fria entre as duas grandes potências armadas: URSS x USA. Como nas palavras de Rousseau: É assim que deve ter chegado um tempo em que os olhos do povo foram fascinados a tal ponto que bastava aos condutores dizer ao menos dos homens: “Sê grande, tu e toda tua raça.” (ROUSSEAU, 2008, p. 108).

Essa nova dialética liberal jornalística sobre os fatos e sua transmissão como um produto de consumo às massas, era acima de tudo a sobrevivência da credibilidade interesseira e conservadora junto aos instrumentos de imprensa, instituídos por grupos específicos de poder e ao mesmo tempo, sinalizou as mudanças que ocorriam também nas relações diplomáticas internacionais necessárias, na cobertura dos discursos polarizados nascidos no período da guerra fria. Acessando novos rostos por trás das forças conservadoras do estado estadunidense, que por outro lado, conferia um novo papel de relevância na abstração e transmissibilidade jornalística do conhecimento na forma de notícia junto às massas.

O conceito de abstração originou-se numa fase do desenvolvimento do conhecimento em que era tacitamente presumido que o ser humano singular, como indivíduo isolado, podia se considerado o produtor e, portanto, o originador e ponto de partida absoluto de um conceito. (ELIAS, A Sociedade dos indivíduos. 1998).



Figura 28: Rosa Parkes
Fonte: aventurasnahistoria.uol.com.br

Rosa Parks, foi o indivíduo que pôde trazer à tona essa nova figuração de uma indignação histórica e identitária no tecido social e político dos Estados Unidos. Ela em sua singularidade revela uma acachapante exclusão social e econômica dada à

massa de negros de que utilizavam o transporte público em Montgomery, seu ato solitário em recusar-se a ceder seu lugar a um homem branco, conferindo-lhe mesmo sem o consentimento dela, ser autora e produtora de uma construção identitária de uma revolta coletiva tanto tempo silenciada pelos instrumentos de coerção social.

Depois de descobrir carências, percebemos que elas nos comprometem. É preciso conhecer o problema de perto, tocar nos fatos. Mas isso não basta para que se fale em nome de alguém: devemos também enxergar de sua perspectiva a realidade. (BOSI, 2009, p. 215)

Sua atitude isolada e singular em não obedecer a uma lei que a obrigava a ceder seu lugar para um homem branco dentro do ônibus, foi um ato anônimo e imbricado de raiva sufocada, razões pessoais, um ato pessoal que se conectou com uma indignação coletiva que passa a figurar na comunidade negra, como uma linguagem de revolta, provocando um encadeamento de indivíduos de várias vertentes filosóficas e políticas opostas entre si em uma onda que vai se impregnando com outras formas de violência social e exclusão econômica, ganhando novos olhares, novas falas, novos indivíduos, uma onda humana coletiva tomando as ruas pacificamente pelos direitos civis.

Seu gesto individual em um primeiro momento não se mostra um ato ativista, sua reação a não ceder seu lugar no ônibus, veio de uma rotina de trabalho exaustivo como costureira, sua indignação pessoal, saltou naquele momento de um insignificante fio para toda uma teia complexa e relacional dos indivíduos negros como uma marca de resistência. “Ele adquire sua marca individual a partir da história dessas relações, dessas dependências, e assim, num contexto mais amplo, da história de toda a rede humana em que cresce e vive.” (NOBERT, 1994, p. 31).

No meio jornalístico habitualmente lugares pequenos, cidades minúsculas ocupam um espaço tranquilo, campestre, em outras palavras, são lugares que nunca ou raramente despertam os interesses jornalístico nacional. Porém, seu ato figurou como subversivo, por ter violado a lei de segregação do código da cidade de Montgomery, o fato de ser casada com um homem membro da associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP) tendo sua fiança paga um dia após sua prisão pelo presidente da NAACP, reforçou sua imagem militante nos jornais.

Um truque sugestivo jornalístico em encobrir o fato, desmerecendo a legitimidade da indignação do sujeito que aqui se tratava de uma mulher negra

subversiva, revoltada, solitária e inofensiva, transparecendo outra estratégia mercadológica da notícia: um lucrativo nicho de informações divergentes levados às pautas jornalísticas dentro do corpo nacional.

Ela foi a expressão de um questionamento individual diante de toda uma “concreta” cadeia de interesses dos grupos de mando, englobando todo um encadeamento político, familiar e financeiro. A intensidade deste fato provocou um outro desdobramento preocupante: a identificação de outros indivíduos insatisfeitos com essa exclusão jurídica, econômica e social dos negros, o que segundo Ecléa é um exercício difícil e dolorido, é um reconhecimento de desconstrução que implica em matar verdades impostas por grupos de força, tidas pelo indivíduo como identidade sua. “Assumir uma visão operária do mundo é um exercício difícil, um limite que tentamos alcançar, um caminho a percorrer.” (BOSI, 2009, p. 215).

Essa percepção da massa negra de Montgomery ao lerem as notícias nos jornais local, que tinham homens brancos como fabricantes da informação, pertencentes à mídia burguesa, na produção da matéria em suas máquinas de datilografias, percebem que suas matérias criam um cenário favorável à manutenção de velhas estruturas, publicando versões e roubando a narrativa dos fatos.



Figura 29: Jornal impresso da época
Fonte: rarenewspapers.com

Rosa Parks, tornou-se a singularidade de novos conceitos relacionais e linguísticos de ligação com a indignidade coletiva negra. Sua percepção pessoal de mundo, foi incorporada a outros prismas de diferentes indivíduos que formavam o tecido social na cidade e mais tarde ao corpo nacional.

A abstração originária que os grupos de mando de Montgomery deram ao caso através dos jornais, roubando a legitimidade de sua indignação, não previam que seu ato isolado e por sua condição social em ser uma mulher simplória, negra e pobre, não ocupando uma posição elevada socialmente e econômica privilegiada, uma figura singular que em sua peculiar história de vida.

Levando os grupos fabricantes de notícias a ignorar em um primeiro momento a armação da teia identitária e relacional da indignação coletiva. Rosa Parkes, foi a artrópode social de ligação identitária com outros indivíduos, convergindo numa teia puxada por outros fios, produzindo uma teia elástica gigantesca de legitimidade com as de outros sujeitos uma elasticidade, colocando em xeque a ordem “concreta” das coisas estabelecidas pela conveniência liberalista da burguesia estadunidense. “Os indivíduos, portanto, eram considerados indefinidos ou vagos. No campo da lógica, os indivíduos não ocupavam posição muito elevada.” (NOBERT, 1998, p. 133).

A mídia poderia ter assumido uma postura menos conflituosa nesse caso, contribuindo para uma sociedade mais tolerante e saudável e menos voluntariosa, porém em uma realidade complexa, passa a satisfazer a manutenção do sistema capitalista.

O jornalismo despreza tudo que não é escandalosamente lucrativo. Logo, a ação de um indivíduo indiferente e vago, não teria como desencadear a construção de novos e amplos conceitos relacionais e civis na sociedade estadunidense. Como explica Elias:

Vê-se então com maior clareza que a transição de conceitos mais específicos-ou, como se dizia antes, mais “concretos” (mas podem os conceitos ser “concretos”) - para conceitos mais abrangentes ou gerais ocorre, acima de tudo, através da ascensão a uma visão global mais ampla, a um nível mais elevado de síntese. (NOBERT, 1998, p. 132).

A quebra da concretude segregacionista de Montgomery resultou na construção de uma nova tangibilidade linguística e a criar novas ondas de debates políticos, um redimensionar do entendimento jurídico, com novos desdobramentos políticos, uma readequação de toda estrutura social e ao mesmo tempo na construção dos direitos civis dos Estados Unidos. Essa onda trouxe novos fios para a luz dos acontecimentos que aconteciam.



Figura 30: Jornal
Fonte: i.pining.com

Sua indignação originária tornou-se um fio de ligação com outros indivíduos indignados que passaram a se identificarem com um sentimento de revolta e queriam mudança, desejavam serem tratados como cidadãos americanos numa igualdade constitucional. Formando uma grande teia (rede) de indignação nacional, passando a exigir mudanças urgentes no corpo constitucional pela igualdade dos direitos civis entre brancos e negros.

Essa ligação origina um sistema de tensões para qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior de todos continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singular dentro dele. (NOBERT, 1994, p. 35)



Figura 31: Pastor Luther King.
Fonte: conhecimentocientífico.r7.com

Outro polo oposto e também semelhante (indivíduo) atraído neste bojo, foi o negro Martin Luther King, pastor batista e ativista político, oriundo de uma forma estruturalista da sociedade estadunidense, com um contexto religioso conveniente à manutenção da norma social e moral da época a classe burguesa, e menos revolucionária, tornou-se uma contundente abstração e figura eminente de líder dos movimentos pelos direitos civis americanos. Evidenciando a conveniência como líder religioso em um país declaradamente protestante, pastor negro simbolizou o encontro político de buscas de soluções a anomia estadunidense apertando a mão do presidente branco, protestante, Kennedy.

Esse aperto de mão simbólico revela o reconhecimento da necessidade de manutenção do poder estabelecido, e que em nenhum momento se fragiliza, pelo contrário, ganha novos contornos de fortalecimento como poder civil aos olhos da massa, através do destaque dado pela imprensa, enquanto, aparelho modulante do comportamento, eliminando, calando todas as conversações, ideias, resistências e narrativas negativas, reduzindo ainda mais a tensão social e os possíveis agastamentos.

O que por outro lado, ainda se é possível perceber outro desdobramento de poder: o báculo (Igreja Protestante), colocando-se como força elesiástica-conservadora de apoio reforçando a submissão dos indivíduos à figura da legalidade jurídica e democrática do Estado e os poderes que o constituem (presidente) sobre a vida de todos os súditos. Como bem escreveu Thomas Hobbes no seu livro *O Leviatã*

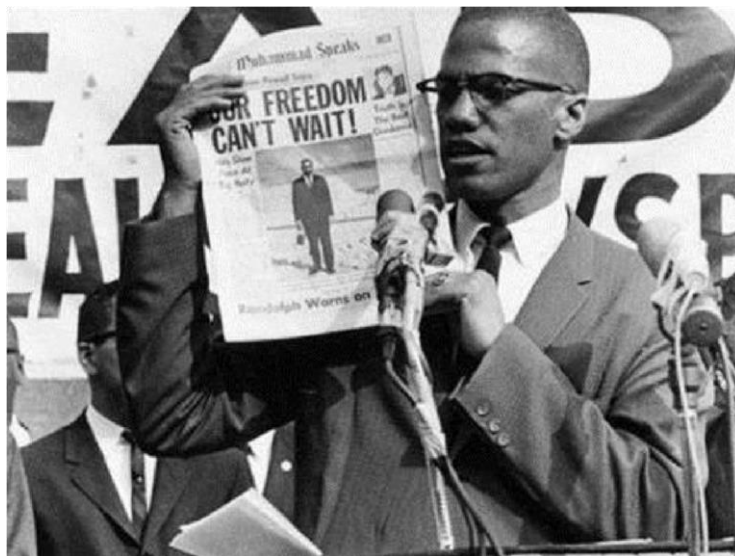


Figura 32: Malcon X
Fonte: biography.com

Outro polo figurante oposto ao anterior, foi o ativista, homem negro surgido no palco ondulante deste conflito pela igualdade racial, Malcon X, um negro declaradamente comunista, sendo um dos defensores do nacionalismo negro estadunidense, foi também fundador da organização para a unidade Afro-Americana com um cunho separatista.

No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. (NOBERT, 1994, p. 35)

O entremear dessas vivências, opostas em suas singularidades e signos aqui retratadas como fios individuais, porém, traçam uma teia sobre o corpo nacional, enredados em torno de um interesse comum, possibilitando diálogos próximos de interrelação, criando um novo entremear de valores no tecido social.

Um fato retratado pela mídia como algo subversivo e desprovido de uma legitimidade em um dado momento, porém, mudou dada a força identitária, íntima e pessoal dos indivíduos, atraindo a simpatia de toda uma classe trabalhadora específica para uma possível e concreta felicidade humana.

Vencer cada dia a escassez e a fome, vencer cada mês as dívidas para roupa e alimento. Um trabalho que é a transformação da matéria, um salário com o objetivo imediato de sobrevivência, criam esta necessidade de fazer a vida intensamente humana. Hoggart acredita ser isto verdade para as classes operárias de todo o mundo. (BOSI, 2009, p.162)



Figura 33: Foto de passeata nacional em 1965.
Fonte: infoglobo.com.br

Toda essa tensão no tecido social estadunidense, serviu para expor ainda mais o papel mercadológico das mídias na transmissão da informação. O jornal como um instrumento espetaculoso, refletindo convenientemente um cotidiano deformado, fermentado por um sensacionalismo e a serviços dos interesses burgueses. Com fatos negativos, catastróficos disseminado o sentimento de insegurança e ao mesmo tempo, de atração por esse medo na violência conveniente entre os leitores/telespectadores, cumprindo uma função social de controle. (BOSI. 2009, p. 162-163)

1.2 O medo a serviço da indústria de consumo.

Introjetando nesse fenômeno conveniente de ameaça a ordem pública, novos padrões culturais, comportamentais de consumo concreto em seu discurso de neutralidade alterando significativamente o tecido social e territorial de um local, definindo assim, sua importância na indústria cultural de consumo no apagamento da cultura popular viva no indivíduo.

Esse “infligimento” cultural da indústria de consumo, trouxe um novo enredo comparativo-discursivo do jornalismo, e ao mesmo tempo, a descrição de novos encadeamentos entre a construção da notícia e a desconstrução do fato, a produção do conhecimento em si, e as novas relações institucionais estabelecidas em seus processos de anulação da cultura popular no sujeito.

Passando à mídia assumir a preponderância sobre as emoções, sentimentos, vontade e inteligência do seu público consumidor-alvo. O contexto do pós-guerra foi carvão para alimentar a cultura do medo no indivíduo, que passa a impregnar como força coletiva desse medo o cenário nacional, escrevendo um novo contexto mundial em plena Guerra Fria.

Os protestos de ruas iniciados na metade da década 1950 nos Estados Unidos foram adicionados a vários protestos de resistências na América Latina. Começando pelos protestos contra a Guerra do Vietnã, e o fortalecimento dos movimentos pacifistas, e finalmente o bloqueio diplomático e comercial de Cuba.

Esse medo disseminado pela grande mídia com os interesses políticosmercadológicos, corroendo os elos que obrigam o Estado a garantir por meio da força a paz, e o sossego nacional, ocasionando alterações comportamentais nos indivíduos impregnando o tecido social.

O medo da morte nuclear iminente, irá alimentar a cultura de consumo deste período. A possibilidade da morte, vai influenciar a literatura e os prognósticos da morte no meio científico. A crise desta expectativa iminente da morte, ganha corpo na escrita de Edgar Morin em um livro *L'Homme et la mort devant l'histoire* [o homem e a morte diante da História].

Confronto pânico em um clima de angústia de neurose e niilismo, que toma a “forma de verdadeira crise da individualidade diante da morte” e, sem dúvida, vê-lo-emos *in fini*, trata-se simplesmente de uma crise da individualidade. (ARIÈS, 2017, p. 210)

A década de 1960, foi a desembocadura dos fatos encadeados na década anterior, desaguando nas sociedades latino-americanas, e aqui, em especial no Brasil, experimentavam uma degradação de sua felicidade, com uma acentuação deteriorante da segurança pública, a insegurança econômica que gerava milhões de desempregados, pautava as diretrizes políticas, sociais e infligiam na classe trabalhadora uma moral sufocante.

Por aqui, o voto parecia não dar os resultados as expectativas de esperanças depositadas pelos pobres nas urnas, enquanto isso, a classe mais abastada lucrava com a crise. Percebe-se, aqui, uma estratégia da direita liberal, onde não se adiantava votar, pois, a maioria dos indivíduos que compunham o cenário político, tinham semelhanças aproximativas entre si, eram representantes políticos eleitos eram brancos, ricos, com berço na tradição familiar na participação política, e com posicionamento liberalista nos interesses econômicos, formando a minoria condutora da população.

O povo então sem nenhuma alternativa político-social concreta de felicidade como direito a todo cidadão, volta-se a outra variante de semelhança liberal: o surgimento de alternativas espirituais que as massas buscavam para ter uma esperança de felicidade; o que contribui para a proliferação de igrejas neopentecostais no Brasil com forte cunho liberalista estadunidense.

Aqui foi implantada uma estratégia para atingir grandes massas de indivíduos, seguindo o modelo estadunidense, de evangelismo coletivo; grandes cruzadas que atraíam milhares de pessoas, vindas das classes trabalhadores, moradores de favelas, analfabetos, servidores públicos, quem era pobre e nem visto como cidadão na época, sem direitos suficientes, estavam automaticamente excluídos da vida e da dignidade de ser, gente com fome de felicidade e esperança.

O que nos leva a perceber é que o indivíduo que passa a procurar uma alternativa de felicidade e esperança na religião, é porque o sistema que ele votou para ter esperança e dignidade, que é o liberalismo lhe nega mais ainda essa possibilidade.

Sem deixar dúvidas que essa estratégia de intervir na cultura das classes ou grupos excluídos é uma figura de intervenção na existência e sobrevivência dos mesmos. A anulação do próprio indivíduo, que perder sua singularidade no discurso modelador tirando dele sua atenção de um indivíduo sufocado e explorado, para a esperança de pertencer a um corpo eterno de felicidade plena.

O cenário internacional polarizado pela guerra fria, desta década foi favorável ao estabelecimento do período de implantação das ditaduras latino-americanas, com a finalidade de combater o inimigo da vida do Estado: o Comunismo.

No mesmo ano da renúncia do presidente Jânio Quadros, em 1961, o serviço de inteligência de espionagem do FBI, traçou uma estratégia para barrar as possibilidades das massas latinas de simpatizarem com os investimentos soviéticos em Cuba. Levando o governo estadunidenses a criação de uma Aliança para o Progresso.

Eram anos da guerra fria entre os aliados dos Estados Unidos e da União Soviética, mas surgiam esperanças de alternativas libertadoras no Terceiro mundo, até no Brasil, que vivia um processo acelerado de urbanização e modernização da sociedade. Naquele contexto, certos partidos e movimentos de esquerda, seus intelectuais e artistas valorizavam a ação para mudar a história, para construir o homem novo, nos termos de Marx e Che Guevara. (RIDENTE, 2013, p. 135)

Um programa instaurado pelo governo estadunidense, juntamente com lideranças latinas, o que chama a atenção é a participação de militares de alta patente, empresários e políticos conservadores de direita, como Juscelino Kubitschek, e o argentino, Raul Prebisch sem esquecer também a presença de Che Guevara, que se retirou do evento por ser contrário à proposta estratégica da manutenção política estadunidense sobre os governos dos países latinos.

Uma estratégia que levou em consideração um investimento bilionário, para conter as diferenças sociais e econômicas, bem como também, ações de combate à miséria, ações que num primeiro momento se travestiam de solidariedade humanitária e inclusiva, porém, escondia o seu real interesse dos capitalistas: evitar que as notícias de melhorias sociais provocadas pela URSS em Cuba, atraísse a simpatia desta massa latina de gente infeliz e sem esperança.

Conclamo todos os povos do hemisfério a juntar-se em uma Nova Aliança pelo Progresso, um esforço cooperativo, sem paralelo em sua magnitude e nobreza de propósito, para satisfazer as necessidades básicas dos povos americanos por casa, trabalho ³e terra, saúde e escola. (Discurso de John F. Kennedy)

Paralelamente aqui no Brasil acontecia um movimento liderado por Leonel Brizola, como Legalidade, uma mobilização de 14 dias civil/militar, que ocorreu após a renúncia do então presidente Jânio Quadros, buscando consolidar a legalidade constitucional da posse do vice-presidente, João Goulart, visto com desgosto por uma parcela da elite liberal com o apoio de altas patentes militares, políticos e empresários.



Figura 34: Foto da sede do governo em apoio a Brizola e Jango.
Fonte: mundoeducacao.uol.com.br



Figura 35: Foto arquivo de 1961
Fonte: aventurasnahistoria.uol.com.br

Foi o sul e sudeste que reivindicaram nas portas dos quartéis a segurança jurídica constitucional da posse de João Goulart, esse movimento foi o termômetro para

³ <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/alianca>.

os fatos que iriam se desenrolar no cenário político nacional e sua adequação ao contexto político estadunidense.



Figura 36: Foto de arquivo público.
Fonte: aventurasnahistoria.uol.com.br

Esse fato infelizmente não é tema dos livros didáticos da escola pública, um fato que vai na contramão da nossa recente história; o povo nas portas dos quartéis exigindo a manutenção da ordem jurídica pelas vias constitucionais, desagradando constrangedoramente os militares que eram a favor de um rompimento democrático (golpe militar).

A força do movimento fez recuar temporariamente os interesses capitalista do mercado internacional, liderados pela conveniência estratégica dos Estados Unidos, aliados aos interesses liberais nacionais num acordo costurado pela inteligência de espionagem do FBI, junto ao alto escalão militar brasileiro. Sendo consolidado tais interesses e acordos em 1964 com o um golpe militar contra a democracia brasileira. João Goulart toma pose, porém, fica acertado com as forças militares e setores privados nacional um acordo conveniente aos grupos de mando e poder nacional. Dessa visão severa, dos fatos, porém realista, resta revigorar a ideia bebendo a definição exata de Bosi:

A indústria cultural, como toda indústria, é um sistema que não se articula a partir do consumidor (no caso, a partir das relações concretas entre os homens e a sociedade), mas em função de um público-massa, abstrato, porque homogêneo, nivelado a priori pelas instituições que produzem e difundem as mensagens. (BOSI, 2009, p.72)

Os elementos e fatos até aqui elencados nos trazem um momento convergente de nossa história republicana, um encontro entre as fronteiras políticas e culturais, no contexto incorporados na vida pública, transbordando para a vida privada por sentimentos semelhantes entre os indivíduos, ao mesmo tempo em que o país

experimentava um processo acelerado de urbanização desenfreada e modernização da sociedade capitalista.

O cheiro de revolução pairava nos ares do Brasil. Esse sentimento foi tão forte no imaginário coletivo, que o golpe militar de 1964, se autodenominou revolucionário. Percebe-se o embrião para o nascimento desse novo homem brasileiro, um indivíduo com raízes afincadas no patriotismo, mesmo que estivesse contaminado pela percepção gerada pela desigualdade capitalista modernista, se mostrava amordaçado pelo silêncio impositivo dos meios de produção cultural, que romantiza a miséria, impedindo a real expressão, solitária de sua exclusão social e econômica como indivíduo.

Iniciava-se então, o tortuoso processo da racionalização capitalista sobre o tecido social brasileiro. Uma reafirmação romântica das tradições da identidade nacionalista com sua base modernista enraizada no passado. Segundo contextualizado por Ridente:

A modernidade capitalista-desenvolvida ao longo do século XX, com a crescente industrialização e urbanização, avanços do complexo industrial-financeiro, expansão das classes medias, extensão do trabalho assalariado e da racionalidade capitalista também ao campo etc- viria a consolidar-se com o desenvolvimentismo de 1950 e especialmente após o movimento de 1964, implementador da modernização conservadora, associada ao capitalismo internacional, com pesados investimentos de um Estado autoritário, sem contrapartida de direitos e cidadania aos trabalhadores. Uma parte da intelectualidade brasileira, particularmente no meio artístico, viria a polarizar-se criticamente nesse processo. (RIDENTI, 2013, p. 137)

Nota-se, então, vestígios de uma fragmentação social do indivíduo, dificultando sua própria identificação de pertencimento de seus grupos sociais, desonerando sua simetria subjetiva coletiva e neutralizando, assim, as pautas aos projetos coletivos de resistência e existência, ligando-se com a teia reflexiva de Bosi: “As classes podem, às vezes, ser cimentadas com o nacionalismo que se torna mais violento à medida que elas se distanciam economicamente.” (BOSI, 2009, p. 73)

Com a substituição identitária/subjetiva de ressignificação dos elementos nacionalistas convenientes as exigências capitalistas externas, submetendo o mercado nacional, apagando-se a individualidade cultural do sujeito, na modificação de novos elementos e símbolos sobre sua memória, impactando numa letargia consumista sobre

todo um corpo memorialístico de um povo. Essa nova unidade de ressignificação dos símbolos nacionalistas, passa a contar com a própria estrutura da tradição que as criou, e as impregnou de uma valoração significativa reconhecida pela própria sociedade. (BOSI, 2009)

Com a ambição de interesses do mercado internacional somado ao discurso da insegurança e medo da guerra fria, se associava então, a novos valores fenomenais de produção e consumo, passando a exigir uma readequação utópica ao comportamento e aos meios de sobrevivência do indivíduo no Brasil. Um cenário conflitivo inundado por ondas econômicas, políticas, cultural, provocando choques e desencontros, provocando no indivíduo não mais uma digital baseada na democracia ou na cidadania, mas no próprio espírito da revolução, conveniente com as forças das ondas antagônicas, ou em dados momentos aliados, o sujeito era engolido, ou cuspidado (marginalizado) do enredo conveniente ao movimento brusco das ondas, convergindo novas ondas comportamentais em sua teia relacional.

Foi justamente nessa recolocação da identidade nacional que representava o atraso, subdesenvolvimento, onde a cultura ganhou ares de resistência, justamente na onda desenvolvimentista surgida ainda na era Vargas com o intervencionismo do Estado. Contornado ainda mais, essa busca pelo espírito fundante da alma do povo brasileiro, como no filme *Deus e Diabo na terra do Sol*, Glauber Rocha, em 1963.

O que segundo Ridente é a máxima do romantismo cultural de resistência, que aqui incorporava os anseios da juventude mundial dos anos da guerra fria. O combate a relativização da pobreza, a luta pela igualdade de gêneros, pelo reconhecimento dos direitos gays. Foram pautas tidas como de esquerdas e assumidas pelas chamadas artes de resistências.

O mercado de consumo, principalmente da moda, época pela produção em larga escala em acessórios, bolsas, perfumes, o como o estilista Ives Saint Laurent, o indivíduo pertencente ao seletivo grupo de produção industrial do luxo da burguesia, torna-se um excelente objeto de análise, das transformações mercadológicas em pleno cenário de guerra fria.

Para relacionar essas coisas, umas com as outras, como mercadorias, tem seus responsáveis de comportar-se, reciprocamente, como pessoas cuja vontade reside nessas coisas, de modo que um só se apossa da mercadoria do outro, alienando a sua, mediante o consentimento do outro, através, portanto, de um ato voluntário comum. (MARX, 2019, p. 109). Saint Laurent, passa então, fazer parte de uma consequência

possível de análise específica do pensamento humano da época, facilitando a compreensão do processo sócio-histórico temporal em suas transições e combinações aqui em específico. (ELIAS, 1994). Sendo um produtor fugaz da vaidade de consumo cara e luxuoso, ele tornou-se um produto de consumo, devido a sua criatividade, metamorfoseou-se num objeto de desejos consumistas icônicos escondidos na vaidade da alma.

Suas iniciais são aferroadas em roupas, acessórios, moveis, itens de decoração, perfumes, que representavam individualidade acima dos demais. Uma marca que dizia muito a respeito de quem as ostentava naquele momento, uma ferramenta de verdadeira diferenciação social. “O produto satisfaz hoje determinada necessidade social. Amanhã perde, talvez, sua posição parcial ou totalmente, para um produto semelhante.” (MARX, 2019, p.133).

Ele é a transformação do sujeito em um produto de consumo. As iniciais de seu nome ganham uma valoração de significantes necessários à constituição do produto de consumo. Seu nome se transforma em ações nas principais bolsas de valores do mundo. Delineando as novas transformações do mercado mundial, aliadas as expectativas da indústria sobre o indivíduo, beneficiando naquele exato momento um novo desdobramento do capitalismo mundo afora, numa marca industrial do *status*, consumo e luxo mundial, uma ferramenta capitalista de consumo, onde o objetivo é excluir muito mais que incluir o próprio indivíduo.

As pessoas só podem conviver harmonicamente como sociedades quando suas necessidades e metas socialmente formadas, na condição de indivíduos, conseguem chegar a um alto nível de realização; e o alto nível de realização individual só pode ser atingido quando a estrutura social formada e mantida pelas ações dos próprios indivíduos é construída de maneira a não levar constantemente a tensões destrutivas nos grupos e indivíduos. (NOBERT, 1994, p.122). Um luxo do capitalismo consumista, alimentado pelo financiamento do tráfico de armas estadunidense para o Oriente Médio, anos mais tarde, explodiria na Guerra do Golfo um embate bélico-militar, travado entre o Iraque e as forças de coalização liderados pelos Estados Unidos. Já na África eram as balas russas que iriam alimentar as metralhadoras AK-47 colocadas nas mãos de crianças raptadas, treinadas e transformadas em soldados das milícias africanas. Um negócio lucrativo negociado a peso de diamantes, que passaram para a história como os diamantes de sangue. “Elas (indivíduos) fitam com assombro

as reviravoltas e formação do fluxo histórico que elas mesmas constituem, mas não controlam.” (ELIA, 1994, p. 58)



Figura 36: Foto pública.
Fonte: aliancafrancesa.com.br

O exemplo acima se contextualiza com o que Edgar Morin, chamou de “L’industrie culturelle”, segundo a qual as potências industriais de consumo e cultura, teriam começado a colonizar um novo continente, rico em inteligência, vontade, sonhos, desejos e imaginação: A alma humana. Desencadeando o surgimento de grandes e novos complexos de produção numa teia de encadeamento classificatório de indivíduos pelo consumo.



Figura 36: A liberdade feminina no guarda-roupas masculino.
Fonte: vogue.globo.com

A moda será uma pele da serpente icônica da década de 1960. A minissaia será uma peça revolucionária, um divisor de águas na história das mulheres do Ocidente.

Será de Saint Laurent, os cortes geométricos. Seus ternos unissex e andrógenos, serão a tradução das vozes e bandeiras da cultura de resistência vindas das ruas do mundo.

O jeans das jaquetas militares da sua coleção, serão copiadas pelos grandes conglomerados de roupas de varejo, essa cascata de produção em massa de produtos de consumo, vinculam-se a duas forças fenomenais da mídia de massa: o da mensagem e das forças produtoras. Conseqüentemente, Morin vai além, tratando-se de uma abordagem contextual, temporal e estruturalista. “O produto satisfaz hoje determinada necessidade social. Amanhã perde, talvez, sua posição, parcial ou totalmente, para um produto semelhante. (MARX, 2019, p. 133).

Laurent, é um excelente fio de análise, pois, em sua passarela ao colocar os temas de manifestações sociais; como direito ao aborto, direitos gays, igualdade de direitos entre homens e mulheres e por direito a segurança do trabalho e a salários dignos aos trabalhadores.

Neste contexto mundial (macro) do consumo e manutenção das redes de poder sobre a massa, Jaber Xaud carrega os fios regionais elementais da manutenção de poder sobre o imaginário espacial roraimense, sim ao se tornar um eletrodo de referência de consumo. Ele ganha o apoio de grupos familiares seus que também eram comerciantes, agregando força em torno de seu nome, ajudando a fortalecer o consumo de produtos em torno do comércio local, conseqüentemente trazendo dividendos políticos aos grupos de força.

O finado Che Guevara ficaria surpreso e profundamente irritado se soubesse que sua fotografia é agora capa da *Evergreen Review*, que sua personalidade é tema de um artigo na revista *Vogue* e que seu nome é uma escusa ostensiva para certo exibicionismo homossexual em um teatro de Nova York (ver o *Observer* de 8 de maio de 1969). (HOBSBAWM,1999, p.325)

Reivindicações justas dos movimentos revestidos por toda uma legitimidade histórica, ele as transforma numa nova isca narrativa e conveniente na mídia produtora de consumo e comportamentos, homogeneizando todos estes anseios, em comentários oportunos de desconstrução das legitimidades destes grupos em uma tendência transitória e banal do consumo conveniente a indústria cultural do comportamento humano.

O objetivo nesta perspectiva é o lucro que compensa o investimento e que é só o alto consumo pode propiciar. Como alcançá-lo? Atraindo com um número maior de iscas (sincretismo), mas com uma

linguagem acessível ao maior número de consumidores (homogeneização). (BOSI, 2009, p. 66).

Convertendo a exploração da força de trabalho e o silenciamento dos excluídos, numa coleção que lucraria milhões de dólares, justamente com a exploração de mão de obra. Rendendo capas nas principais revistas de moda e comportamento no mundo, sendo comentado nos principais telejornais, reforçando a perspectiva do lucro estratosférico, que só o consumo pode dar.

Aqui trata-se de uma subordinação dos fatos a meras fórmulas de efeito. É a transformação da notícia dos movimentos sociais reduzidos a comentários bizarros e romantizados, apresentados como novos produtos ao consumidor seja ele, telespectador, ouvinte ou leitor, é o que Morin chama de sincretismo homogeneizado.

(BOSI, 2009). Toda cultura esta constituída por “padrões -modelos”, que ordenam os sonhos e atitudes. A análise estrutural nos mostra que os mitos e as atitudes culturais se podem reduzir a estruturas matemáticas; a indústria pode, em princípio, criar *standards* ⁴a partir de padrõesmodelos culturais. (MORIN, 1961, p. 41)

No contexto nacional será impossível plantar o futuro sem olhar para o retrovisor do passado. O debate do futuro se mostrava inútil sem a presença do passado. Favorecendo dessa forma o conservadorismo que via o povo como uma unidade identitária única e conveniente, invisibilizando o indígena, o negro favelado, a mulher negra, uma falsa e pacífica singularidade normalizando o homem ganhar mais que a mulher no desempenho da mesma função no mercado de trabalho.

O que por outro lado, não se pode deixar de destacar aqui o papel fundamental do teatro no cenário nacional conturbado de 1960. Trago aqui como exemplo, o grupo de teatro formado por filhos de pais militantes do P.C.B*., o T.P.E. (Teatro Paulista de Estudantes). Esse grupo foi quem começou a escrever um novo capítulo na história do teatro nacional, ainda na segunda metade da década de 1950. Um período de busca da alma brasileira, sem abrir mão do lastro político partidário.

Essa associação de jovens atores, fez uma verdadeira renovação na linguagem dramaturgica nacional, levando ao palco o cotidiano dos trabalhadores da grande São Paulo, estreando em 1958 a peça *Eles não usam black-tie* de Gianfrancesco Guarnieri.

Esse grupo de jovens atores compostos por nomes como Gianfrancesco Guarnieri,

⁴ MORIN,E. L'industrie culturelle. In: Communications,1,1961.

Viana filho, Vera Gertel, foram os brotos responsáveis pelo reflorescer da arte teatral engajada, que iriam desempenhar um protagonismo próprio no teatro brasileiro: Teatro de Arena, Centros Populares de Cultura (CPC), e Teatro Opinião.

A peça era carregada da expressão da palavra violência que marcaria a década de 1960, em seus significados sobre os trabalhadores do brasileiros e os detentores dos meios de produção e a força repressora do Estado, visibilizando de modo indireto luz sobre os tipos de violências impostos no cotidiano dos menos favorecidos de nossa sociedade, trazendo para a luz dos palcos a negação da felicidade à massa trabalhadora, sufocando violentamente as mulheres das fábricas, separando os trabalhadores pela miséria ideológica conveniente ao capital e lucro do patrão, tudo isso, através do palco e mais tarde nas salas de cinemas do país. O que por outro lado, contribuía ao falso discurso da ditadura que se promovia como regime democrático.

As ideias predominantes do pensamento liberal não tornam as coisas mais fáceis, já que adotam uma dicotomia totalmente irreal entre “violência” ou “força física” (má e retrógrada) e “não-violência” ou “força moral” (boa e resultado de progresso). (HOBBSAWM,1999, p. 318)

A partir disso, passaram a surgir os seminários de dramaturgia, que aconteciam nos palcos das escolas de artes, nos teatros e nas universidades. Foi um momento de incentivo à produção nacional, uma oportunidade de expressão dos dilemas do povo, com a voz do teatro.

Foi sob o comando e orientação de Augusto Boal, que se foi possível recria o método de Stanislavski, numa busca pela essência verdadeira da dramaturgia brasileira, até o ano de 1968, com a edição do Ato Institucional nº 5. Já no campo cinematográfico nacional o signo de referência será Glauber rocha com o cinema novo, entre nomes como: Cacá Diegues, Arnaldo Jabor, Zelito Viana e Paulo Cesar Saraceni. Nomes que irão desempenhar uma grande reflexão sobre a realidade e a identidade do cinema nacional.

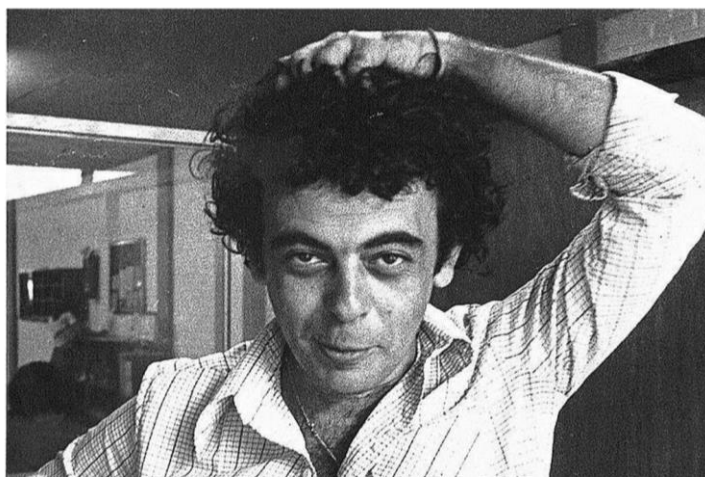


Figura 36: Glauber Rocha-Foto pública.
Fonte: google.com

Glauber Rocha segue para as telas do cinema a vida e a força reinventora da Cultura popular, em sua teimosia de sobreviver e se ligar com raízes resistentes a narrativa dos tempos, uma reelaboração constante, possibilitando o eterno fazer da vida nas mãos da cultura. Glauber, em seu filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, afirma que a Cultura brasileira não está morta num museu, porém viva, nos ventos onde os olhos dos poderosos não chegam.

Esse grupo e cineastas tinham como proposta em comum uma produção independente com baixo custo, com temática recorrente às suas produções nas dificuldades do homem simples (indivíduo) do povo brasileiro. O cinema brasileiro nesse momento específico, como parte dos esquemas oficiais, apontada por Gramsci, será o receptor da contraposição da cultura popular, em sua resiliência, pujança criadora, inventiva e viva, transparecendo na rusticidade dos seus personagens a teimosia da vida através da cultura popular.

Uma análise da alma do indivíduo brasileiro e as peculiaridades de sua personalidade que se ligam aos aspectos da sociedade tão injustamente diferenciada como a nossa, expostas na grande tela do cinema. O burguês crê viver “racionalmente” o progresso; já o homem do povo viveria miticamente as tradições. Nessa altura o artista culto usa o folclore como elemento pitoresco, fonte de cor local, mas fica nos limites do descritivo, sem entender o homem que está sob os elementos folclóricos (BOSI.2009, p. 80).

1.3 A resistência ao medo através da cultura.

Glauber Rocha, na rota da cultura popular consegue tear o passado e o presente, o feio e o belo, o arcaico e novo numa nova contextualização da linguagem cinematografia.



Figura 37: Cena do filme Deus e o Diabo na terra do Sol.
Fonte adorocinema.com

Um trabalho cinematográfico que visibiliza a percepção dos padrões básicos das estruturas formadoras personalidade desse indivíduo, carregando seus conflitos, anseios e raiva, tudo isso, num contexto nada harmônico com as estruturas sociais, que tão bem conhecemos. (Elias.1994, p.123/124)

Com o golpe de 1964, os artistas de todas as ramificações, passaram a se organizar em protestos contra o golpe militar e a instauração da ditadura, nos palcos dos teatros, panfletos, algumas marchas nas ruas contavam com estrelas do teatro e rádio era o início dos anos de chumbo.

A repressão militar passou a sufocar as produções teatrais, tal repressão começou a invisibilizar o teatro engajado. Um período onde a reação dos grupos de atores, cantores, produtores, professores, servidores públicos, gente organizações populares, desencadeando uma variedade em graus diversos de violência.

Nesse período como testemunha Carlos Nelson Coutinho, “a esquerda era forte na cultura e em nada mais. É uma coisa muito estranha. Os sindicatos reprimidos, a imprensa operária completamente ausente. E onde a esquerda era forte? Na cultura. (RIDENTI, 2013, p. 142-143)

O show Opinião, contava com nomes como Ferreira Gullar, João das Neves e Vianinha entre outros. Esse espetáculo foi a marca de encontro entre o teatro e a música popular brasileira, um movimento que começou muito antes do golpe, mas que seguia um contexto de resistência após, contava com nomes como, Nara Leão e a inapagável Maria Bethânia. As vozes da esquerda encantavam muito mais que a marcha das botas nos desfiles oficiais, era a contracultura que devorava tudo que não era tupiniquim.



Figura 37: Canção de protesto contra a ditadura militar em 1964.
Fonte: google.com

Maria Bethânia, uma baiana e irmã de Caetano Veloso, ao lado de Gilberto Gil e Gal Costa, Tom Zé, entre outros nomes, serão a expressão artística musical, nova, rebelde e era no palco onde a música se mostrava carregada de uma teatralidade de denúncia, conectando-se com o teatro, artes plásticas, cinema e a poesia.

É provável que os únicos usos de força incontroláveis sejam os daqueles de posição social superior contra seus inferiores sociais (os quais, quase por definição, não tem direitos contra os primeiros), e mesmo neste caso possivelmente há algumas regras. (HOBBSAWM,1999, p.319)

O tropicalismo foi uma das várias consolidações entre o teatro e a música, um movimento carregado de um invencionismo que fugia do convencional, preservando sua brasilidade, numa autoafirmação cultural de terceiro mundismo mesmo tempo, conseguindo levar ao palco musical o que Glauber Rocha levou às telas de cinema por aqui.

Lá fora tinha John Lennon, pregando “paz e amor” abrindo nessa linha de protesto e resistência política através da música, abrindo e revelando no cenário musical novos indivíduos como Janis Joplin, Jimmy Hendrix, The Mamas and The Papas, vozes que cantavam contra o racismo e à guerra do Vietnã, em 1968.

Não podemos deixar de fora o cenário musical inglês, com os Beatles e os Rolling Stones, afinados assim como os estadunidenses com a contracultura, e ao mesmo tempo inseridas no mercado e na indústria cultural.



Figura 38: Banda Rolling Stones em 1960.
Fonte: www12.senado.leg.br

Marx lança luz nesse processo de exploração e transformação da contracultura como uma mercadoria oportuna e lucrativa da indústria fonográfica em um contexto próprio de nossa recente temporalidade histórica-social:

Os homens procedem de maneira atomística no processo de produção social e suas relações de produção assumem uma configuração material que não depende de seu controle e nem de sua ação consciente individual. (MARX, 2019, p.117).

Já aqui no Brasil a temperatura digestiva contextual da contracultura, e suas influências por aqui, irão se esbarrar na resistência chamada “nacional-popular” como definiu Hélio Oiticica:

Tropicália é a primeiríssima tentativa consciente, objetiva, de impor uma imagem obviamente ‘brasileira’ ao contexto atual da vanguarda e das manifestações em geral da arte nacional”; e ainda: “Para criação de uma verdadeira cultura brasileira, característica e forte, expressiva ao menos, essa herança maldita europeia e americana terá que ser absolvida, antropofagicamente, pela negra e índia de nossa terra. (RIDENTI, 2013, p. 147)



Figura 39: Hélio Oiticica Foto pública.

Fonte: <https://www.google.com/search?q=fotos+de+helio+oiticica&tbm=>

“Eu tinha a ideia de me apropriar de lugares que eu amava, de lugares reais, onde eu me sentia vivo. Na realidade, o penetrável Tropicália, na sua multiplicidade de ideias tropicais, era um tipo de condensação de ideias de lugares reais. Tropicália é um tipo de mapa. Um mapa do Rio e um mapa da minha imaginação. É um mapa dentro do qual se pode entrar.” (Hélio Oiticica)⁵

Hélio conseguia traduzir a cultura brasileira num corpo capaz, dotado de uma racionalidade própria, antropofágico e robusto uma reelaboração temporal-histórico ao canibalismo tupinambá descrito por Florestan Fernandes.

Um tupinambá dotado do espontâneo desejo em devorar o oposto, o outro, suas virtudes, qualidades e forças, robustecendo sua nacionalidade tupi, um vislumbre da psicologia da Cultura Popular em se ligar a outros agentes e estruturas ideológicas, alimentando-se dos recursos que lhe podem oferecer, preservando sua força vital intacta, transmutada, elasticada, uma reatualização de si própria.

Tanto do ponto de vista histórico quanto do funcional, a cultura popular pode atravessar a cultura de massa tomando seus elementos e transfigurando esse cotidiano em arte. Ela pode assimilar novos significados em um fluxo contínuo e dialético. (BOSI.2009, p. 80) As lentes imagéticas abrem-se numa percepção dialética espiralada da cultura brasileira nas falas e ideias de Hélio Oiticica, como um grande e forte guerreiro tupinambá atemporal, identitário uma raiz do ontem no hoje protegida pelas armas dos Orixás africanos.

⁵ revistacaliban.net

Percebemos a força devoradora da cultura popular, manifestada, reinventada, relida numa versão de produto da cultura de massa para consumo, sem perder sua legitimidade. Uma força vital assombradora para a burguesia branca e elitista que embora brasileira, subestime os heróis, curandeiros, encantados e mitos que saltaram da imaginação criativa, resistente e reiventivamente teimoso no indivíduo.

Uma resistência saída das águas cristalinas de cachoeiras e rios hoje esgotos a céu aberto, saltaram das densas matas, para os morros, das senzalas para as favelas, tiraram os pés da terra úmida para o cimento grosso. São eles, os mitos os guardiões da memória coletiva, se reinventam, nunca se calam, nunca envelhecem, nunca morrem, são a resistência em constata transformação.

Numa contextualização existentemente devoradora e legitimadora das lutas das classes excluídas formadas de: negros, pobres trabalhadores, gente do candomblé, moradores de ruas, enfim, as migalhas que apesar de serem violentadas e pisadas, se reinventam em sua própria existência, uma reinvenção que utiliza os meios da comunicação de massa sem se perder nela, como canta Maju:

Africaniei

Sou angolano, africano
Índio, riquenho, mexicano
Preto, amarelo, pardo
Sou mistura, Brasileiro nato
Isso não vem do branco
Pegando minha kora
Congo, agogô, meu banto
Pra salsar as almas do meu bando Procedo à identidade Afro Pop aos
niggas da laje
Nas favelas décalé já sabem?
Te apresento os meus ancestrais
Africaniei
Africaniei
Sou angolano, africano
Índio, riquenho, mexicano
Preto, amarelo, pardo
Sou mistura, Brasileiro nato
Isso não vem do branco
Pegando minha kora
Congo, agogô, meu banto
Pra salsar as almas do meu bando Procedo à identidade Afro Pop aos
niggas da laje Nas favelas décalé já sabem?
Te apresento os meus ancestrais
Africaniei⁶

⁶ Maju- Africaniei- Disponível <https://www.google.com/search?q=letra+da+musica+africani>



Figura 40: Capa do disco Tropicália ou Panis et Circensis-1968.

Fonte: <https://arteref.com/movimentos/a-tropicalia-e-12-curiosidades-que-voce-precisa-conhecer>

O Tropicalismo sublinhou o desfecho do “ensaio geral de socialização da cultura. (Usando o termo de Walnice Nogueira Galvão-1994) Esse disco foi um marco da contracultura nacional em um cenário político conturbado, perigoso e violento, com gente sendo retirada a força dos ônibus, estudantes presos, polícia invadindo casa de professor, prendedor opositores políticos em nome da segurança nacional.

Nos anos do regime militar (tratado convenientemente como revolucionário), a constituição foi derrubada, sendo substituídas por um conjunto denominado Atos Institucionais. Que formaram um conjunto legislativo de normas, que dariam aos militares, total poder sobre a vida cotidiana e modular do indivíduo. O Ato Institucional nº 5, foi o mais cruel instrumento jurídico para perseguir, torturar, matar e extraditar os desafetos do regime militar brasileiro. Levando a compreender a diferenciação quanto ao emprego variado da violência sobre o tecido nacional durante os anos de chumbo:

Estamos provavelmente, uma vez mais, entrando em uma era de violência no interior das sociedades, o que não deve ser confundido com o crescimento dos conflitos destrutivos entre sociedades. Por isso, é melhor entendamos os empregos sociais da violência aprendendo, uma vez mais, a construir ou reconstruir regras sistemática para a mesma. (HOBBSAWM.1999, p. 322).

Foi promulgado em 13 de dezembro de 1968, pelo presidente militar Arthur da Costa e Silva, esse documento suspendia o que restava das garantias constitucionais,

institucionalizando a tortura militar, passando a ter poder intervencionista nos estados e municípios. Como então se explica a ausência de uma posição de revolta de nossa sociedade civil diante das atrocidades do regime? Bosi traz essa resposta. Uma sociedade que se quer democrática não deve delegar aos meios de massa tais poderes de persuasão e de transmissão cultural:

Em virtude da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a autonomia e a consciência. A ordem que daí surge não é jamais confrontada com o que pretende ser, nem com os interesses reais dos homens (...). Pretendendo ser o guia dos perplexos e apresentando-lhes de maneira enganosa os conflitos que (os receptores) devem confundir com os seus, a indústria cultural não resolve conflitos a não em aparência, do mesmo modo que lhe seria impossível resolvê-los na vida.

Desse modo, as mensagens veiculadas traduzem situações verossímeis, capazes de suscitar reações dos receptores; mas, em vez de aprofundar e esclarecer os problemas humanos inerentes a essas situações, a cultura industrial manipula ilusões ou, no melhor dos casos, repete lugares-comuns da ideologia comum. (BOSI, 2009, p.71/72).

Nestes ares cheirando a chumbo e escapamentos de fumaça dos jipes dos quartéis, o disco se coloca como um posicionamento cultural e político. Os tropicalistas, carregavam um certo alívio psicológico subjetivo em suas melodias e modos, sendo vistos como comunistas, subversivos, essa obra fonográfica assumiu-se dessa forma sob o viés do AI-5, como uma disco manifesto.

Que ninguém se iluda: não há como voltar as circunstâncias do passado. É sabido que a tendência à fragmentação social do capitalismo de hoje dificulta projetos coletivos alternativos, como aqueles dos anos de 1960. (RIDENTI, 2013, p. 163).

Até uma pequena contextualização de um recorte específico de nossa história recente, um pequeno recorte do papel da cultura como lugar de uma narrativa de resistência, de uma memória que não se deixa caducar, um passado que insiste em permanecer vivo no hoje.

Jaber Xaud, no espaço fronteiro da Amazônia irá ocupar um espaço conveniente a ideia do tropicalismo no imaginário dos jovens roraimenses estampados nas roupas, calças bocas de sino, perucas e vestidinhos tubos, onde os rapazes se vestiam de jaquetas jeans, calças parecidas com as do cantor Erasmo Carlos, motocicletas, brilhantinas e violões. Todos estes elementos que se espalharam no corpo nacional em Roraima terá um espaço apropriado: O palco do programa *Jaber Xaud Show*.

1.4 A ditadura na memória de um manauara.

A morte iguala todos os homens, sim é por causa dela que os homens sempre buscaram escapar ao apagamento das lembranças, sobreviver de alguma maneira na eternidade temporal dos vivos em suas lembranças e recordações. A morte de um indivíduo entre os séculos XIX e XX, se revestiu de um certo exagero do luto, o que demonstra que o temor da morte já não é temido por ela em si, mas na morte do outro, um fenômeno não meramente mais, religioso, mas que a transfere ao campo sociológico.

A morte do moribundo é resumida nesse pequeno espaço e nesse curto momento e, qualquer que seja ela, está agora no centro do mundo natural e sobrenatural. A morte é o lugar da tomada de consciência do indivíduo. (ARIÈS.2017, p. 250)

O ritual contemporâneo dedicado pelos vivos aos mortos, aproximou ainda mais as narrativas privadas, tornando lembranças domésticas, em magma emocional, de laços forjados em os mais difusos sentimentos como amor ou arrependimento, e mais tarde podem tornar-se em objetos públicos de análises e estudos.

Provocando inquietudes de como foram moldadas no seu cotidiano, dividido entre presente e passado, analisando a racionalidade em suas atitudes, suas crenças ou talvez a ausência da fé, seu contexto histórico dentro da temporalidade de sua sociedade.

Viabilizando, assim, rastrear os passos dos mortos no tempo dando aos vivos conceber uma trajetória cambiante de si e do outro, um relato dos fatos não tão distante, porém, próximos de si, de seus hábitos, seu cotidiano e sua realidade contextual em seu grupo social, ligando semelhanças do ontem e do hoje entre indivíduos que viveram e indivíduos que morreram. Vemos nestes regate memorialístico um esvaziamento da própria morte do indivíduo, que dialoga com novos prismas pertencentes ao outro, enquanto, indivíduo em suas teias relacionais em um contexto de coletividade e transformação social, transcendendo a barreira do ontem.

A memória pode ressignificar a subjetividade existencial do sujeito do hoje, ela traz elementos que denunciam a manutenção dos terrenos limítrofes da sua felicidade, imposta por toda uma rede construída para exaurir suas forças, com condições de trabalho que o isole em um fenômeno de segregação provocada pelo cansaço.

Uma marginalização capitalista, produzida e mantida pela cultura de consumo, que o retira de ritos comuns como do homem sociável como festas, churrasco com os amigos no quintal de casa, induzindo sua escolha a ficar sentado todos os finais de semana diante da programação do domingo no sofá. (BOSI. 2009).

Ela pode ressignificar o sentido de felicidade do indivíduo, viabilizando a ruptura com as barreiras impostas pela burguesia da indústria da cultura de massa, os registros narrativos de uma memória de um indivíduo morto, pode trazer um novo sentido existencial a um leitor vivo no hoje, alterando possivelmente a trama social onde está inserido, reafirmando possibilidades que tais indivíduos carregam, segundo escreveu Hobsbawm, a melhor história só poder escrita apenas por aqueles indivíduos que perderam algo. Nascemos para morrer. Conhecemos pessoas para abandonar. Conquistamos coisa para deixar. (BUDA. 563 a.C. até 483 a.C.)



Figura 41: Jornal do Comércio-1970.
Fonte: memoria.bn.br

O ano é 1970 e a capa do Jornal do Comércio, parte do conglomerado Jornais Associados, de Assis Chateaubriand, traz em letras garrafais o sonho amazônico da integração nacional: a Transamazônica. Novos sinais de integração e o sonho antigo da burguesia, transformar a floresta inútil, em um grande pasto para o agronegócio, aqui em especial a agropecuária.

A Transamazônica, foi o Cavalo de Troia do regime militar em alavancar a segurança das fronteiras do país na Amazônia, introduzindo militares em lugares estratégicos em órgãos federais tanto em Belém como em Manaus. Mas aqui pretendese analisar os fios relacionais que podem regionalizar a ditadura militar na

cidade Manaus e seus desdobramentos nos veículos oficiais da cultura de massa, recorrendo mais uma vez as narrativas memorialística e doméstica.

Estive conversando com o senhor Khaled, a princípio apenas um dono de uma casa de queijos artesanais no bairro Vieira Alves, em Manaus, conversávamos sobre os doces mineiros, sobre a riqueza dos pratos brasileiros e foi nesse viés que ele começou a falar de sua origem árabe. Falou sobre seu pai, a importância de sua mãe em um momento crucial da história democrática do Brasil, quando foi deputada federal e constituinte em 1988.

E foi dessa maneira que seu Khaled, um fio social comum em um primeiro olhar, me revelou em suas lembranças um pouco de uma narrativa rica que pode trazendo novos campos de possibilidades e pesquisas sobre a formação familiar dos grupos de comunicação de massa, e em particular ao se tratar de uma família árabe nessa região da Amazônia. Vejamos:

“O primeiro a vir da minha família para o Amazonas foi meu tio-avô em 1898, o nome dele era Abdon Hamã, e quando ele chegou aqui deu o nome dele e não o sobrenome, o nome dele completo era Abdon Hamã Hauache, portanto, a família Hamã e a família Hauache são parentes. Meu tio-avô, Abdon Hamã, chegando aqui, começou a vender produtos de porta em porta na Cidade Flutuante e ganhou um dinheirinho e foi ser regatão. Ele trouxe o irmão pra trabalhar com ele nesse novo negócio que era o regatão, que seria o meu avô, o senhor Abdul Hazaki Hauache, e juntos fundaram um porto que foi muito importante perto de Itacoatiara, na época que cresceu bastante o Porto de Santa Maria do Hamã. O meu avô casou-se e teve uma filha que seria minha mãe, a Senhora Sadir Rodrigues Hauache, anos mais tarde, com a expansão dos negócios meu avô trouxe um sobrinho dele e primo de minha mãe para trabalhar com ele em Manaus, que acabou casando, não sei se foi por conveniência, com minha mãe. Meu pai o senhor, Khaled Ahmed Hauache. Com muito trabalho, meu pai saiu do setor primário e passou para a produção industrial com a inauguração da Tecelagem Matinha, isso na década de 1960, produzindo sacas de juta para ensacar café para exportação. Meu pai como era um empresário muito conhecido e respeitado naquela época, tinha um nome forte no comércio de Manaus, com laços de amizades estratégicos, como foi sua amizade com o ministro do trabalho do presidente João Goulart, que era o senhor Almino Afonso, também um amazonense. Meu pai deve ter incomodado o *status quo* da época e alegaram que meu pai também era comunista. Na época foi um baque muito grande nos negócios do meu pai, nessa época a Tecelagem Matinha, empregava cerca de três mil trabalhadores diretos. Numa época em que o censo demográfico apontava cerca de trezentos mil habitantes.

Enfim, o regime militar tomou todos os bens de meu pai. Perdermos tudo. Meu pai foi preso como subversivo, acusado de vários crimes. Meu pai foi conduzindo ao antigo presídio na rua Sete de Setembro, no centro da capital. Nessa época o diretor da Cadeia Pública, era o

senhor o professor, João Bosco Araújo, ele ajudou meu pai nesse período em que ele estava preso. O professor João Bosco era irmão de Dona Rita Calderaro e mãe da senhora Cristina Calderaro. Com a ausência do meu pai a frente dos negócios e tendo que recomeçar do zero, minha mãe, tomou a frente dos interesses da família com o apoio do meu pai. E foi pioneira num novo empreendimento totalmente fora da tradição familiar em comerciar. Criaram a primeira TV a cabo da Amazônia em 1964, que não deu muito certo, e só em 1967 criaram a TV Ajuricaba Canal 38. A TV Ajuricaba começou nessa época como Tv Record, depois, passando a ser Globo até 1984, então em 1984, foi vendida, se não me engano, foi vendida ao Grupo Simões, que depois foi venderia a Rede Boas Novas.

Em 1988 nós ganhamos a concessão da emissora de televisão e fundamos a Sociedade de Televisão Manauara Limitada, sendo sócios eu, meu irmão e minha mãe. Éramos na época Record, fomos a primeira filial dela em Manaus, isso quando a Record estava engatinhando e ninguém queria ser filiada dela. (Entrevista, dezembro de 2020).

Enquanto isso, o SBT, estava nas mãos da família Calderaro, certo? “Como a Record cresceu muito e a rede de transmissão dos Calderero era maior no interior do estado do Amazonas, a Record decidiu nos abandonar e pegar A Crítica, do Grupo Calderaro de Televisão. A Cristina Calderaro largou o SBT e pegou a Record então ficamos sem opção e pegamos o SBT, né? E agora continuamos SBT e a Record não quis mais os Calderaro, tanto que hoje, eles não têm mais cadeia de rede são apenas geradoras, nós somos SBT.

O grupo Calderaro, tentou reverter a situação e voltar a ser SBT, mas o pessoal do Sistema Brasileiro de Televisão, estavam satisfeitos com nosso trabalho e não mudaram. Somo até hoje SBT, sendo também a primeira empresa a firma um acordo de dez anos, o que geralmente dão contratos de cinco anos. Esse é o meu pequeno relato”.⁷

Esse relato memorialístico do senhor Khaled, reforça a força marcante da presença árabe no regatão, o mascate flutuante nas águas dos rios amazônicos na virada do século XIX, início do século XX. O seu tio-avô, chegou em um momento de ascensão do regatão com o protagonismo de árabes e sírios, adentrando as regiões distantes da capital romântica. Vencendo a força das águas dos rios Solimões, Purus, Juruá, dentre tantos. Como escreveu Jorge Baleeiro.

Ao traçar o perfil das famílias árabe-manauaras, Hauache, Abraham,

Bichara, Bulbol, Chamma, Tuma, Mussa, Fraiji, Fadul, Assi, Said, Salem, Seffair, Bazi, Makarem, Sahdo, Daou, Tadros, dentre outras, no Amazonas, Gaitano Laertes Pereira Antonaccio resgata, parcialmente, uma dívida cultural para com os “turcos”, “batrícios”, “sírioslibaneses”, “regatões batrícios”, “teco-tecos” ou como o queiram chamar esses comerciantes que singravam os rios da Amazônia comprando dos caboclos “pélas” de borraha, pirarucu,

⁷ Entrevista concedida pelo WhatsApp devido à pandemia.

mantas de peixeboi, redes, esteiras, paneiros de farinha, frutas, peixe salgado, manteiga de tartaruga, mandioca, cachos de banana, cachos de pupunha, castanha, sorva, balata, peles de todos os tipos, e lhes vendendo armarinhos, ferragens, terçado, machado, foice, anzóis, miudezas, perfumarias, querosene, remédios e ilusão.(BALEIRO, 2012)⁸

O espírito empreendedor árabe dará um novo contorno nas relações comerciais ligando através da compra e venda a capital e o interior, uma integração comercial que aproximava as distâncias continentais amazônica, os árabes na cidade de Manaus fundam uma nova teia de interesses comerciais, partindo de interesses comuns entre as famílias. Estes laços familiares irradiaram em novos ramos e lucrativos caminhos. A narração do senhor Khaled, liga-se a uma trajetória que passa pela história da cidade de Manaus, reforçando de maneira contundente a importância estratégica e econômica que a cidade sempre despertou.

A lembrança da dureza enfrentada pelo seu tio-avô ao chegar à cidade de Manaus, se traduz no avanço do capitalismo na segunda metade do século XIX, com a valorização de matérias-primas, como a borracha, que intensificou os interesses por essa região, tornando-a uma fronteira de recurso de acumulação, como afirmou Becker (1995; 1998) Aqui a narrativa familiar reafirma a fascinação da região amazônica sobre a imagética coletiva, ligando-se a um desdobramento do capitalismo, até hoje se fala nas ruas, becos e avenidas que aqui na cidade de Manaus: “Só não ganha dinheiro quem não quer, ou é preguiçoso”. O que não esconde por outro lado, a preocupação histórica da Amazônia, motivando o desejo de incorporá-la aos centros da dinâmica capitalista nacional, tornando-a, segundo Santos (2013) numa fonte de exploração com seus recursos naturais.

Os militares tomaram o poder, destituindo o presidente João Goulart, um ato que se autodenominou revolucionário, tendo essa ideia reforçada por jornais e revistas da época, principalmente dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, desencadeando uma verdadeira caçada aos “comunistas” e “suas ameaças de tomar o poder no país.” Como aqui já se abordou. A saída pelas portas dos fundos de Jango, foi tratada pela mídia como uma vitória sobre o fantasma comunista. Os jornais o retrataram na época como um covarde que havia virado as costas ao povo brasileiro.

Os jornais com suas manchetes garrafais da época, tinham por objetivo minarem qualquer forma de resistência, para isso, reduziram o leitor a um nível de

⁸ jornaldebetrato.com.br

aceitação passiva, o desencorajando a questionar e aceitar os acontecimentos como “naturais” e “necessários” neutralizando possíveis inconiventes sinais por mudanças deste indivíduo. Marginalizando o engajamento, lhe privando do direito de saber a profundidade dos fatos, dando-lhe pequenas colheres de chá convenientes, freando-o ao mesmo tempo, possibilidades desencadeadoras de futuras tensões sociais. (BOSI, 2009).



Figura 42: Capa de revista O Cruzeiro de 1964.
Fonte: blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br

O povo brasileiro das regiões periféricas do país, alguns sabiam, outros não tinham ideia dos acontecimentos. Recorro a outra memória trazida por Waldick Junior, um pavio de uma lembrança de um garoto à época com 11 anos de idade.

Estava na rua Emílio Moreira, bairro Praça 14 de janeiro, por volta das 16h30. De repente parou um jipe do Exército, um oficial desceu e me perguntou o que eu estava fazendo. Respondi a ele que estava indo para casa e, na hora, ele ordenou que eu voltasse para onde morava. O oficial ainda perguntou se eu não sabia de nada o que estava acontecendo e se eu não lia jornal", conta Souza Cruz. (JUNIOR, 2020)⁹

⁹ d.emtempo.com.br



Figura 43: Capa da folha de São Paulo-1964.
Fonte: blogdomariomagalhaes

A fala do militar à um garoto de 11 anos de idade, transparece o acordo harmônico de interesses com a imprensa de massa que naquele momento imprimia em letras garrafais o apoio ao golpe militar, dando as massas um viés revolucionário, uma estratégia que deu excelentes resultados ao regime: dividir a opinião pública e as classes sociais menos favorecidas, fortalecendo a simpatia e a força dos apoiadores do golpe, aqui na cidade de Manaus houve um evento na praça de São Sebastião em apoio ao golpe militar, uma estratégia de participação popular, para esvaziar a resistência, criou-se laços para fomentar a perseguição, a fuga e a prisão, a manifestação anunciava o fim de uma possibilidade democrática digna ao povo brasileiro, foi a celebração ao vazio.



Figura 44: Capa do Jornal Folha de São Paulo-1964.
Fonte: blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br

Outra fez a memória familiar do senhor Khaled se ligar aos fatos tidos como maiores, nos dando aqui particularidades dos desdobramentos que regionalizaram a crueldade do regime militar na cidade de Manaus, a sua riqueza dos detalhes memorialísticos, desmascaram a farsa revolucionária do golpe nos trópicos manauara.

Os militares precisavam, eliminar qualquer resistência política ao golpe, estivesse aonde quer que fosse. O decreto A.I. nº1 abolindo os direitos políticos, atingindo diretamente o governador Plínio Coelho, tido como um apoiador do golpe, sendo afastado imediatamente de suas funções de governador, um efeito dominó recaído sobre deputados, federais, deputados estaduais e vereadores.

O clima de caça aos “comunistas” caiu sobre professores, professoras, estudantes, chefes de famílias, mulheres, solteiras, casadas e grávidas. O senhor Khaled, foi preso como alguns comerciantes, justamente por ser amigo do ex-ministro do Trabalho de Jango como citado acima. Foi do presidente Castelo Branco, primeiro militar a sentar como presidente do país que partiu a nomeação ao governador substituto a vaga de Plínio, o senhor Arthur Cesar Ferreira Reis, que logo a sua posse fechou com as armas dos soldados a Assembleia Legislativa.

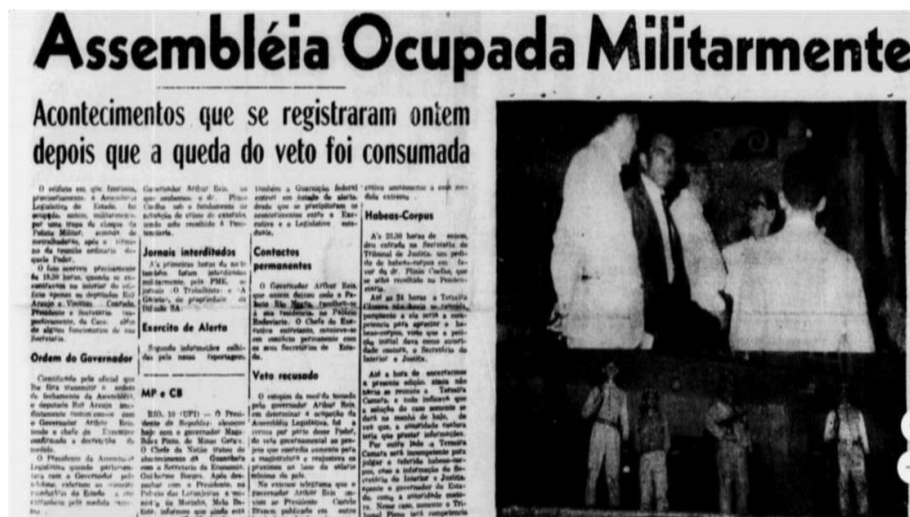


Figura 45: Manchete jornalística de agosto de 1964.
 Fonte: d.emtempo.com.br

A matéria jornalística traz a “justificativa” acertada do governador na decisão de fechar a casa legislativa, uma matéria que deixa bem orquestrada o apoio dos meios de comunicação oficial ao golpe. A imprensa livre ou que não faziam parte dos grupos familiares da comunicação de massa, entraram para a história regional marcados pela censura, tortura a jornalistas, locutores, fotógrafos radialistas e jornais e rádios silenciados, contingenciados sob a Lei de Segurança Nacional, para acelerar o seu desaparecimento na reflexão de Bosi, “contingências históricas, crises sucessivas golpearam duramente o movimento sindicalista brasileiro, e com ele esses órgãos de cultura que foram rareando e hoje (ao menos oficialmente) desaparecendo.” (BOSI, 2009, p. 199).

A lógica do regime militar na Amazônia, implantaram uma série de estratégias que definiriam a ocupação deste espaço, o que fica evidente na retomada de projetos para a região amazônica desde o Estado Novo, passando por Dutra e Juscelino Kubitschek, com programas que priorizavam a industrialização da região através de uma infraestrutura industrial, que ao mesmo tempo resignificasse a presença do estado nessa região do país.

O que desagradava uma parte dos empresários e políticos do sul do país, que buscavam esvaziar esse projeto do regime alegando o pequeno coeficiente eleitoral que a região oferecia à época, mas que segundo Santos era uma estratégia da inteligência militar. “Entretanto, a ideia da Amazônia como uma região que deveria ser “integrada” na sociedade nacional. Oriunda do Estado Novo, permaneceu

permeada pelo pensamento desenvolvido na Escola superior de Guerra, principalmente para a segurança nacional.” (SANTOS, 2013, p.77)

Noutro momento o senhor Khaled, me informou que em suas lembranças de pré-adolescente, que a chegada da televisão na cidade de Manaus, mudou até a maneira cultura da época. As pessoas que tinham televisão colocavam seus aparelhos na calçada e a vizinhança se reunião na calçada em torno da televisão. A sua família contribuiu para um novo desdobramento urbano entre os indivíduos, aproximando laços e ao mesmo tempo repelindo, um elemento decisivo de escalonamento social no tecido urbano manauara na década de 1970.

Ele relembra uma situação ocorrida na década de 1970, o grande incêndio dos Estúdios Globo no Rio de Janeiro, e o doutor Roberto Marinho, solicitou ajuda da minha mãe, pois eles sabiam, que nós enquanto afiliada da Globo, havíamos importados equipamentos de última geração em transmissão televisiva dos Estado Unidos. Minha mãe atendeu imediatamente o pedido do senhor Roberto Marinho, Para que a Globo não ficasse fora do ar. Ela então transferiu para o rio de janeiro todos os equipamentos, para que a cabeça de rede Globo não ficasse fora do ar. E isso é um fato que ouvi várias vezes em casa, embora fosse menino, me lembro dos meus pais falando nesse assunto.

A lembrança pré-adolescente, do senhor Khaled, liga-se ao incêndio que aconteceu no dia 4 de julho de 1976, na cidade do Rio de Janeiro, provocado por curto-circuito na tubulação do ar-condicionado, isso tudo aconteceu durante a transmissão do Jornal nacional, a dupla icônica da história do jornal televisivo; Cid Moreira e Sérgio Chapelin. A lembrança nos dá detalhes dos bastidores da angústia de correr o risco de sair do ar e amargar milhões de dólares em prejuízo, e possíveis rescisões contratuais com grandes marcas de consumo da época. O Jornal Nacional foi o estúdio mais atingido pelas labaredas, o JN, estreou na grade da rede nacional em 1969, sendo transmitido da sede da Redação Globo, sendo preciso ser transferido aos estúdios da emissora em São Paulo.

Essa lembrança familiar encandeia o próprio sistema que é formada a indústria cultural brasileira, com raízes familiares, regionalizante, podendo perceber o processo totalizante e o desdobramento das suas peculiaridades regionais.

O sistema de televisão brasileiro nasceu no seio familiar burguês, consolidando interesses semelhantes, dotado de uma força avassaladora de mensagem e produtora comportamental, contando ainda com centros econômicos formados por grandes

conglomerados capitalista, e um aporte político. Utiliza-se da estrutura burocrática do Estado eficazmente, o que faz sua produção cultural em escala industrial ser uma produção de compromisso com as forças estabelecidas que regem a massa e a padronagem do tecido social brasileiro.

A chave dos significados não está, pois, nos meios de comunicação, mas na estrutura da sociedade que criou esses meios e que os tornou significantes. É a sociedade que significa. (BOSI, 2009, p. 60).

É possível perceber a concretude dos significantes formadores da comunicação de massa amazonense traçando uma correlação entre a memorialista familiar com as estruturas locais e nacionais que possuem sentimentos semelhantes em sobreviver no topo social do poder. Identificando seus signos correlacionais de aproximação e repulsa na Amazônia no corpo nacional.

Seu programa de auditório irá na contramão do apelo revolucionário do tropicalismo nacional, apropriando-se apenas da euforia da onda consumista que carregava, no seu palco os jovens não falavam em fim de ditadura, mas em que teria o corte de cabelo parecido com o de Roberto Carlos, quem teria copiado a melhor roupa colorida dos cantores do corpo nacional, quem aprendeu a tocar no violão as músicas do Caetano Veloso, quem cantava melhor as músicas da Jovem Guarda, era um momento artístico-libertário da rebeldia criativa juvenil roraimense. Os vencedores pensam que a história terminou bem porque eles estavam certos, ao passo que os perdedores perguntam por que tudo foi diferente, e esta é uma questão muito mais relevante. (HOBBSAWM, 1999).

II CAPÍTULO – JABER XAUD E SUA INFLUÊNCIA NA CULTURA DE BOA VISTA

2.1 Brasil: comunicação e contexto



Figura 1: Copa do Mundo – 1950 – BRASIL – JS Imprensa Esportiva.
Fonte: coisasdabola.com.br

“O mundo, durante a década de 1950, experimentou um reordenamento econômico. Os resquícios da Segunda Guerra Mundial irão desencadear novas realidades e necessidades econômicas de grandes oligopólios forçando governos como Inglaterra e Estados Unidos a adotar medidas geopolíticas voltadas para as suas demandas econômicas globais. A televisão surge então, impregnada de uma realidade típica do capitalismo na concentração de capital versus exclusão econômica e social.” (CAPARELLI, 1986).

O Brasil parecia mergulhado num caldeirão fervilhante de extremos e expectativas. Iniciada com a disputa da Copa do Mundo de Futebol, em solo brasileiro, o resultado da disputa entre Brasil e o Uruguai, encarnava a expressão alquebrada do povo brasileiro naquele ano. Uma população em grande parte agrária, experimentava a crueldade da inflação alta, aliada a decepção com as diretrizes políticas e econômicas adotadas por Dutra, então Presidente do país.

Estes elementos todos completavam o cenário perfeito para a volta fortalecida de Getúlio Vargas ao protagonismo político nacional sem abrir mão de sua principal característica, o nacionalismo econômico. Com o resultado das urnas em 1950, deu-se então, uma retomada a um projeto desenvolvimentista nacional defendido por Getúlio

e sua base de apoio, passando a intensificar políticas em favorecimento da implantação de indústrias no país em um processo conhecido como industrialização por substituição de importações. O que fez, por outro lado, o governo adotar uma série de medidas jurídicas protetivas aos trabalhadores, como a seguridade social, valores nacionalistas incorporados na carteira de trabalho, um símbolo getulista garantindo um aumento de 100% no salário-mínimo.

Esse conjunto de medidas alterou a ocupação do espaço urbano na região Sudeste, em especial a cidade de São Paulo, que concentrava essa onda industrial e ao mesmo tempo uma leva de migrantes vindos de todas as regiões do país, principalmente do Nordeste. A grande onda migratória gerou os grandes centros urbanos na primeira metade da década.

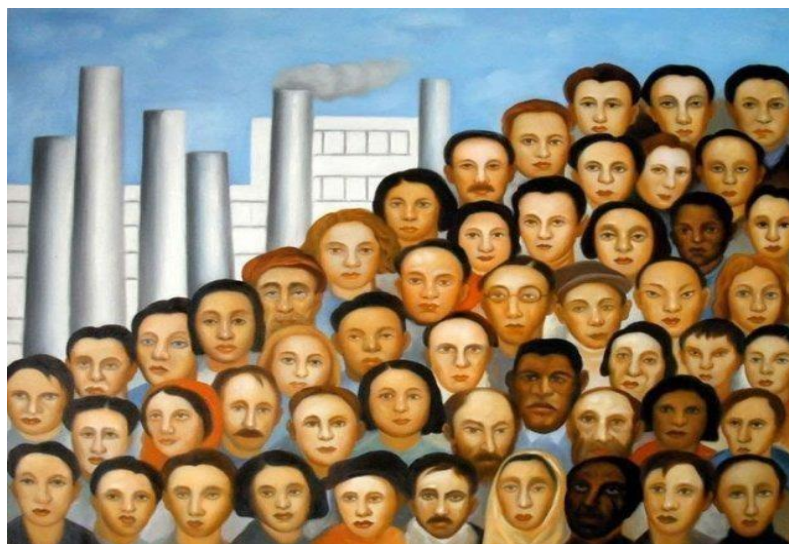


Figura 2: Operários- Tarsila do Amaral.

Fonte: www.culturagenial.com

A pessoa pública de Getúlio Vargas, por exemplo, marcou o período da história brasileira entre as décadas de 1930 e 1950. Teve nesse período um tempo de fortalecimento de sua imagem junto ao povo brasileiro. “Getúlio Vargas, através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), abriu uma nova etapa do papel estatal na história da comunicação de massa (neste caso o rádio) aproximando assim a presença do Estado e suas atenções para os jornais e revistas de grande circulação, pressionando politicamente também as emissoras de rádio, que dependiam das licenças para a exploração de canais que eram concedidas pelo Estado. O que desagradava em muito os interesses privados de homens como Assis Chateaubriand, pois o Estado possuía o monopólio estatal da radiodifusão.” (CAPARELLI,1986, p.81).

Percebe-se, então, o elemento fundante e estratégico ao fortalecimento do espírito nacionalista na mentalidade coletiva do país. Em um cenário político composto por uma oposição liberal fortemente apoiada e ao mesmo tempo proprietária de e por jornais, revistas e rádios. Mas é através do rádio, um meio de comunicação de massa, que se consolidou como reconhecida ferramenta de transformação social e política desde as décadas de 1930 e 1940, passando a incorporar novos elementos na dinâmica comunicativa da indústria de consumo e cultural. Já no início da década de 1950, estava inaugurada, então, nas ondas do rádio, a fase Cultural, popular e comercial nacional.



Figura 3: Desfile de comemorações ao dia do trabalhador, Jornal Folha de São Paulo. **Fonte:** www.youtube.com

O rádio reconfigurado nos elementos da paisagem nacionalista, tornou-se um instrumento importante na retomada getulista, e isto, através de programação e propagandas passa a infundir uma nova modalidade de comportamento e consumo de massa, ao mesmo tempo, que escondia os excluídos deste processo. O rádio foi mantenedor do cenário espacial dos três primeiros anos da década. Um cenário sustentado pela satisfação de uma elite temperamental e pela esperança de milhares de trabalhadores. O que corroborava a imagem de um país fortalecido, vencedor em áreas, sociais, democráticas, econômicas e reforçando o espírito do nacionalismo econômico e que ao mesmo tempo escondia a grande massa de analfabetos e desassistidos.

A insatisfação da elite conservadora liberal nacional, principalmente a paulista, que desde a criação da *PETROBRAS*, e a política do “*petróleo é nosso*” abriu caminho para a instabilidade política. A realidade se mostrava menos sorridente a Getúlio

Vargas. Ele não gozava de uma aprovação unânime. Assis Chateaubriand, embora tenha apoiado a campanha eleitoral de Getúlio, passa a incorporar essa insatisfação elitizada e conservadora que contava com o apoio ainda de alguns setores sindicais simpatizantes das ideias liberais.

Foi através dos *Diários Associados*, uma cadeia de jornais, revistas e rádios opositores que se desencadeou o processo de desestabilização ao governo junto à opinião pública. Por outro lado, ele encontrou diversos setores de camadas populares organizados, principalmente o operariado, de forma autônoma, colocando a governança no olho do furacão, levando a enfrentar várias greves organizadas por sindicatos e movimentos sociais, impulsionados pelo alto custo de vida provocado pelo desemprego e pela alta inflação.

Todo este desempenho oposicionista o fez perder apoio em sua base de sustentação política como um efeito dominó, começando pelos trabalhadores. Essa queda na popularidade entre os trabalhadores acendeu-se como um sinal verde para a oposição. A inflação aprofundou ainda mais a crise política desestabilizando a base partidária de apoio ao governo Vargas. Os políticos da UDN* e a imprensa de oposição, ganha corporeidade em Carlos Lacerda, com gritos, gestos e expressões com cunho nacionalista, tal qual uma marionete ganha força nos corredores dos partidos, e passando a atacar inflamadamente o governo.

Ele como jornalista, que havia trabalhado para Assis Chateaubriand, contava com o apoio irrestrito dos meios de comunicação. Chegou a ter um programa na *TV Tupi*, onde recebia ligações telefônicas de telespectadores. Lembrando que telefone e televisão eram bens de consumo de distinção de classe social, porém, a mente empresarial de Chateaubriand, instalou, televisores nos terminais de ônibus, e onde pudesse haver aglomeração de massa, tornando o programa acessível aos pobres e trabalhadores.

A televisão, um bem de distinção de classe social, tornou-se um instrumento barato na construção ou desconstrução como achar melhor o leitor, do sufocamento de um governo democraticamente eleito. O jornalista e deputado federal, Carlos Lacerda, passava a ser na mentalidade da massa trabalhadora a saída justa da crise que assolava o país. Ele conseguiu dividir a opinião pública, desencadeando um desgaste do apoio dos militares ao nacionalismo getulista.

Com a perda de grande parte do apoio militar ao seu governo, isso tornava sua sustentabilidade governamental jurídica questionável, abrindo procedência política

para um golpe político, ou outro golpe de Estado. Por trás das paredes do Palácio do Catete um Getúlio pesaroso e introspectivo caminha de pijamas e chinelos pelos corredores do poder, recolhendo-se aos seus aposentos, e redige sua carta testamento, e no dia 5 de agosto de 1954, suicida-se com um tiro no peito. O impacto provocado pela morte de Getúlio, provocou uma ebulição popular nacional.

As manifestações se espalhavam país afora. Elas não possuíam uma forma definida, mas todas tinham algo em comum, um tipo de revolta emocional, caudalosa e quente contra a oposição, que por sua vez se viu cozinhado na fervura da revolta emocional e popular que ela mesma havia alimentado.



Figura 4: Algumas capas de jornais de agosto de 1954.

Fonte: blog.editoracontexto.com.br

Com o suicídio de Getúlio Vargas, o discurso sofrido e choroso dos radialistas que haviam levado multidões chorosas e mais tarde revoltadas às ruas em todo o país demonstram a força poderosa da comunicação de massa através do rádio. Tiveram um papel importante nesse cenário social, em aliviar a temperatura do discurso e em vaporizar os fatos ferventes e recentes que se desenrolavam na cena nacional; esvanecendo dessa maneira, a coesão popular, estabelecendo a rotina nacional.

Poucas famílias paulistas e cariocas abastadas puderam ver o cortejo fúnebre através das imagens da televisão (TV tupi, que pertencia a Assis Chateaubriand). Este novo aparelho de comunicação de massa e instrumento de distinção econômico e social, marcaria com uma nova digital capitalista cruel de separação entre ricos e pobres o acesso aos bens de consumo. Este aparelho reconfigurava o lugar dos privilegiados e dos excluídos dentro de uma nova ordem mundial de consumo que se instalava no País. A televisão passava a ser o novo instrumento de distinção social na geopolítica nacional.



Figura 5: A TV TUPI em 1950.

Fonte: acervo.oglobo.globo.com

Assis Chateaubriand é o espectro do pensamento liberalista na política nacional, o que o leva a apoiar a campanha de Juscelino Kubitschek na campanha de 1955, após a eleição, novamente teve um papel fundamental na vida política nacional, quando se opôs às articulações que visavam impedir sua posse chegando a se alinhar com o movimento de 11 de novembro. Liderado pelo militar general Henrique Teixeira Lott, garantiu a posse de Juscelino. O que lhe rendeu em troca deste apoio a governabilidade de Juscelino a sua nomeação como embaixador do Brasil na

Inglaterra. Faz valer o velho ditado: “*uma mão lava a outra*”.



Figura 6: Um programa anti-varguista.
Fonte: rnews.com.br

Já na segunda metade da década em sua ênfase-estrategista na modernização e industrialização que marcaram o Norte de sua campanha presidencial, passando então, a eleger dois símbolos de consumo da mentalidade capitalista: o automóvel que representava a força da indústria nacional, como estradas, produção agrícola e incentivo ao mercado liberal, por sua vez; a televisão um bem de consumo da elite, que agora é incorporado como parte ao projeto de integração nacional, em especial na região amazônica, como parte do espaço nacional.

Em relação a Roraima, (Amazônia Setentrional) o território não escapava as diretrizes da capital, por causa de suas fronteiras com a Venezuela e Caribe. Tal cuidado estratégico se percebe com a inauguração da Rádio Roraima em 1957, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, mas só a partir de 1964 é que Roraima passa a ter um enfoque dentro do movimento de extensão fronteiriça interna numa estratégia geopolítica-militar que seguia uma linha de continuidade de ações coordenadas pelos governadores nomeados desde o Estado Novo.

Em um governo marcadamente liberal, foram inauguradas mais quatro emissoras, TV Paulistas, TV Cultura, TV Record e a TV Continental que, não abalaram a liderança da TV Tupi. “O Brasil era o quarto país do mundo a possuir esse meio de comunicação de massa, e que no final do ano de 1965, já existiam cerca de duzentos mil aparelhos de televisão no Brasil. O país então vivia um processo acelerado de urbanização e modernização da sociedade.” (RIDENTI, 2000, p. 135)



Figura 7: Um bem de consumo e distinção social.
Fonte: rnews.com.br

Este aparelho de comunicação de massa foi, num primeiro momento um divisor social e econômico entre os brasileiros, com os comerciais ditavam moda, marcas de consumo, uma lógica de consumo e status. Dividia quem eram os que podiam consumir determinadas marcas e os que não podiam consumir, passando a se tornar um instrumento de construção de novos hábitos de comportamento e consumo. Um aparelho que trazia em si traços reflexivos da Guerra Fria.

A televisão brasileira trazia em seus símbolos de status e marcas de consumo um contorno mais contundente das desigualdades regionais, econômicas e sociais. Ao mesmo tempo em que era um instrumento distensor e eficaz no tecido nacional, assumia também uma função de integração cultural e reforçava o sentimento de pertencimento a identidade nacional.



Figura 8: Chateaubriand discursando nas câmeras da emissora em 1951.
Fonte: rnews.com.br

O acesso aos aparelhos de televisão foi alcançado lentamente em conformidade com os interesses estatais, políticos e econômicos direcionados para as diferentes regiões do Brasil. Essas mudanças, no cenário cultural brasileiro, fomentaram novas maneiras no comportamento e entretenimento às massas. Este acesso tardio à televisão e a nova linguagem desse novo aparelho teceu novas teias relacionais desprendendo inovações e disposições comportamentais de consumo.



Figura 9: Programa de Wilson Simonal 1960.
Fonte: rnews.com.br

A visualização da imagem se coloca como outra linguagem, caracterizando uma nova percepção no indivíduo, no seu modo social, provocando nele mesmo outra maneira de interação e reação. A identidade nacional passa a caber no tubo da televisão. Abria-se, então, uma janela com novas possibilidades de análises epistemológicas.



Figura 10: Artista da revolução, do CPC à era da TV.

Fonte: imagens.app.goo.gl

O signo catalisador dessa transformação na cultura de massa e consumo, nasceu do rádio encontrando sua síntese no pernambucano nascido em Surubim, José Abelardo Barbosa Ribeiro, conhecido como “Chacrinha”. Começou sua carreira ainda no rádio, surgindo no auge das torcidas de auditório de programas da Rádio Tupi, onde trabalhou no Rio de Janeiro em 1943, e depois em outras emissoras. Foi ainda no rádio que descobriu e lançou Celly Campelo e sua música *Estúpido Cupido*, arrebatando ouvidos e corações país afora, sendo mais tarde, em 1973 tema de novela na Globo.

Anos depois sua carreira de animador de auditório, ganha as telas dos televisores em preto e branco da *Colorado*, em 1956, com o Programa *Rancho do Mister Chacrinha*, na extinta TV Tupi, um programa com clima circense e ao mesmo tempo dotado de um simbolismo nacional integralista, em plenos *anos dourados*. O governo privilegiava pesados investimentos nas áreas de alimentação, indústria de base, produção de energia elétrica e transporte abrindo novas artérias de concreto no chão do interior do país.

A figura circense de Chacrinha na tela da televisão, representava e ao mesmo tempo reforçava a empolgação liberalista na história da política nacional, numa cultura de massa poderosa, estimulando novos hábitos de consumo, comportamentos e linguagem, contornado com novas nuances a cultura popular, que agradava a elite. Ele conseguia entender o que era vendável, em uma época onde o entretenimento popular estava intrinsecamente ligado a cultura de consumo, paradoxalmente num país mergulhado numa alta inflação com milhares de desempregados.

O palco do seu programa, tornou-se a vitrine do novo comportamento de consumo da cultura popular, revelando novos nomes da música popular brasileira, que entrariam para a historiografia musical, como: Roberto Carlos, Perla, Raul Seixas e Clara Nunes. Incentivando um novo (consumo) comportamento cultural de massas que preocupava a elite da época, Chacrinha é na opinião de grande maioria dos sociólogos a maior expressão da comunicação brasileira.

Ele tornou-se a primeira onda televisiva de comportamento e consumo de massa, uma onda que integrava as massas ao corpo nacional através da cultura de consumo, adicionando a isso uma nova linguagem, enfim, seu programa televisivo integrava toda uma malha social brasileira. Seu jeito bonachão e atrevido na tela da televisão desencadeou um efeito comportamental em cascatas no território nacional,

novos símbolos de linguagem foram incorporados ao imaginário regional popular durante seus programas de auditório. Chacrinha se apresentava no palco sempre com muito brilho, plumas e cartola, outras vezes vestido de noiva, outras de pirata ou de baiana, sem nunca se esquecer de seu apetrecho inseparável, a sua buzina.

No palco do seu programa pisaram nomes como Elke Maravilha, uma representante da cultura erudita que a elite admirava pela sua descendência europeia. Branca, alta e ex-modelo da estilista Zuzu Angel, dona de uma inteligência espontânea, apresentada ao Chacrinha pelo Boni, como uma forma de agradar uma pequena parcela da audiência, tornou-se o amálgama de ligação entre o popular e o refinado defendido pela elite, um acordo de cavalheiros que deu certo.

Com um corpo de jurados formados por representantes da elite paulistana e carioca, ricos, famosos, colunáveis, políticos, cabeleireiros e socialites e do outro lado ficavam os calouros, anônimos, trabalhadores, artistas de rua e pobres, sem esquecer sua plateia formada por mulheres em sua grande maioria divididas entre donas de casa, negras, empregadas domésticas e estudantes. Ele foi o “carbono” televisivo de uma nova geração de apresentadores no país, superando nomes como o de Flavio Cavalcante, sua imagem refletida na telinha em preto e branco fundava uma nova dinâmica linguística e cultural na rotina dos lares brasileiros.

Reforçava-se o sentimento de pertencimento a uma regionalidade integralista nacional defendida pelo governo liberal de JK e mais tarde pelos militares com o golpe de 64. A televisão torna-se um poderoso instrumento de aproximação entre o governo e o povo, um conjunto de ações estratégicas adotadas pela intelectualidade empresarial, liberalista brasileiro, que aos poucos passa a desenhar os novos contornos comportamentais e cultural da massa de telespectadores, tudo isso, mascarando a tradição da elite em selecionar os elementos que irão compor a cultura de massa como bem define Ribeiro.

Eles os intelectuais, assumem a missão de ajudar o povo a tomar consciência de sua identidade, de sua cultura e, ao mesmo tempo, criar as condições ideológicas para proporcionar a unidade nacional. (RIBEIRO, 2015, p. 66)

Esse novo desembrulhar cultural provocado pelo programa de auditório do Chacrinha somados ao sucesso de Roberto Carlos, cria um cruzamento de fronteiras dos costumes sintetizado em uma de suas frases inesquecíveis: “nada se cria, tudo se copia”, foi esse o efeito dominó da imitação ou “cópia” que seu programa desencadeou

no tecido comportamental de cultura de massa em todas as regiões do Brasil. “A visão de fora precisa ser suplementada por outra, de dentro, destacando a experiência de cruzar as fronteiras entre nós e eles.” (BURKE,2005, p.152)

Essas ondas em efeitos cascata chegaram a Roraima, inspirando o jornalista e radialista Jaber Xaud, que já trabalhava com entretenimento na Rádio Roraima, a vislumbrar, nas imagens circenses do Chacrinha, uma nova possibilidade de entretenimento em Boa Vista, tornando-se o receptor da cultura televisiva, lembrando que a televisão era um instrumento de status social. Poucas das famílias tradicionais em Roraima tinham acesso a esse bem de consumo.

Ele, inspirado pela figura do Chacrinha, passa a desencadear uma conexão cultural na periferia do país, mais precisamente na Amazônia Setentrional, oriunda da capital da cultura televisiva Rio de Janeiro, passando a influenciar a incorporação de uma nova rotina comportamental entre os jovens através das roupas, linguagens músicas e ídolos, um conjunto de novas convenções contornado pela chegada dos novos migrantes vindos para compor o quadro do funcionalismo público que chegavam impregnados pelos novos hábitos culturais de consumo. “É natural que qualquer prática social que tenha que ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficácia, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com fim de facilitar a transmissão do costume.” (HOBSBAWN,2018, p. 9)

O palco do programa *Jaber Xaud Show* torna-se o convergente para uma percepção desta cultural numa síntese regional e própria, configurando um conjunto de ações culturais que se legitimam por estarem carregadas do pertencimento e da identidade nacional numa região setentrional e fronteira da Amazônia trazendo nesse bojo novos cantores, interpretes e intelectuais que irão compor o cenário cultural local. Era no espaço do palco que estes novos agentes podiam contar com um espaço próprio e uma maior visibilidade atendendo ao mesmo tempo nesse processo a expectativa estruturante de integração nacional almejada pelo poder central desde o Estado Novo, um processo consensual de condicionamento de novos modos de agir e interagir dentro do espaço local.

Um fenômeno que se coloca temporariamente oposto à tensão entre os grupos políticos divididos entre oposição e situação local. Aproximando ainda mais uma confluência de interesses com o poder central e a situação, que por outro lado, expõe ainda mais as fraturas dos constantes choques com a oposição local versos os interesses

do poder central, marcando com peculiaridades o encadeamento dos fatos que contaminaram toda uma narrativa no tecido social roraimense.

Que, por sua vez, institui modos de agir, pensar e ser consensual, que atam ação dos agentes as redes de forças sociais difusas e institucionalizadas. Em meio ao desdobramento da tensão contínua entre as forças sociais e os indivíduos, ficam expostas fraturas das quais emergem as idiossincrasias entre elementos da mesma classe, ou grupo, portadores de uma identidade parcial em termos de valores ou visão de mundo. (RIBEIRO, 2015, p.50)

A observação de Ribeiro nos remete a uma análise de um fato concreto na reação que um indivíduo, pertencente ao grupo das “famílias pioneiras”, grupo de poder de mando que se colocava naquele momento como oposição ao governo, sobe ao palco do *Programa Jaber Xaud Show*, transmitido pela *TV MACUXI* a segunda música classificada no 6ª FEMUR ocorrido em 1991, sendo interpretada pela cantora, Nadia Paracat, *Réquiem*:

Surgido do Amazonas, setentrional tropical de município a território agora estado quase fatal. Com tua terra rica e boa pra viver, plantar criar Pioneiros te abraçaram te fizeram prosperar

Roraima teu grito de morte ecoa no Norte pedindo pra não morrer Mas os surdos mercadores da tua pátria, traidores te retalham pra vender. Sabemos cobiçada não queremos te entregar

Impondo estagnação, armaram para te rifar dando parte pra Inglaterra num tratado imoral. Alegando segurança e defesa ambiental, imoral

Roraima teu grito de morte ecoa no Norte pedindo pra não morrer Mas os surdos mercadores da tua pátria, traidores te retalham pra vender Sabemos cobiçada não queremos te entregar
A falsa nação indígena imposta a sua gente não é mais que arapuca
Sinistro meio ambiente
Teu povo tua riqueza sofrendo da morte em vi.

A letra musical exprime o tom e o contexto da construção conflituosa dos interesses ideológicos da oposição e sua manutenção do poder opositor entre os grupos políticos da região e de como essa indignação privada se predispõe a influenciar indivíduos que figuram em grupos aliados do poder e do status social a reagirem com as mesmas características peculiares da elite em relação ao direito de explorar as terras indígenas demarcadas.

Percebe-se uma indignação privada, uma tônica familiar de um grupo que compunha a oposição dominante local, usando a música como ferramenta para incutir no imaginário coletivo essa indignação como algo surgido do indivíduo, fazendo-o

reagir convenientemente aos interesses desses agentes exteriores, colocando o aumento da tensão social sobre os ombros do sujeito, desencadeando novos desdobramentos de conflitos no ordenamento social, político e econômico para essa região setentrional da Amazônia (BERMAN, 2001).

Diante destas fraturas conflituosas o poder central procurava driblar estes percalços com favores aos membros da elite local, fossem situação ou oposição, favores generosos como conceder bolsas de estudos aos filhos com o sobrenome das famílias pioneiras, indo estudar nos grandes centros urbanos do país como Belém, Fortaleza e São Paulo, ocupando os cursos de elite como direito, medicina, engenharia e jornalismo com todos os custos bancados pelo governo. Garantindo a manutenção do poder através de formações acadêmicas em áreas estratégicas, geralmente destinadas a brasões e sobrenomes, enfim, para poucos privilegiados.

Foram medidas como essas que possibilitaram ao poder central dar uma continuidade as medidas estruturantes oriundas de uma geopolítica que visava acima de qualquer outro interesse a manutenção da ordem pública, *sine qua non* (FOUCALT, 1984) nessa região de fronteira amazônica.

As particularidades privadas e conflituosas no processo de uma integração nacional, evidenciam que não existia uma unanimidade entre os interesses políticos da elite política local, frente as ações estruturantes do poder central.

O que por outro lado, esbarrava num nervo exposto até hoje para a região; garantir uma matriz energética com capacidade de abrigar, incentivar e desenvolver a inclusão da região de forma definitiva e autônoma ao corpo nacional. São as peculiaridades destes elementos conflitantes que nos possibilitam analisar o papel desempenhado pela elite local dentro da estrutura administrativa, economicamente mantida com recursos federais.

É no palco do *Programa Jaber Xaud Show*, que surgem possibilidades em contextualizar uma nova narrativa robustecida com novos elementos até então descartados por serem migalhas dos fatos com possibilidades de conversarem com o contexto nacional da época.

2.2 A linha da vida no tear do tempo

Um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo.

É um sistema vivido de significados e valores- constitutivo e constituidor- que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirma-se reciprocamente. Constitui assim, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria das áreas da sua vida (Williams, 1979, p113).

É nas profundezas escuras e frias do oceano da memória, onde as lembranças silenciadas habitam arquivadas retiradas da circulação elétrica constante da memória, remexidas por algumas descargas emocionais como o ferimento que não cicatrizou, o acanhamento do primeiro beijo, a ferida sangrando da primeira queda de bicicleta, o grito sufocando do susto, que quando indagados pelo presente surge com uma narrativa encadeada por fatos, que ora se confundem entre realidade e imaginação.

São traços narrativos retirados cuidadosamente pelo pesquisador, elementos privados que são colocados sob a luz do público passando a discutir com uma nova narrativa aceita ou não na coletividade como verdadeira ou não. A habilidade perceptiva de uma narrativa da memória constitui um novo espaço de luta como qualquer outro, possibilitando um novo ângulo na perspectiva científica aos fatos através dos elementos oferecidos pela própria memória.

Portanto, essa visitação ao passado com um diálogo memorialístico de um indivíduo, fornece ao historiador a possibilidade de municiar um novo debate constituídos de elementos que robustecem a intencionalidade de um grupo social constituído de poder político ou econômico, habilitando o agente ou grupo em constituir-se em fonte e objeto da história no hoje.

Tal laboração científica do historiador assemelha-se ao ofício do arqueólogo, onde a descoberta de um novo e verdadeiro tesouro silenciado pelo tempo escondido embaixo de escombros revelando novos artefatos que passam a contar uma narrativa própria em sua estética com fios de um diálogo corrente com o hoje, contribuindo com particularidades culturais que ficaram ocultas no espaço por um determinado tempo.

As “escavações” memorialísticas realizadas pelo historiador muitas vezes o coloca na contramão daquilo que faz o gosto da história de mercado reforçando a conclusão de Hobsbawm (2018, p. 35) “a história, contudo, não é racional: ou pelo menos, é racional apenas em parte.”

É, portanto, através dessa ida ao recôndito movediço do particular (indivíduo) que se pode notar as origens possíveis de fraturas e impactos resultantes das direções políticas opostas em seus interesses por grupos constituídos por algum poder de mando seja político ou econômico, sendo que o resultado destas fraturas serão sentidos pelos demais agentes submetidos aos grupos de poder desencadeando um novo comportamento com propriedades e características próprias sobre um determinado tecido social. Tal ida ao movediço particular para apenas pegar um fiapo de uma linha já puída pelo tempo e degradação genética, mas que guarda elementos que podem indiciar a existência de algo até então silenciado.

Mexer na memória do outro é como rastrear um fio de lã em um microscópio, onde o cientista-pesquisador, sem precisar sair de sua sala de experimentos, traça o DNA da ovelha, suas características genéticas, rastreando até mesmo o tipo de ração que lhe era servida, a cor de sua lã, o chão da fazenda, enfim, construir todo o cenário onde essa ovelha viveu sem nunca ter saído da frente de seu microscópio em seu laboratório.

Em se tratando de seres humanos geralmente os grupos de poder se valem de ferramentas que silenciem suas ações ao longo do tempo no espaço, o exemplo é quando um grupo passa a determinar o que deve ser esquecido pela memória coletiva de determinado tecido social, propondo através deste “esquecimento” uma narrativa que apague tudo aquilo que for inconveniente e que reforce a necessidade dos demais grupos ocupando lugares estratégicos na manutenção de determinados grupos como por exemplo, o foi o senado romano.

A narrativa histórica ocidental surge da necessidade de registrar os atos e feitos heroicos, numa manutenção contínua que determinado grupo é imprescindível para a sobrevivência de todos, reforçando uma manutenção constante de valores morais que mais excluem que incluem. Por meio de um elemento magmático e identitário de todos em um primeiro plano dos deuses e semideuses, que geralmente estão associados e representados em grupos de poder vencedores contornando ainda mais essa narrativa da necessidade em depender política, econômico e religiosamente de figuras de autoridades estabelecidos seguidos por: faraós, reis, monarcas, tiranos, governantes, sacerdotes, apóstolos e líderes religiosos.

A necessidade de permanência na memória de se perpetuar no tempo fez com que a história atendesse a essa vaidade, trazendo as prateleiras das livrarias uma nova moda de biografias, exaltando políticos, empresários e toda uma gama de gente ligadas de alguma forma ao

poder, uma verdadeira avalanche de produções biográficas que com certeza não é procurada e nem lida pelas massas. (HOBSBAWM, 1998, p. 216)

A vaidade dos poderosos denunciada acima, em querer se perpetuar no tempo dos vivos no imaginário coletivo, dependeu de um processo seletivo de acontecimentos apoiados em fatos ou fábulas que enaltecem tais indivíduos colocando-os em postes referenciais de moral, justiça no espaço, mostrando-se eficaz por um determinado tempo. Porém, com a ampliação dos novos vestígios para a investigação histórica, fornecendo elementos para a construção de um objetivo indagativo-narrativo discordante e pontiagudo sobre toda uma concretude de verdades incorporadas na narrativa oficial dos vencedores.

Ao entrar-se em contato de alguma forma com as migalhas de um tempo de uma determinada história, de uma resistência, de uma particularidade cabendo ao historiador encarar essa dificuldade que é o transitar entre a “história em migalhas” e a “macroteórica”. Por outro lado, pode fornecer possíveis elementos revelando novas perspectivas relacionais passadas convenientemente despercebidas sobre fatos como por exemplo, os horrores de um governo ditatorial, a gênese de um grupo de poder de uma determinada região, estratégias na alteração da cultura de consumo, possibilitando uma aproximação maior da fragilidade dos mais pobres numa recessão econômica ou uma crise moral coletiva, são prismas pontiagudos que as migalhas narrativas podem fornecer à história “macroteórica”.

Os relatos memoriais encontrados no diário de Anne Frank, que em sua singular privacidade, revela novos fios chocantes do tear social nazista alemão contra os judeus. Uma particularidade memorialística que revestida de uma narrativa particular criou um novo enredamento narrativo para os horrores da guerra sob a ótica da esperança de uma criança frente a crueldade nazista para o mundo, fora dos documentos frios e oficiais contextualizando os fatos utilizados pelos historiadores, uma fonte narrativa privada, humana, angustiada e inocentemente esperançosa que só enriquece o espírito combativo ao fascismo e suas máscaras.

O que nos leva ao campo da filosofia em suas várias correntes como o positivismo que não admitem outra realidade que não é fato. Sujeitando o individual a uma tremenda pressão ambiental, expondo sua fraqueza enquanto ser humano sob imensurável pressão dos indivíduos que formam os grupos de pressão, o obrigando a repetir, aceitar e defender a mesma ilusão e miragem narrativa do grupo mesmo

quando se está diante de sua percepção física. É justamente nessa brecha do indivíduo onde o micróbio do fascismo entra e se prolifera.

Logo quando uma particularidade por muito tempo desconhecida e quando descoberta traz consigo a necessidade de ser ouvida, de ser aceita ou não, relegada ao corpo de fatos ou ao imagético, porém, sempre são carregadas de alguma emoção que pode ligar-se ao corpo da coletividade como a descoberta do diário de Anne Frank que traz em seu âmago a obrigação necessária dos cuidados na manutenção do Estado Democrático de Direito e na preservação dos direitos e garantias aos cidadãos, combatendo sempre toda forma ideológica teimosamente fascista e extremista no nosso hoje.

Um relato seja falso ou verdadeiro do ponto de vista formal não apresentam diferença alguma entre si em um primeiro olhar, contudo, o que vai determinar o que é verdade ou não, será a origem dessas afirmações, (documentação) logo, as classes dominantes que detém os meios de produção das narrativas que são colocadas nos espaços estratégicos de consumo popular (mercado) tem o poder sobre a construção da memória coletiva, sutilmente, passando a determinar aos leitores o que é verdadeiro ou não. Cabendo à literatura indiretamente essa primazia do que é aproveitada por outros ramos da produção literária e científica, restando apenas a ambiguidade (subjetividade) do leitor aceitar o que é verdade ou não. (GINZBURG, 2007, p.18)

A narrativa das lembranças deste recorte temporal em específico, cedidos por Jaber Xaud, mostra-se oportunamente necessária, enquanto sujeito subjetivo de suas escolhas, vai tecendo e ao mesmo tempo, entrelaçando-se com outros fios de outras narrativas criando uma trama, e em seguida um tecido de lembranças.

Sua oralidade está impregnada de um pertencimento e identidade com os grupos de poder local. Contextualizando nele a dinâmica de como se davam e quem eram os favorecidos das benevolências e favores dos governadores biônicos durante o regime militar. (SANTOS, 2013, p. 90). Suas lembranças dialogam de modo comparativo, com outras narrativas memoriais, em fontes jornalísticas e com documentos oficiais, confirmando o clientelismo desnudado por Lobo (2014), reforçando que o sujeito também é construído pelo olhar do outro.

É através dos espelhos de lembranças do outro, pode-se abrir novas perspectivas sobre as representações do passado roraimense, composto por antigos pioneiros e mais tarde por “gente de fora” que irão nos anos seguintes que antecedem a década de 1980, compor um novo protagonismo na política roraimense,

possibilitando novos e necessários diálogos, percebendo novos contornos relacionais dos personagens envolvidos. Em suma: escrever uma narrativa de um passado sob a ótica do sujeito é com isso, rediscutir toda uma rede de relações que forma o tecido roraimense sob novo ângulo.

Jaber Xaud, como já mencionado aqui, foi um homem pertencente à classe social e política roraimense, descendente de família síria, formou-se em história na primeira turma pela Universidade Federal Roraima, o primeiro colonista social do estado, servidor público do antigo Território, trabalhando durante muitos anos como chefe de gabinete dos governadores biônicos.

O fato dele pertencer a elite, ouvir sua narrativa do tempo que viveu no recorte deste estudo, não desmerece sua verdade, mas robustece elementos e instrumentos locais de manutenção e poder, o que levanta a indagação; a quem interessaria o silenciamento desta narrativa memorial? É uma narrativa que a elite não quer contar?

No avançar desta pesquisa percebi uma ausência de arquivo público, para guardar e conservar documentos oficiais que contam a história cultural. Um descaso que se mostra conveniente e proposital. Boa parte dos documentos que robustecem essa pesquisa estão nas lembranças e mãos de particulares, amigos e familiares. Ele também fazia parte do grupo político de confiança dos militares, provocando consequentemente que ele colecionasse adversários políticos no contexto político estudado. (SANTOS,2013). “Mas que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não permutabilidade.” (FOUCAULT, 2014, p. 38)

Perceptivelmente existe um silenciamento imposto pelo vencedor(res), um homem que os desdobramentos das mudanças no cenário político roraimense, foi aos poucos tendo sua importância relegada mentirosamente a uma diminuição conveniente. Jaber Xaud é uma migalha do pão temporal aqui estudado especificamente na cultura de massa. Segundo Fustel de Coulanges: “[...] os homens tornam outros homens em migalhas[...]” fruto de um processo mesquinho e conveniente; o que não se pode apagar a relevância histórica e cultural necessária ao corpo narrativo escrito da historiografia regional. Jaber Xaud traz em sua narrativa os elementos particulares que apontam o ocaso de parte da elite local.

Portanto a quem pode interessar esse silenciamento? Ou melhor dizendo a quem interessa a preservação dessa amnésia social? Sabe-se que as memórias em seus

significados (representações), podem lançar luz, ou mesmo ocultar ou não (novos) agentes e suas práticas, ações que podem revelar as estruturas dos processos sociais, portanto, a conveniência do silenciamento sempre é provocada por uma ação política; e quais as vantagens para estes ocultarem, silenciarem uma lembrança?

É inegável que a memória está carregada de categorias de suportes; como a linguagem, o corpo, as cerimônias, objetos, enfim elementos que formam a memória de hábitos social, (conjunto de regras e códigos) elementos que fazem parte da composição de fatos. Ingredientes que podem mudar alterar, de maneira parcial ou não um fato estabelecido enquanto uma verdade.

Essa estratégia tem suas origens na Roma Imperial, como um contraponto a memória monumental, na expressão latina *damnatio memoriae*, “condenação da memória” nasceu do costume (ação política) de remover a lembrança de algo ou alguém da memória coletiva.

A ideia era apagar todos os traços e vestígios da pessoa em questão da vida pública, passando a ignorar sua existência e seus feitos. Era no senado romano que através do voto, se sucedia tal condenação apagando o nome do infeliz de monumentos públicos, pergaminhos, onde quer que estivesse gravado, atos cerimoniais, um severo processo de prescrição de toda e qualquer lembrança ao nome do condenado. (ULPIANO, 1992, p. 17).

Por mais que se queira admirar a sociedade humana, não é menos verdade que ela leva necessariamente “os homens a se odiarem entre si à medida que seus interesses se cruzam, a se prestarem aparentemente serviços mútuos e, em realidade, a praticarem todos os males imagináveis.” (ROUSSEAU, 2017, p.126). Essa memória, cruelmente exilada do contexto coletivo, e da dinâmica social e econômica assume uma passividade impositiva e inorgânica, passando a perder sua autonomia e autoconsciência, dentro do processo temporal-histórico e coletivo. Bosi sintetiza perfeitamente tamanha crueldade:

“[...] trata-se de um direito humano fundamental para Simone Weil: “Um ser humano tem uma raiz por participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” O desenraizamento é uma das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva do seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um

dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças” (BOSI, 2004, p. 443) A marginalização do silêncio só é conveniente aos vivos, portanto, soprar os braseiros das lembranças é iniciar a árdua construção de um saber histórico, por meio de outras possibilidades “invisibilizadas”. Passa a compor um novo corpo narrativo que passa a lutar na expansão de sua legitimidade e por seu lugar no corpo narrativo oficial, resultando sempre em choques e quebração com certos fatos para ocupar o espaço que lhe foi negado, passando a compor uma consistência narrativa do contraditório ou não narrativo.

A história é construída por outros sujeitos que detém força para determinar o que deve ser esquecido ou lembrado. (TEÓFILO, 2020). É necessário nessa pesquisa compreender ser a lembrança por definição incompleta e para que não sofra mais debilitações, requer uma investigação sobre os agentes ativos e passivos, tais como: amigos, filhos, vizinhos, artistas, idosos que passam a também nessa dinâmica revitalizar a memória. Essa função circulatória dos relatos memoriais inicia um processo de transportes de relatos longos e fluidos numa constituição corpórea, específicos e fechados. Um corpo narrativo sob o argumento indagativo do sujeito (hoje).

Nessa capacidade de deslocamento residual da memória temporal através do historiador, abre-se a possibilidade de novas conversas que gerem narrativas que apontem para a manutenção ou desconstrução de verdades oficiais escritas. Da mesma maneira como os olhos percebem a luz em suas nuances, as lembranças assumem um papel parecido, no diálogo com o historiador e o seu objeto, passando a interpelar o ontem sobre o estabelecimento das relações no espaço do hoje.

Desta forma, pode-se alterar os laços relacionais entre os homens no hoje, riqueza de detalhes deste fenômeno social. As lembranças quando colocadas sob um diálogo investigativo com outras lembranças, fatos e fontes passam a contribuir de forma fundamental para a composição desta digital histórica-narrativa no espaço-tempo.

A narrativa oficial dos homens varre, para debaixo da mesa de Clio, as migalhas indesejáveis que não combinam com o linho posto à mesa. No entanto, os homens esquecem que Clio é irmã do Tempo e prima da Cruviana. Seus ventos indagativos tendem a levantar os fragmentos, denunciando o fenômeno dos desdobramentos relacionais dos homens em seus contextos.

As lembranças comparadas as migalhas assumem um valor investigativo pois, as migalhas apontam algo que já foi servido, exposto, que a seu tempo retirado da mesa, as migalhas podem recontar então, todo um processo de produção que se deu atrás das cortinas, neste caso aqui identificar, como as migalhas narrativas das lembranças de Jaber Xaud, podem esclarecer o cenário cultural roraimense durante os governos biônicos.

A narrativa memorialística do apresentador e jornalista Jaber Xaud, aqui estudadas como ponto de partida a um contexto maior, está impregnada de particularidades política-cultural temporais de sua convivência entre o particular e o público que lhe constituíram enquanto agente social. Quando estive em sua casa percebi a solidão que chega com a velhice.

Antes de começar a entrevista sua esposa, me recebeu muito gentilmente, alertou-me sobre o estado de saúde de seu marido, e me pediu que fosse paciente. Passado um tempo desde este dia, e impregnado pelo livro de Ecléia Bosi, sobre a solidão social dos velhos, pensei nessa velhice como uma geografia, influenciado pela leitura *A Poética do Espaço* de Gaston Bachelard. A obra trata da questão filosófica do espaço, e argumenta que todo espaço é dotado de alguma forma de vida, logo, a memória torna-se também um espaço dotado de um valor antológico, subjetivo e estético, uma fonte de energia disponível aos motores da cientificidade.

Tudo isso, levou-me a refletir neste isolamento dos mais velhos em suas lembranças pelos mais novos, numa “geografia da solidão”, esse pensar foi reforçado enquanto assistia ao filme *Viva: A Vida É Uma Festa*, filme da *Disney*, que segundo a tradição mexicana do *Dia de Los Muertos*, os vivos devem fazer caminhos de pétalas de flores do cemitério até as próprias casas. No fim do caminho de pétalas existe um altar com fotografias, dos antepassados, objetos pessoais, comidas favoritas tudo isso, são vestígios que comprovam a existência do indivíduo e sua relevância ao grupo familiar. Mantendo viva a lembrança dos que partiram na memória dos mais jovens da família, para que dessa forma permaneçam vivos no ciclo afetivo da memória familiar. (DISNEY, 2018).



Figura 11: Cartaz do filme.

Fonte: popcultura.com.br

A história é construída por outros sujeitos que detém força para determinar o que deve ser esquecido ou lembrado.” Resume o historiador João Teófilo. O nosso ordenamento jurídico assegura ao morto uma tutela jurídica aos direitos da personalidade, assegurando-lhe a manutenção tutelada a um direito fundamental na sua dignidade após a morte, inclusive a preservação de sua memória por seus descendentes.

Essa produção cinematográfica explica de forma lúdica a importância das memórias para a manutenção da dignidade memorial do falecido, que no mundo dos mortos lutava para permanecer vivo na última lembrança que lhe dava vida; sua filha que já era uma idosa em idade avançada e sofria com os lapsos do esquecimento, justamente pelo silenciamento que o isolamento familiar lhe dava.

A película mostra as resistências em abrir mão de verdades construídas convenientemente com a distorção de acontecimentos familiares com profundos desdobramentos no tecido social de uma determinada região do México ao longo do enredo. A desconstrução destas verdades nos aponta semelhanças dos percalços da correção histórica, partindo de uma fonte.

Até pouco tempo, vista por alguns historiadores como irrelevante à pesquisa científica, uma fotografia insignificante esquecida numa estante, que por outro lado, se torna o veículo indagativo desencadeando uma série de fatos e ações ocultas ao longo de toda uma vida, transportando o jovem e inquieto, Miguel a uma viagem poética entre os dois espaços de mundos aparentemente opostos, passado e presente, vivos e mortos, ontem e hoje.

Uma aventura na reflexão do espaço de suas memórias, que foram fornecidas por outras memórias familiares, conduzindo o jovem Miguel, poeticamente a uma compreensão do espaço ocupado por ele e pelos outros no contexto familiar, resultando numa inconformidade o que exigiu uma remodelação no tecido social.

Trata-se apenas, portanto, de encontrar os meios de assegurar a própria impunidade, e é a isso que os poderosos dedicam todas as suas forças e os fracos todas as suas artimanhas. (ROUSSEAU, 2017, p.126)

Foram os acordes do violão que desataram uma descarga parnasiana nos neurônios provocando conexões elétricas na mente da matriarca, reacendendo a estética reflexiva das suas lembranças que a fizeram começar a falar, relembrando momentos, dores, risos, uma fala memorialística perturbadora, incômoda que começava a transformar o cenário de toda a narrativa oficial e a trajetória histórica da cidade.

Tudo isso, provocado pelas inquietudes do seu bisneto, sobre o porquê na sua família não se podia tocar violão ou cantar, mais uma vez a inquietação indagativa do hoje ao ontem se mostrou necessária, que ao despertar as lembranças da matriarca cantando uma das músicas que seu pai cantava quando era criança, desatando-se a uma série de eventos que mudou toda a história regional e cultural da cidade que eles moravam. Foram os choques destes espaços que reconfiguraram o espaço cultural no hoje. Corrigindo uma mentira narrativa, durante muito alimentada como uma verdade na memória coletiva, sendo alimentada por músicas, filmes e jornais, é só mudou a partir das novas e irrefutáveis fontes particulares e familiares da idosa, o que traz à memória César Ades:

Falar nem sempre é pragmático, no sentido de coordenar a ação sobre o mundo, falar aproxima as pessoas e as coloca num campo de comuns. É um contato de experiências no qual ¹⁰tomamos um prazer especial (não nos definiu o psicólogo Dunbar como uma espécie palradora, em que os relacionamentos sociais se reforçam através do bate-papo?), graças ao qual reduzimos a solidão à qual nos condena a nossa individualidade e os mundos próprios que construímos para nós mesmos. Não se trata de uma memória-hábito, mas uma memória de eventos únicos, uma memória bergsoniana das coisas em constante transformação, da qual nos fala Ecléa. (ADES, 2004, p. 1) Conduzindo o sujeito a se reconhecer como parte dessa história em seu lugar de fala, em sua territorialidade espacial como um arquivo vivo. “[...] Ela quer se elaborar a partir desses arquivos vivos que são os homens”. (LACOUTURE, 1993, p. 217). Roraima é uma região fronteiriça possuindo em seu relevo um cenário ecológico complexo e distinto;

serras, lavrados e floresta agregando grande valor ambiental para o país.

Possuindo um subsolo rico em recursos minerais ambicionado a princípio por exploradores espanhóis que chegaram pelo rio Urariquera e holandeses, bem representados na figura do escravista Nicolau Horstman, pela fronteira com a Guiana, atraídos pela caça ao pirarucu, a virada da tartaruga e seus ovos e principalmente o aprisionamento de índios.

A região do rio Branco foi alvo de captura indígena para abastecer São Luiz do maranhão e Belém, dada o alto custo da manutenção escravista africana para a região norte, tendo como alternativa o aldeamento indígena fornecendo mão de obra indígena escravista e ao mesmo tempo catequisando, impondo as vertentes da moral europeia sobre os capturados num processo de apagamento de suas línguas, cosmologias, o que alguns documentos da época chamam os indígenas de gentios.

A gênese de Roraima se inicia pela força conflituosas das botas monárquicas em garantir a posse territorial através do aldeamento, aprisionamento e doutrinação indígena. A figura do homem, militar, solitário, explorador, buscando riquezas infidas em nome de uma monarquia será ao longo do tempo se transformando na figura do garimpeiro aventureiro e disposto a todo sacrifício para fazer fortuna, ou como diz o jargão garimpês, bamburrar.

Já no final do século XX e início do século XXI, será o valor de terras produtíveis do estado, bem abaixo da média do mercado nacional o catalizador de uma nova demanda ocupacional das terras de Roraima, o agricultor vindo de regiões produtivas tradicionais do país irão redescobrir Roraima, esse movimento é chamado como nova fronteira agrícola brasileira.

Todo esse dinamismo ocupacional no decorrer da história roraimense foi tom preocupante desde a monarquia atravessando todos os períodos políticos distintos e regimes como algo sensível que exigia decisões políticas que visassem garantir a soberania nesta região fronteira da Amazônia setentrional. Esses conjuntos de medidas estratégicas refletiram nas garantias constitucionais dadas com a promulgação da constituição federal de 1988.

Esse dinamismo transformador tanto para o Estado como para a sociedade roraimense, traçou uma nova realidade histórica com desdobramentos nas redes relacionais do poder local dos indivíduos. A criação das fazendas nacionais, a implantação da pecuária na região como forma de garantir o território atrás da pata do

boi, foi elemento fundante para a construção de uma elite local que começa a ser construída fora do roteiro que acontecia no resto do país, contrariando a tradição do nascimento e manutenção do poder tal como no Maranhão e Belém.

Jaber Xaud é um fio de condução para entendermos as particularidades da construção e manutenção das chamadas “famílias pioneiras” no poder de mando local, segundo conta nasceu no dia 03 de agosto de 1931 quando Boa Vista ainda era município de Manaus. Sua narrativa traz o pertencimento de agente que compunha a elite local, sendo membro da primeira geração das “famílias pioneiras” que nasceram na região, um prisma narrativo de dentro para fora do processo de formação da elite roraimense e a luta destes grupos familiares para se manterem no cenário político com poder de mando local ao longo do recorte temporal aqui proposto.

Já sabemos que a conquista das terras indígenas em um dado momento se deu através da pata do boi. Onde aos poucos o boi avançava sobre o território expulsando para o interior os grupos indígenas. Através da apropriação dos espaços estratégicos de mando como criadores de gado, ocupando espaços de grupos indígenas através da pata do boi, metamorfoseando o indígena em vaqueiro.

Os fazendeiros famosos por terem grandes extensão de terras foram a família

Brasil, ou comerciantes, grupo compostos por sírios, onde se enquadrava o pai de Jaber Xaud, a família Fraxe, Família Paracat, grupos marcados pela habilidade em fechar negócios, e de acordo com as mudanças sucessivas migram para outra estrutura de poder, que foi a estrutura administrativa ocupando estratégicos dentro da administração pública como resultado de acordos políticos com governadores nomeados ou biônico.

A trajetória de Jaber Xaud no meio cultural roraimense, segue o roteiro clientelista dentro de uma urbanidade, sua particularidade narrativa revela os impactos de uma elite que luta para se manterem no protagonismo político de mando não conhecida por todos, muito bem definida por Lobo: “Por outro lado, o reflexo é uma maioria da população apática ao cotidiano das instituições políticas, e uma parcela que participa diretamente da clientela, cujos benesses os atrelam em uma simbiose disforme ao poder público.” (JUNIOR, 2014).

Segundo entrevista dada a este que escreve em abril de 2005, Jaber saiu de Boa Vista aos sete anos de idade, indo morar na cidade de Manaus a partir de 1938. Chegava numa época em que a cidade de Manaus enfrentava uma forte crise econômica nas suas contas públicas, e que se via desafiada pela demanda urbana e

populacional, frente ao projeto civilizador de embelezamento da cidade como maneira de converter em novas práticas o comportamento populacional na ocupação dos espaços públicos.

Sua família chegou a cidade de Manaus um ano após o interventor Nelson Melo, adotar uma série de medidas que garantissem a continuidade da interligação urbana entre os novos bairros da cidade, obrigando-o a fazer uma profunda reforma administrativa, segundo mostra o documento que através do Ato nº 2851, em 27 de dezembro de 1933.

Acto n.º 2851, de 27 de dezembro de 1933, fundindo numa só repartição, com a denominação de Diretoria Geral da Fazenda Pública, o Thesouro Público e Recebedoria de Rendas, que foram extintos.

Os resultados não poderiam ser mais prompts e productivos: a fiscalização e arrecadação das rendas passou a ser realidade, tanto na capital como no interior e o fisco estadual respeitando e acatado, porque a energia com que era exigido o cumprimento das leis fiscais, tanto atingia ao contribuinte, quanto aos tributos devidos, como aos exactores da fazenda, inexoravelmente, quanto à hostilidade na arrecadação e precisa observância de suas obrigações e deveres.¹⁰

Porém, as lembranças descritas por ele dão uma Manaus de sua infância eram de uma cidade pacata com trânsito relativamente calmo, com bondes e com alguns carros de aluguel rodando no máximo de trinta quilômetros no centro da cidade, uma cidade marcada pelo silêncio em suas ruas do centro, cortada apenas pelo barulho do bonde passando em seus trilhos. Mal sabia ele em sua infância que essa harmonia urbana vinha de uma Manaus mergulhada em um saudosismo que ainda se ressentia do declínio econômico da borracha e que buscava a todo custo se colocar no contexto nacional dentro de uma perspectiva urbanística de embelezamento disciplinador do comportamento populacional nos espaços públicos.

Levando a prefeitura a ser reguladora do modo de agir coletivo, efetivando um conjunto de medidas e estratégias por intermédio de decisões políticas, e atos jurídicos, que passam a contar com a força de polícia para o devido cumprimento deste intervencionismo na face urbana de Manaus. Sem esquecer os mecanismos educacionais e as diretrizes pedagógicas, como escolas e internatos de ensino católico,

¹⁰ Ofício enviado ao presidente Getúlio Vargas, pelo interventor federal no Amazonas, capitão Nelson de Mello-Imprensa Publica. Manáos-Amazonas. Pp.9-10.

seu pertencimento enquanto sujeito ao grupo privilegiado socialmente e seu lugar dentro da bolha urbana manauara.

Sua narrativa memorialística entrelaça-se aos argumentos e ações adotadas em parte pela administração pública em querer afastar quem não cabia na paisagem do centro da cidade; aqui, os suburbanos. Esse conjunto de ações e medidas, por outro lado, forçou o poder público a priorizar uma série de obras urbanísticas de infraestruturas na periferia como a construção de escolas, pontes, feiras, calçamento, saneamento com a finalidade de fixar a população que destoava da paisagem do centro da cidade, nestes bairros (periferia) sem necessidade de virem ao centro.

“Um poder público que não mais poderia dar ouvidos somente à elite; era obrigado, por forças das circunstâncias econômicas e socioculturais, a dar respostas às demandas dos moradores dos subúrbios.” (BENTES, 2012, p.178)



Figura 13: Chegada da linha do bonde no bairro Cachoeirinha.

Fonte: <https://idd.org.br/iconografia/acervos-pessoais/>

Seu encantamento juvenil e quase inocente pelos bondes que circulavam no centro da cidade não lhe permitia enxergar as paisagens que existiam no percurso dos bondes. Ruas sem asfalto, mato no lugar do calçamento, casas de madeiras, animais soltos na rua como cachorros e galinhas, evidenciando ainda mais as dificuldades e os esforços conjuntos do governo estadual e da prefeitura em garantir a constância e ampliação da intercomunicação entre o centro e os bairros, ou melhor, na periferia, garantindo ao mesmo tempo o abastecimento da cidade, iluminação pública sem parar a continuidade de obras já iniciadas, sem abrir mão da diminuição de custos. Enfim, um conjunto ações para redimensionar a intervenção no espaço urbanístico civilizador da cidade.

Esse ordenamento nada mais significa do que a modulação do processo de modernização no qual sua matriz de inspiração reside no modelo urbano de Hausmann (HATOUM, 2006, p. 49-70); nas concepções político-filosóficas positivistas e no controle sanitário das doenças infectocontagiosas que alteram, de forma significativa, as grandes cidades europeias no século XIX. A esfera pública sofre sucessivas reengenharias institucionais, a fim de promover o controle rigoroso das atividades de serviço, lazer, saúde e segurança, que exigem uma demanda crescente diante da vertiginosa expansão de Manaus. (RIBEIRO, 2015, p. 51)

Jaber estava sem perceber, mergulhado no simbolismo manauara pelo progresso, civilidade e integração nacional, movendo a prefeitura a firmar contrato com a empresa estrangeira “ The Manaus Tramways and Light Company Limited”, que ficou com a responsabilidade pela reconstrução e ampliação do sistema elétrico dos bondes da cidade, e também será responsável por uma série de serviços públicos milionários tais como: calçamento de todo o trajeto que o bonde percorria na periferia e a eletrificação pública com o mesmo padrão do centro durante toda a década de 40 no Amazonas.

Tudo indica, sem exagero, que a organização interna destas empresas, os seus procedimentos administrativos e as formas como seus agentes realizavam suas atividades deixaram marcas indelévels no imaginário e na vida dos habitantes de Manaus. (RIBEIRO, 2015, p. 52)

Porém, o custo deste empreendimento urbano apresentava uma problemática. Uma despesa que não sairia barata na manutenção energética aos cofres da administração da cidade, em contratos milionários segundo documentos públicos, levando a entender a cláusula contratual em que a empresa se via obrigada a fazer um abatimento de 50% na tarifa elétrica. Esse processo de embelezamento urbano adentrando à periferia possuía o cunho civilizador de alterar principalmente o comportamento coletivo no espaço público local exigindo um alto dispêndio.

Englobando o calçamento, terraplanagem e todo o processo de remoção de casebres em madeira foram medidas estratégicas pelo embelezamento urbanístico como agente transformador do comportamento coletivo nos espaços públicos. O apagamento do atraso, do feio, substituição da madeira pelo concreto, enfim, tudo aquilo que não seguia a ótica estética europeia de embelezamento estaria fadado ao desaparecimento e substituição, isso não deveria sair barato.

Forçando uma mudança do *habitus* no tecido social e urbanístico manauara, salientando que esse projeto além de caro exigia tempo, então a realidade ficou bem aquém da planilha.

Uma estratégia urbanística excludente submetendo todos os indivíduos a um turbilhão de mudanças contínua no espaço gerados pelo intervencionismo dos serviços destas empresas, logo, não é sem sentido afirmar que a cidade de Manaus se tornara um paraíso lucrativo destas empresas inglesas, que detinham praticamente todas as concessões dos serviços públicos urbanísticos na capital.

Com esse acordo, a Prefeitura Municipal de Manaus acreditava que iria reduzir custos, pois considerava que o valor pago pela energia era maior do que o valor que gastaria para manter o calçamento e fazer o recalçamento das ruas da cidade por onde passavam os bondes. (BENTES, 2012, p.109)¹¹

Todos estes esforços de investimentos não deram o resultado esperado, que era investir e ao mesmo tempo gerar uma economia aos cofres públicos capacitando a prefeitura a concluir obras em andamento e a desenvolver novos investimentos, porém, o que foi justamente oposto desta expectativa, produzindo uma conta alta aos cofres públicos, mesmo com toda exequibilidade na arrecadação de impostos, levando o capitão Nelson Mello a reconhecer a necessidade de rediscutir a viabilidade do projeto de embelezamento da cidade de Manaus.

A década de 40 foi grifada por esforços de um projeto civilizador pachorrento e teimoso, num quadro de profunda estagnação econômica e que mesmo assim, fez importantes obras públicas com a ajuda financeira do governo federal, sublinhado por avanços estruturais na educação pública.

No período compreendido entre 1930 e 1945, foram lançadas as bases institucionais da modernização do Estado e da sociedade brasileira. As alianças e as lutas políticas, forjadas em meio a esses quinze anos, semearam os ideais políticos, econômicos e socioculturais que estarão presentes na ação política de indivíduos, grupos e classes sociais durante os anos cinquenta e sessenta. (RIBEIRO, 2015, p.167)

Foi nesse contexto nacional de cunho modernizador que se deu o atraso urbanístico civilizador da cidade de Manaus, já iniciado na década de 40 abrindo novas perspectivas para o futuro de Jaber Xaud ao ser influenciado pela oratória do bispo de

¹¹ BENTES, Dorinethe dos Santos, **Manaus- outras faces da história-1910-1940**, REGGO EDIÇÕES, Manaus, 2012.

Manaus, D. José da mata, se vê tocado para a vida sacerdotal descortinando a força da manutenção dos grupos de poder através de uma educação com fundamentos estruturantes e conservadores claramente europeu, circundando ainda mais a educação como ferramenta de mudança no *habitus* urbano.

Apreendendo desta maneira o contexto finalístico primário quanto a inauguração do Liceu de Artes, embora tenha sido construído com recursos federais não tinha ainda a estrutura ideal e necessária para seu pleno funcionamento, que transparece uma certa urgência por parte dos agentes públicos que compunha o governo de Álvaro Maia. (BENTES,2012, p.175)

O governo de Álvaro Maia foi marcado, não só por obras estruturais voltados para a educação pública, como também por abertura de delegacias em alguns bairros da capital. Parindo um contraponto reflexivo: Como que numa forte recessão ele conseguiu implementar projetos estruturais importantes? E por que a elite não desistiu do projeto de tornar a cidade de Manaus a “Paris dos Trópicos”?

Apesar da inversão sobre o construtor da Manaus- aldeia em cidade moderna, a cidade que foi construída teve por base a utopia de Eduardo Ribeiro e, durante todo o período pesquisado, não houve um só ano sem que fossem feitas obras no sentido de aproximar a cidade real da cidade ideal. (BENTES, 2012). Nesse controverso contexto urbanístico é que o adolescente Jaber Xaud avançava em seus estudos seculares, deixando de estudar no Grupo escolar Cônego Azevedo.

Mudou-se para a avenida Epaminondas, matriculando-se no Grupo Escolar Eduardo Ribeiro, depois do exame de admissão seguindo ao Colégio Dom Bosco, onde completou seu antigo ginásio. Neste mesmo ano acontecia na Europa o alinhamento da imprensa alemã com o nazismo uma estratégia militar com a finalidade de atrair a simpatia e a aceitação burguesa com um falso liberalismo, uma estratégia arquitetada pelo ministro da propaganda Goebbels.

Já na formosura da adolescência aos 13 anos de idade participava do 2^a

Aniversário do Congresso Eucarístico em 1946 na cidade de Manaus, tal evento possuía a manutenção civilizadora e perpetuadora de uma prática religiosa conservadora e aceitável pelo Estado e pela elite, um modelo a ser copiado pelas demais classes populares dentro da urbanidade da cidade.

Diante de tudo isso, se percebe o traçado conservador de sua formação enquanto sujeito, sua educação familiar somada a uma educação secular positivista e religiosa fiaram o enredo que o habilitaria mais tarde ao serviço público inicialmente

como escriturário, e mais tarde como agente público na função de vereador em Boa Vista sua cidade natal.

Tais artefatos são depositários das flexibilidades das tramas a partir das quais são alinhavadas as estruturas das histórias dos grupos humanos que constroem cidades, pois, a cidade é, por definição, um artefato social. (BENTES, 2012, p. 179)

Relembrando com segurança e um certo orgulho no tom da sua voz, que logo após o congresso Eucarístico o Bispo Dom João da Mata, fundou o Seminário São José, (nesse momento sua postura corporal deixa evidente seu pertencimento social) composto inicialmente por doze seminaristas; Jaime Ribeiro (já falecido), Eduardo Bessa, Manoel Bessa, Padre Normando, Padre Pedro, Doutor Aurígenes, (exsecretário de educação), José de Azevedo Tiúva e, finalmente, o próprio Jaber Xaud.

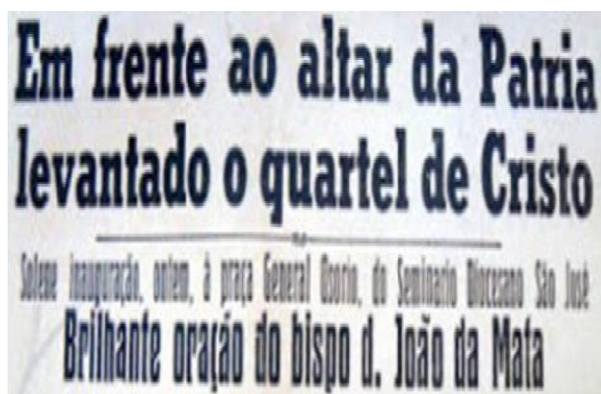


Figura 14: Manchete do O Jornal, 19 março de 1943.

Fonte: <https://arquiocesedemanaus.org.br/2019/02/23/historiadoseminariosa-o-jose-na-emilio-moreira/>



Figura 15: Fachada do Seminário de São José.

Fonte: <https://arquiocesedemanaus.org.br/2019/02/23/historia-doseminariosaojose-na-emilio-moreira/>

O espaço ocupado pelo terreno do seminário São José ficava na rua Emilio Moreira, bairro da Praça 14 de Janeiro. No terceiro ano ginasial como seminarista (1943), ele não se identificou com a educação severa e rígida, característica dos seminários católicos, pois segundo o próprio era muito brincalhão e tinha medo de se tornar um padre gaiato. Nessa época ele aprendeu no seminário que o que mais tinha no inferno era padre e freira.

Um evento que transparecia a real mentalidade nacionalista, conservadora e finalística da época, confirmada nas presenças das autoridades jurídica e militares presentes ao evento. Como consta nas manchetes dos jornais da época, o que nos faz perceber a múltipla cooperação de forças entre si enquanto grupos que almejam a conservação da ordem social através de um continuísmo político e cultural dos agentes que compõem a elite burguesa manauara apoiada pela igreja e pelas armas do Estado.

Ao final da conclusão do ginásio em 1947 estava inserido em um contexto urbanístico onde a cidade de Manaus se desenvolvia como metrópole sob um cenário contraditório de uma penúria orçamentaria. Após concluir seu ginásio foi morar ainda por um ano a convite de uma amiga de seu pai na residência da família Mansur, cuja matriarca em sua descrição a chama de “fantástica” Maria Mansur, uma mulher sempre presente nas colunas sociais dos jornais impressos manauara.

Em sua narrativa a amizade com a Família Mansur é resultado dos fios de amizade tecido por seu pai quando ia a Manaus visitá-los e aproveitava para frequentar os lugares da *High Society*, clubes tradicionalmente de encontro da fina flor manauara, uma amizade que ao terminar seu ginasial ainda morou por um ano na casa da tradicional e fantástica, (expressão sua) Maria Mansur, matriarca da família, membro da comunidade síria manauara e figura constata das colunas sociais dos jornais impressos da capital.

Em seu retorno em meados de 1948, ao território, numa situação na qual o país enfrentava terríveis e desastrosos efeitos econômicos do governo Dutra, agravando ainda mais a situação financeira da massa trabalhadora através do aumento de impostos de consumo nos grandes centros urbanos do Brasil. Jaber Xaud desembarca no único porto deparando-se com uma Boa Vista prosaica e preguiçosamente numa transformação espacial lenta em seu corpo urbano que havia se iniciado oito anos antes de seu retorno definitivo, um ano após a criação do Território Federal de Roraima, uma paisagem de substituição custosa das cercas de madeiras, cedendo aos poucos ao concreto em suas esquinas.

Percebia-se um certo continuísmo amazônico urbano-civilizador em contornos retos na construção de prédios administrativos, porém, com a vantagem de possuir um número demográfico inferior a Manaus, facilitando na abertura de avenidas largas e retas como se fossem setas de asfalto apontadas para o interior, propondo uma confluência voltada para o centro da cidade um espaço ocupado tradicionalmente pela elite local. Esse processo de substituição irá marcar a década de 50.

Um traçado urbano estrategicamente pensado em forma radial lembrando ao mesmo tempo um leque aberto, um indicativo da mentalidade de abandono a um espaço urbano que não atendia mais as expectativas. Algo que favorecesse a expansão urbana e ao mesmo tempo abrigasse adequadamente a sede governamental.



Figura 16: Foto do Google.

Fonte:

Esse novo projeto urbanístico não foi pensado apenas dando as costas para o rio Branco e ao passado arquitetônico das velhas construções. Foi um deslocamento e o apagamento de um conjunto cultural e relacional construída ao longo dos anos por um grupo de agentes fácil de identificar: estrangeiros, indígenas, garimpeiros, pobres. O projeto das avenidas largas avançaria para o interior como setas de asfalto, sem possibilitar o surgimento de becos, vielas ou ruelas arrastando essa gente, seus bichos, sua maneira de sobreviver, seu cotidiano, seus hábitos há uma nova proposta de afastamento destes grupos do centro em direção ao interior, impondo uma nova ordem disciplinar espacial, física, social e cultural numa ação draconiana reformadora do Estado, o que por outro lado, segundo Santos facilitou a implantação de algumas colônias redimensionando o comércio interno. (SANTOS, p. 167)

Na época em que foi projetada a planta da cidade de Boa Vista (1944-46) estávamos no fim de uma guerra. O que expunha ainda mais a urgente fragilidade

fronteira dessa região amazônica. O que preocupava a inteligência militar nacional, obrigando por outro, uma série de medidas adotadas para a capital Boa Vista.

As avenidas largas seriam mais do que simples radiais, para alguns serviriam como pistas de decolagem em caso de invasão estrangeira, para outros seriam mais do que um simples leque, seria a própria alma brasileira, presente com o corpo e o coração, para garantir a integridade de nossos limites. E, portanto, o sistema radial o símbolo de união territorial, social, linguístico e ideário do povo brasileiro do Extremo Norte (VERAS, 2009).



Figura 17: Maquete do plano urbanístico para Boa Vista, 1946, do engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson.
Fonte: vitruvius.com.br

O homem que seria a mão executora do poder central para implementar tamanha intervenção espacial-urbanística na região foi governador e capitão, Éne Garcez dos Reis, seguindo a estratégia geopolítica adotada pelos militares ainda no Estado Novo para a Amazônia, idealizando uma ocupação do vazio espacial na região do Rio Branco através de uma intervenção arquitetônica que imprimisse a presença do poder central, e ao mesmo tempo possibilitasse uma ocupação humana substancial ao longo do tempo.

Nesse empreitada coube a parceria com o engenheiro Darcy Aleixo Derenusson em apresentar o plano urbanístico que tiraria a região do atraso, apagando uma paisagem que fragilizava o espírito nacionalista na região, propondo um novo espaço urbanístico, e ao mesmo tempo sanando as deficiências que atrasavam a

aceleração da ocupação urbana, voltando para questões sanitárias e a implementação de serviços básicos numa rede com função expansionista, seguindo o fluxo do asfaltamento adentrando para o interior, uma mobilidade estruturante que exigia um grande aporte financeiro.

Um projeto político-urbano e integrador para Boa Vista exigia uma infraestrutura condizente, uma estrutura que apontasse para a modernidade industrial, casando com a expectativa geopolítico nacional para essa região da Amazônia. Ao mesmo tempo, em nada lembrava as fases econômicas que marcaram a história roraimense tais como: o extrativismo vegetal e animal, a prática do garimpo, a pecuária de expansão, práticas econômicas que deram *status* e uma legitimidade insipiente as “famílias tradicionais” que mesmo assim, passam a constituir-se política e socialmente como forças representativas legítimas de poder de mando divididas entre oposição e situação no tecido social local.

Havia nessa nova proposta arquitetônica e intervencionista na aplicabilidade dos recursos dois obstáculos concretos: a lentidão política e os recursos orçamentários, passando a ser o átomo resultante em um fluxo de aproximação e repelência destes grupos com o poder central no Território, resultando numa aproximação conveniente dos interesses semelhantes para a região entre o poder central, através dos governadores nomeados frente a manutenção de um protagonismo político pelas chamadas “famílias pioneiras” dentro da administração pública. (MONTEIRO, 2010, p. 5) “Organizar” a Nação. Esta é a tarefa urgente, uma tarefa que cabe às elites. Dela os intelectuais tem ainda motivos para participar, na medida em que constitui um fato indissolúvelmente cultural e político: forjar um povo também é traçar uma cultura capaz de assegurar sua unidade.” (PECAUT, 1990, p. 15)

Esse pensamento do “vazio amazônico” é uma conveniência da geopolítica nacional para região amazônica que passa a incluir também o Território do Rio Branco, dando início a um intervencionismo de cunho militar, integrador com uma forte presença do poder central na estrutura e infraestrutura urbana em avanço aberto para o interior, o que se percebe na forma radial adotada estrategicamente indicando o avanço e a integração, dos espaços “vazios” dos lavrados que receberiam o tom de pertencimento ao corpo nacional alternado o espaço urbano boa-vistense voltados ao mesmo tempo para o centro, local de vivência e manutenção cultural das famílias tradicionais, legitimando como espaço de poder político e civilidade.

Silva acredita que “esse planejamento de Boa vista está presente no projeto geopolítico nacional, que criou para a Amazônia, planos nacionais de desenvolvimento, na intenção de ocupar e povoar essa área” (2007, 2005). Em entrevista concedida ao jornal Gazeta de Roraima, em 1991, o engenheiro Darcy Aleixo Derenusson, explicou que o significado das radiais não era meramente técnico, mas representava a presença do Governo Central na Amazônia setentrional, ou seja, era também político. (MONTEIRO, 2010, p.7-8). O espaço urbano da cidade será local de residência, manutenção e trânsito das conveniências políticas, um espaço de construção de laços de amizade, onde Jaber Xaud irá constituir suas vivências e convivências, uma zona reconhecida pelos acordos políticos coerentes aos grupos de poder local com o poder central, o espaço demarcado pela elite foi a zona norte da capital.

Essa reconfiguração paisagística e estruturante de Boa Vista, exigira uma série de medidas intervencionistas pré-adaptadas, como o recenseamento populacional, a adoção de um Plano Diretor e Urbanístico, medidas para implantação de saneamento básico, como rede de água e esgotos sanitários, corredores pluviais, rede elétrica; enfim, um conjunto de elementos estruturantes, visando constituir uma sociedade urbanizada e que ao mesmo tempo atendessem as expectativas estéticas burguesa. Como explicita

Hobsbawm (2018, p.224), “os elementos contidos numa constituição simbólico-cultural não são uma mera reunião de itens e coisas, mas organizam-se seguindo um padrão que afirma a relação entre os elementos e determina seu valor.”

Nota-se elementos de um esquema classificatório aplicados na constituição do espaço arquitetônico e urbano de Boa Vista, tais medidas tinham o bojo a necessidade em manter os agentes sociais indesejáveis longe do centro, por meio de medidas que os mantivessem na periferia e longe de circular no centro, como feiras e sem esquecer a construção de escolas públicas em pontos marginalizados como a construção da escola O Pescador, para atender a demanda do bairro São Pedro que antigamente era composto por gente pobre, estrangeiros ou “guianeses”, pescadores, lavadeiras indígenas, ou pejorativamente lugar de “caboco” morar. Serão esses agentes que comporiam a massa periférica da época.

Outro bairro que seria relegado de modo marginalmente classificatório como periferia, será o bairro Olaria, que começou ao lado da antiga manufatura beneditina às margens do Rio Branco. Composta por indígenas, garimpeiros frustrados com a

garimpagem tornaram-se um grupo de extratores sob ar comprimido na remoção de areia e seixo submersos nas águas profundas do Rio Branco, um bairro de migrantes vindos do Nordeste, alguns estrangeiros e na grande maioria indígenas da etnia Macuxi um grupo suburbano de uma massa trabalhadora na fabricação manual e artesanal de tijolos para o mercado da construção civil local para a capital.

As instituições públicas, ao disciplinar o uso dos espaços da cidade pelas diferentes categorias de agentes sociais, individualizam, por um lado, os procedimentos para enquadrar desvios que comprometem a ordem. Por outro lado, aumentam a eficácia e produtividade da força de trabalho desses agentes. O desdobramento dessas práticas é uma tentativa das instituições públicas de enquadrar ou dispor indivíduos em uma ordem de classificação hierárquica pelo tipo de trabalho, renda, saúde e local de moradia. (RIBEIRO, 2015, p. 51).

A fitofisionomia dos igarapés que cortavam o centro da capital não escapou ao apagamento cultural e ao disciplinamento urbano, a vegetação típica das margens dos igarapés foi substituída pelo asfalto, um paisagismo disciplinador retirando a recreação coletiva de crianças e adultos destes espaços, o calçamento em concreto delimitava o trânsito dos agentes sociais nestes locais, alguns foram parcialmente aterrados. Em seus relatos lembrou como era bom ir ao igarapé Caxangá, era rotina do lazer e vida urbana ainda na década de 50, as famílias iam se aliviar do calor dominical ir banhar-se nas águas do Caxangá. Com a reconfiguração do espaço urbano ao longo do tempo o Caxangá passou a receber parte do esgoto sanitário e doméstico e foi aterrado em parte, uma reconfiguração do espaço voltada para uma eficácia urbana aceitável.

Toda essa interferência no paisagístico urbano ao longo do tempo vai contornar a narrativa histórica oficial de Boa Vista como espacial constituído de uma legitimidade política do entrelaçamento dos fios de interesses relacionais do poder central (macro) com os interesses do poder local divididos entre situação e oposição (micro), uma teia estruturada com a conveniência destas duas forças desencadeando fenômenos impactantes sobre a maior camada dos agentes sociais no tecido regional.

Este foi o pano de fundo do contexto urbanístico e político quando o Jovem Jaber começava a trabalhar com seu pai no comércio da família, na avenida Jaime Brasil, porém, segundo conta era um local muito desagradável devido ao calor do telhado de zinco, que o fez pedir ao pai para trabalhar no governo pra não passar mais calor. O pano calorento e desagradável, favorece a inserção de Jaber Xaud dentro dessa nova expectativa sob a ótica de emprego público, estabilidade, casa própria e todos estes anseios que grande parte da população do país ansiava obter, a facilidade dele

em se encaixar no serviço público, mostra as facilidades que os grupos de mando de situação tinham a qualquer momento disponível junto ao governador dentro da administração pública.

O que vai na contramão da grande maioria de gentes vindas em busca de trabalhar no serviço público, um fluxo migratório contornado de uma ação estratégicomilitar na implementação intervencionista urbana, seguindo um continuísmo da mão militar na narrativa da história do urbanismo brasileiro, passando a incluir Boa Vista nesse bojo com a desculpa de ocupar o “vazio amazônico” nesta região setentrional ao longo da década de 1950.

Boa parte dos membros das famílias tradicionais irão ocupar o primeiro escalão do poder de mando dentro do corpo público-administrativo, portanto, é compreensível quando Jaber Xaud entra no serviço público sem concurso indo trabalhar no gabinete do governador como escriturário, em um ambiente climatizado com uma bela mesa de trabalho.

Transparecendo aqui a habitual prática de uma dualidade de interesses entre o poder central e os grupos familiares que formam grupos de mando de poder; oposição e situação no espaço boa-vistense, uma facilidade totalmente avessa a realidade dos agentes pertencente aos grupos alijados das relações familiares e políticas que caracterizavam os grupos de mando local.

As práticas sociais no interior das classes e frações de classe, em disputas pelo direito legítimo de classificar o mundo social e se apropriar dos bens materiais, demonstram que os grupos sociais são sujeitos da criação cultural e não indivíduos isolados, mas em conflito no espaço social. (RIBEIRO, 2015, p. 92-93).

Jaber carrega em sua fala o feixe das forças políticas, econômicas, culturais e sociais, que compõem e legitimam a manutenção de poder por grupos distintos na sociedade roraimense, marcados por acordos(situação) e desacordos (oposição) historicamente oriundos dos grupos familiares que se auto definem como “famílias pioneiras”, oriundos de uma pecuária extensiva, do garimpo, do extrativismo animal e vegetal e de um comércio incipiente que passam a compor uma nova paisagem na forma de disputa e manutenção (do) pelo poder de mando regional dentro da administração pública dos governadores nomeados e depois pelos governadores biônicos disputando os poucos cargos públicos, o que nos revela as oscilações convenientes entre situação e oposição.

A transformação histórica era uma questão de realinhamento gradual de elementos fixos dentro do sistema: nada jamais desapareceria, simplesmente mudava de forma, modificando as suas relações com outros elementos” (EAGLETON, s/dp.116-118)

Esse realinhamento se mostra ao decorrer de sua narrativa, contou-me que seu segundo cargo no serviço público se deu pela urgência do então, governador Miguel Ximenes de Mello (1949-1951), nomeado por Gaspar Dutra, (Quarta república brasileira), que precisava empossar uma servidora em um cargo e com urgência, porém, a chefe de gabinete do governo havia faltado nesse dia, foi quando alguém falou do jovem franzino, que tinha estudado em Manaus, ele então mandou chamar o rapaz que trabalhava na sala ao lado, passando a ditar o texto.

Em sua lembrança o governador ao pegar o documento para assinar ficou admirado com a caligrafia, foi então, que naquela mesma tarde torna-se chefe de gabinete do governador (e comenta rindo que naquela época em Boa Vista quem tinha o ginásio completo era tratado como Doutor Honoris) exercendo a mesma função durante a passagem dos 22 governadores nomeados a partir da década de 50 e após o golpe militar em 64, sua permanência no cargo durante as trocas de governadores segundo afirmou era por causa das pessoas próximas a ele que sempre o recomendavam ao novo governador que chegava sua permanência no cargo de chefe de gabinete, reforçando o realinhamento de vontades do grupo em relação ao indivíduo.

Sua conservação no cargo de confiança dentro do gabinete do governador é fruto de suas interações relacionais com os outros indivíduos que compõem o grupo político local, possibilitando a continuação de sua trajetória de confiança nos corredores do poder com os governadores biônicos na região a manutenção relacional conveniente ao interesses do seu grupo social e político frente aos interesses do poder central representados no governador e suas ações dentro da região, resultando num feixe cultural de ações relacionais conveniente ao grupo e ao indivíduo no espaço político dentro do corpo urbano de Boa Vista.

Aos 17 anos de idade trabalhando no gabinete do governador deu a seguinte definição: “trabalhar em Boa Vista naquela época era diversão,” demonstrando a facilidade como certos grupos conseguiam inserir indivíduos e se apropriar dos cargos estratégicos da administração pública no território, em detrimento da realidade da grande massa urbana que crescia na capital, devido ao novo fluxo migratório e fora

das redes relacionais de poder. Mostrando por outro lado, num novo desdobramento de manutenção do poder de domínio, através de mecanismos sociais que lhe permitiram assumir determinadas posições políticas convenientes dentro do processo de modernização da região.

Passando a identificá-lo como um agente pertencente a um grupo de situação política com livre acesso dentro da máquina administrativa, redefinindo a direção da ordem sociocultural e política numa nova modalidade de manutenção do poder de mando, impactou os demais agentes de outros grupos sociais que formavam a trama social naquele momento.

Nesse sentido os agentes e suas obras podem ser interpretados como expressão das lutas pela conservação ou mudança da ordem social(...), expondo dessa forma os mecanismos sociais que lhe permitiram assumir determinadas posições políticas e culturais diante do processo de modernização regional. (RIBEIRO, 2015, p. 93) Lotado no gabinete do então governador, Miguel Ximenes de Mello, nomeado pelo presidente Dutra em 1949 começou a trabalhar em 1950 dando meio-expediente durante a semana, possibilitando desfrutar da companhia dos amigos ao final do expediente em um dos dois bares existentes na capital, seu preferido era o Bar do seu Jacson.

Sua narrativa nos traz outra particularidade da época: a importância do comércio fronteiriço para o abastecimento das prateleiras do mercado local, ao recordar os nomes das bebidas consumidas por ele e seus jovens amigos eram uísque *Ballatines*, *Jack Daniels*, ou o preferido pelos jovens ricos *White Horse*, ou como chamavam cavalo branco, reforçando a dependência e a insipiência do mercado local em relação as forças comerciais fronteiriça e a forte concorrência comercial de Manaus no mercado doméstico; expondo ainda mais a fragilidade de uma parte da elite local que era formada por comerciantes, ele sabia como ninguém como o comércio local era refém das mercadorias vindas de Lethén (Guiana Inglesa) e da Santa Elena (Venezuela), sem contar a presença do comércio de Manaus na pessoa de J.G. Araújo, por ser filho de um dos primeiros comerciantes que formavam o grupo de comerciantes sírios em Boa Vista.

Essa realidade de acesso a esses bens de consumo oriundos das fronteiras, embora boa parte dos indivíduos tivessem acesso, alguns produtos tinham um peso e *status* social por serem produtos caros, como as bebidas como uísque. Os bares populares localizados na periferia, conhecidos pejorativamente como ponto de “pés

inchados” lugar conhecido por ser ponto de encontro de garimpeiros falidos, trabalhadores braçais composto de índios, estrangeiros, cearenses e gaúchos que consumiam cerveja venezuelana *Polar* e o refrigerante *Frescolitas*, cachaça barata, vendida em garrafas transparentes, algumas tavernas vendiam pão caseiro, bolos, bombons e refringentes em saquinhos de plásticos, boa parte destes bares ficavam às margens das principais avenidas, um exemplo de um bar que se tornou referência de encontro de garimpeiros, trabalhadores pobres, e os marginalizados urbanos como indígenas foi o *Bar da Viúva*, localizado na avenida Ville Roy no bairro de São Vicente zona sul da capital.

O espaço do centro de Boa Vista, era local tradicional dos endereços das chamadas “famílias pioneiras” como a Família Brasil, Família Mota, Família Paracat, Família Xaud, Família Fraxe, Família Salomão, Família Campos e Família Magalhães, geralmente estas famílias se dividiam em dois grupos distintos; oposição e situação, que geralmente dependiam de acordos com as indicações do poder central e a simpatia política conveniente aos planos do governador nomeado, portanto, em um espaço relativamente pequeno o centro da cidade tornou-se endereço de legitimidade política do estado, endereçamento das famílias e seus membros dentro da administração pública, e foi cenário de acordos e desacordos políticos.

Por outro lado, Santos reforça a insipiência de pertencimento da elite roraimense em sua gênese enquanto de grupos ou famílias oligárquicas, como por exemplo as oligarquias do Maranhão, segundo aponta, não existia uma tradição familiar hegemônica exercendo poder e influência sobre a política, e a economia e no próprio tecido social, ao contrário existiam grupos familiares, com interesses políticos e comerciais diversos que buscavam exercerem o poder total o que sempre os levavam ao embate entre si, sem contar a dependência de ajuda econômica para saldar empréstimos a comerciantes de Manaus, o que contribuía ainda mais para a força dos governadores nomeados pelo poder central, ele usa como exemplo do “enfraquecimento político da família Brasil, que havia contraído uma dívida imensa em empréstimos ao empresário do Amazonas, J.G. Araújo, o que acabou diminuindo seu poder de mando político na região.” (SANTOS, 2013, p. 16)

Essa insipiência na gênese que lastre uma possível legitimidade das “famílias pioneiras” como protagonistas de poder na região, desencadeara nos grupos políticos (familiares) oscilações de acordos e desacordos, encontros e desencontros dadas as conveniências políticas que acabam impactando o tecido social roraimense que sofre

as consequências de tais acordos, expondo a insipidez econômica e a total dependência dos recursos federais para a região. Segundo exemplifica Monteiro: “Lauçides Oliveira relata que logo que chegou em Boa Vista, em 1954, passa a ter contato com o “alinhamento político que divide as famílias e pessoas” , explicitando a existência de dois grupos políticos: “ os ocasionais ocupantes dos cargos e empregos públicos e os desempregados eventuais, exfuncionários do Governo do Território, alijados para dar lugar aos correligionários do novo governo” Referindo-se a esse processo como uma ciranda em que praticamente uma metade da população está empregada, a outra não; até a próxima troca de governador, quando o quadro será invertido” (2007, p. 49). (MONTEIRO, 2010, p. 9)

Uma ciranda refletindo luzes nos permitindo enxergar a manutenção constituinte de uma urbanização com uma forte mentalidade burguesa em seu processo estruturante e expansionista em direção ao interior marcado por uma lentidão traumática afastando, sacrificando e segregando mais ainda os mais pobres, afastando os destoantes da paisagem idealizada pela elite e implementado pelo poder público amarrado em acordos políticos, resultando numa urbanidade de trabalho limitado, que não conseguia acompanhar o fluxo migratório, submetendo os agentes sociais oriundo desse fenômeno a comporem os quadros de empregados e desempregados, expondo ainda mais uma dependência econômica conveniente aos interesses de ambas as forças, causando um efeito dominó nos aspectos, socioeconômicos e culturais no tecido social roraimense.

Um fato concreto para o que argumenta Hobsbawm:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” (HOBSBAWM, 2018, p. 8)

Contudo, essa nova leva migratória que vive a região nota-se uma diferença no perfil deste migrante, trazendo novos olhares ao espaço da cidade são profissionais de diversas áreas, gente que chegavam para compor os quadros do funcionalismo público, robustecendo ainda mais o caráter de ocupação e fixação de grupos humanos no Território, segundo dados do IBGE de 1950. Porém, o olhar de vivências diferentes para quem aqui chegava vindos de grandes capitais se deparavam com uma paisagem

que ainda se apresentava rudimentar, interiorana e atrasada, se transformando na pachorra do tempo político, como bem expõe Monteiro:

Por outro lado, a cidade passa a receber os quadros que vinham compor o funcionalismo público civil e militar da nova unidade federativa (FEMAT,1994), assim como profissionais e toda sorte de pessoas que vislumbravam boas possibilidades na região. Estes novos atores sociais encontram uma cidade acanhada, isolada do resto do país, com um sistema de comunicação incipiente e precário, hegemônica politicamente por fazendeiros e por algumas famílias auto-intituladas “pioneiras.” (MONTEIRO, 2010, p. 10)

O olhar do outro vindo de fora, migrantes vindos de várias partes do país, principalmente dos grandes centros urbanos da região Nordeste e Sul, que viam uma capital encapsulada no tempo composta de uma gente simples, gente que ainda se identifica pelo sobrenome familiar, olhares que viam com estranheza porcos e galinhas soltos nas ruas, cavalos pastando soltos nas ruas, gente tirando água de poço, luz de lampião que remetiam ao clima de fazendas. E que mesmo assim não percebiam o quanto a cidade já havia mudado. Esse cenário do espaço na retina do outro nos possibilita ver a morosidade desta metamorfose urbana ao longo do tempo.

Já sob as lentes da política interna nas fronteiras com o Caribe e a Venezuela, coloca a cidade de Boa Vista como peça importante na geopolítica externa oriunda ao expansionismo estadunidense, levando o governo Dutra, mesmo com orçamento apertado, a destinar 38% do orçamento nacional para fins militares, aumentando consideravelmente o fluxo de militares e suas famílias ao território nos primeiros anos da década de 50.

Jaber Xaud lembra que não tinham televisão na cidade o divertimento dos jovens era ouvir os programas musicais da rádio América, *Programa a Voz da América* e ao *Programa a Voz de Cuba*, reunidos em algum lugar do centro da cidade até tarde da noite, voltavam caminhando para suas casas, relembra que naquela época no centro se dormia com as janelas abertas, não existia assalto nem sequestros.

Boa Vista torna-se um canteiro de obras urbanísticas estruturantes e necessários a estratégia geopolítica, que exigia em contrapartida um grande investimento financeiro público, seguindo então, o roteiro lento e burocrático conveniente de acordos políticos, reduzindo o passo civilizador para essa região da Amazônia que segue incorporando novos elementos no imaginário fronteiriço robustecendo ainda mais o fluxo migratório em uma escala crescente na região segundo dados do IBGE.

Ao levarmos nosso olhar a esse fluxo migratório ao centro não foi bem aceito pela elite, que se via dividindo o espaço público com estrangeiros, indígenas, e forasteiros e agora tinha o migrante, visto como um indivíduo que vinha tirar as oportunidades dos filhos da terra, o que exigia uma mudança no paisagismo urbano, contribuindo lentamente para a expansão física da cidade por meio da criação de novos bairros, passando a incorporar a periferia no processo civilizador roraimense, podemos citar a criação tardia do bairro Mecejana, com o objetivo de recolher o migrante que vinha compor os quadros do serviço público no território para trabalhar.

Esse conjunto de mudanças na paisagem do território foi idealizada pelo então governador nomeado em capitão Éne Garcez dos Reis, que via na intervenção arquitetônica na paisagem urbana da capital, a possibilidade de impregnar nos espaços públicos o pertencimento nacionalista e a continuidade do corpo territorial do país, numa região de fronteira sensível devido a situação do Caribe e Venezuela, reforçando o papel militar na ocupação espacial urbana da região.

Seu plano intervencionista previa condições de uma expansão ocupacional a longo prazo, sob o controle administrativo do Estado no território, foram essas mudanças que passariam a atender os interesses da elite local e aos objetivos geopolíticos do poder central para essa região de fronteira.

Porém, esse ousado projeto urbanístico, sofria com os limites orçamentários, desencadeando alguns transtornos políticos a longo prazo na implementação da nova ordem urbanística, estes obstáculos de caráter político financeiro, que por outro lado, não conseguia acompanhar o ritmo do fluxo migratório incentivado pelo próprio poder público, “desencadeando uma ocupação desordenada do espaço urbano, chegando aos números para a época alarmantes 17.247 habitantes segundo os dados apresentados pelo IBGE em 1950.” (MONTEIRO, 2010, p. 10)

Dessa forma, a cidade se apresenta como a capital com um complexo conjunto estruturado contendo em seu espaço urbano todo o corpo do poder político-administrativo que dirigia todo o Território. A infraestrutura urbanística da capital supera até hoje todos os demais municípios que ao longo do tempo foram criados totalizando dezesseis municípios. Será de dentro do corpo urbano de Boa Vista que se oxigenará as demandas políticas impactando o cotidiano da massa em todas as áreas administrativas estatal.

A cidade de Boa Vista possui o referencial de pertencimento por ter sido cenário de importantes acontecimentos com desdobramentos importantes, foi e ainda

é palco agregador da cena política local, comemorações, carreatas, greves e manifestações artísticos-culturais, é no centro de sua praça que corre o roteiro do cotidiano da vida jurídica, política e administrativa.

Percebe-se que é nos municípios que se dão as relações mais estreitas entre o eleitor e as lideranças políticas roraimenses, que se organizam hierarquicamente. Daí a importância de prefeitos e vereadores juntos aos governadores, formando alianças que ultrapassam as siglas políticas. (SANTOS, 2013, p. 220).

Tal característica de aproximação entre os atores sociais e a elite política, dentro do fenômeno relacional e urbano de Boa Vista a torna epicentro referencial de resultados eleitorais, o que a torna um importante espaço de pactos e acordos políticos com as outras lideranças políticas dos demais municípios.

O município de Boa Vista se coloca como corpo estruturante com um conjunto complexo em suas estruturas urbano-administrativas dando acesso ao surgimento de outros municípios superando todos os demais dezesseis municípios que formam o corpo territorial do estado de Roraima. É em seu corpo urbano e político que se concentra a oxigenação das demandas políticas que repercutem em todas as áreas, econômica, administrativo-estatal, cultural do estado.

A cidade de Boa Vista serviu de pano de fundo aos vários cenários marcantes que se desenrolaram em seu contexto histórico e político, legitimando seu protagonismo e sua importância como capital do estado de Roraima. A intervenção arquitetônica no espaço passou a alterar também a dinâmica relacional entre o governo central e a elite local, os prédios e repartições públicas acentuam o contorno estatal reforçando a burocracia e a impessoalidade se fez presente nos prédios públicos como parte do processo de nacionalização para essa regional amazônica. Em contrapartida a arquitetura dos prédios evidenciava a dependência financeira dos recursos públicos federais, desencadeando mudanças dentro dos contextos relacionais de poder na região. (MONTEIRO, 2010)



Figura 18: Vista aérea da capital Boa Vista/RR

Fonte: historiaoral.org.br

Os relatos orais dos agentes que fizeram parte deste processo reconfigurante do espaço urbano e também político de Boa Vista são, resultados de uma vida biológica que em suas cronologias particulares de suas vivências, lembranças arquivadas (característica dos idosos) que podem hoje ajudar a (re) construir a memória social roraimense, dentro de um prisma de pertencimento aos grupos importantes na sociedade, em um fenômeno desencadeador de novos e possíveis debates refletindo sobre as particularidades e ao mesmo tempo amarrando os fios de uma narrativa que até então estava reclusa, na memória se abrindo a um novo contexto para a compreensão dos fatores de manutenção de poder e alargamento da relações urbanas em novo enquadramento do olhar.

A lentidão do tempo se debruçou sobre os ombros do então governador Êne Garcez dos Reis, o racionalismo do ousado projeto urbanístico exigiria um alto preço. Levando esse empreendimento a estender-se por anos, essa exposição de fragilidade orçamentaria foi um nervo exposto do Poder central.

Na época em que foi projetada a planta da cidade de Boa Vista (1944-46) estávamos no fim da segunda guerra. E já muito antes disso, não poucos olhos gulosos invadiam nossas fronteiras com missões exploradoras e uma variedade de expedientes para se firmarem e ocuparem nossa terra.

Mais do que simples radiais, mais do que um simples leque, seria a própria alma brasileira, presente com o corpo e o coração, para garantir a integridade de nossos limites. E, portanto, o sistema radial o símbolo

da união territorial, social linguístico e ideário do povo brasileiro do Extremo Norte” (VERAS, 2009,127-128)

As fotos acima traduzem o traçado da mentalidade burguesa aliada a estratégica de uma geopolítica integracional nascida ainda do Estado Novo e adotada pelos militares com o golpe militar contra a democracia em 1964. A paisagem arquitetônica traduz e reafirma esse pertencimento nacional desta Amazônia Setentrional como parte legal ao corpo do Estado. Analisando a disposição dos prédios públicos estrategicamente distribuídos como órgãos do corpo humano em torno da sede do governo, no pleno desempenho harmônico e indispensáveis de suas funções burocráticas à manutenção da vida e da saúde estatal, separados apenas por largas avenidas que lembram as artérias circulatórias, onde o prédio da Catedral Cristo Redentor se coloca como espaço condutor da alma roraimense ao espírito nacionalista e conservador do Estado.

Esse novo espaço arquitetônico não escondia fazer parte do plano estratégico geopolítico sendo, um interventor, de natureza autoritária no espaço, explicado em parte pelas teorias weberianas em seu desempenho, apresentando em seu contexto urbanístico uma corporação política que se mantém em suas bases estruturantes com uma forte dominação institucional e ao mesmo tempo impositor de uma burocracia que marginaliza por isolamento o povo do processo decisório de tais mudanças.

(WEBER, 1999). “Está na integração das funções urbanas com suas radiais convergindo para o Centro Administrativo” na presença de áreas públicas, como praças e jardins nos imperativos de higienização; e na circulação com suas largas avenidas.” (VERAS, 2009, p. 119)

O espaço como lugar de afirmação nacionalista e manutenção da fronteira e ao mesmo tempo como área moderadora de lazer urbano aos moradores. Nos anos de 1950 essa cidade não apresentava mais de vinte ruas, poucos habitantes, reforçando o predomínio do elitismo das “famílias tradicionais” onde a aproximação se dava através do batismo e dos laços de apadrinhamento, acho que pelo fato da população ainda ser pequena, embora estivesse em um processo migratório crescente, as pessoas se conheciam pelo nome ou por vistas, acho que é daí que vem a alcunha de aproximação muito utilizada até hoje que é chamar o outro de “parente.”

Mesmo com o afastamento social imposto pela vida urbana provocado pelas mudanças arquitetônicas no espaço da cidade. Desde sua gênese de criação antes mesmo de tornar-se o Território do Rio Branco, onde se deu uma mudança fenomenal

nas relações de mando local, oriunda da necessidade da mão-de-obra indígena para trabalharem nas fazendas das famílias pioneiras, desenvolveu-se os laços de compadrio (SANTILLI, 2001).

Os laços de compadrio foi uma ferramenta de sustentação do patriarcado regional para exploração da mão-de-obra indígena, legitimado pelo batismo católico, um ritual identitário, aproximativo e subalterno, já para a elite local composta por famílias de ruralista, comerciantes, funcionários públicos, o compadrio era a perpetuação e garantia de seus interesses e privilégios acima dos outros indivíduos, através da exclusão de acesso aos bens de consumo e exploração do trabalho. Uma tônica que irá acompanhar a mentalidade destes grupos de poder até o final da década de 1980.

O que se é possível notar é que mesmo através de uma intervenção arquitetônica do espaço existe um continuísmo da manutenção da pratica do clientelismo local, agora reconfigurado no poder de mando através da coisa pública, configurando-se, então, o novo clientelismo adequadamente composto na paisagem urbana roraimense, que servira de manjedoura para nascimento do populismo roraimense na figura militar do brigadeiro e político Ottomar Pinto.

Nesse aspecto torna-se mais fácil compreender as mudanças das engrenagens dos dois grupos políticos distintos, um que desfrutava das graças e favores do governador, atrelados a máquina pública e de cargos estratégicos agora dentro da administração, e outro que ficava (as vezes temporariamente) alijado de tais benesses, os desdobramentos desta relação era sentida em toda a sociedade no aspecto econômico, numa dinâmica peculiar da cultura de consumo local, que poderia ser ou não alterado mediante a troca do govenador.

Toda essa instabilidade nas afinidades de interesses locais versus o poder central, ditava o ritmo de uma ciranda econômica instável. Essa cirandeira toca ainda hoje num ritmo conhecido como a economia do contracheque, quando a circulação da moeda através do consumo se mantém aquecido durante os 15 primeiros dias de cada mês ao ritmo dos salários do funcionário público. (MONTEIRO, 2010)

São narrativas memoriais assim, que robustecem a narrativa local, dando sua devida particularidade dos choques e (des)encontros que pontuam a historicidade regional dentro de um crescimento longo, gradativo e continuo da cidade, segundo aponta Monteiro, que com a ampliação da malha urbana, estruturação do centro da capital, o governo construiu o hotel Aipana Plaza, (em funcionamento até hoje), em

virtude da construção do primeiro aeroporto efetivando as viagens aéreas comercial e doméstica, (MONTEIRO, 2010, p. 10) e que esse processo se seguira quando é construído o prédio da telefonia pública a *TELAIMA* durante a década de 1960.

Segundo Santos (2013), a elite roraimense destoa da gênese de grupos ou famílias oligárquicas, pois não existia uma tradição familiar hegemônica exercendo poder e influência sobre a política, a economia e a vida social, portanto Jaber Xaud é exatamente o organismo biológico vivo que encarna essa definição em sua biografia, reafirmando seu pertencimento aos grupos familiares com interesses políticos diversos que buscavam exercerem o poder total o que sempre os levavam aos embates entre si o que fortalecia ainda mais a presença dos governadores nomeados pelo poder central.

Esse grupo de mando regional tinha outro adversário no campo de disputas pelo poder aqui; eram os comerciantes amazonenses, que vinham para Roraima estabelecendo comércio numa concorrência vista como desleal pelas famílias tradicionais, em especial a família Brasil, que havia contraído uma grande dívida em empréstimos ao empresário JG Araújo da cidade de Manaus. (SANTOS, 2013, p. 132).

Seu segundo cargo no serviço público se deu pela urgência do então, governador Miguel Ximenes (1949-1951), nomeado por Gaspar Dutra, (Quarta república brasileira), que precisava ditar uma carta em caráter de urgência para a cidade de Manaus, porém, a chefe de gabinete do governo havia faltado nesse dia. Foi quando alguém falou do jovem franzino, que tinha estudado em Manaus, Jaber Xaud, para escrever a missiva. O governador ao pegar o documento para assinar ficou admirado com a bela caligrafia do rapaz, foi então que daquele dia em diante passou a ser chefe de gabinete.

Ele passa a então a contar com a confiança dos governadores biônicos que se sucederam durante a década de 1950 e mais tarde com a ditadura militar que viriam a ocupar a sala principal do centro de poder em Roraima. Espaço político da representação da problemática da concentração (Poder central) versus descentralização (interesses políticos da elite local).

2.3 Coluna Social: Vitrine de duas elites

Com o arcabouço weberiano, já aqui mencionado, abre-se a clareza para se entender o papel político estratégico do rádio nesta região fronteiriça, numa

particularidade conveniente aos objetivos do poder central, e a manutenção do poder de mando local por uma parte desta elite, esse tipo de benevolência de se fazer presente associado aos governadores é antes de tudo uma distinção de enfraquecimento, fragmentação entre as forças de mando local. Segundo Monteiro (2010), tais desdobramentos eram sentidos no tecido social.

Jaber Xaud irá compor o corpo dos primeiros radialista da Rádio Roraima, emissora fundada em 1957 que contou com a presença do presidente da república Juscelino Kubistchek em sua inauguração. Na realidade a inauguração foi contornada pelo conceito moderno de Segurança Nacional, principalmente após o fim da Segunda Guerra, já existia desde o Estado Novo a necessidade de uma mentalidade que superpusesse a tudo e todos os interesses da pátria.

Porém a estrutura inicial da *Rádio Difusora de Roraima*, funcionou durante muito tempo por intermédio de alto-falantes distribuídos em pontos estratégicos dentro da cidade, como no coreto da praça. O que mostra que a ambição do poder central em relação a região era maior que os recurso financeiros disponibilizados.



Figura 23: Foto da internet
Fonte: Jornal Folha de Boa Vista

Após o golpe militar em 1964, o rádio assume em Roraima, um contorno maior ramificado na Doutrina de Segurança Nacional, ganhando uma sede própria, recursos tecnológicos de longo alcance, tornando-se um catalizador de grande nacionalista de fronteira, passando ao mesmo tempo a promover os interesses da elite local, dando-lhe as condições necessárias de uma maior primazia em face do social. (ALVES, 1984).

Assim foi-se:

Construindo instalações próprias para as estações de radiocomunicação em diversas localidades, principalmente junto às fronteiras da Guiana e da Venezuela, além de ampliar o aeroporto da capital, e os quartéis de fronteira, agora com iluminação própria, uma novidade na região. Existem evidências que tudo era monitorado por Brasília, traduzidas localmente como um apoio irrestrito do ministro do Interior, o general Costa Cavalcant. (SANTOS, 2013, p. 119)

Foi no serviço público que ele se descobriu radialista na Rádio Estatal de Roraima, antes de torna-se a voz presente representando a presença do governo nos recantos longínquos de Roraima. Tudo começou com um convite de um servidor público para ajudá-lo no programa *Brasil Cantante* que fazia parte do serviço de alto falantes estatal. Em suas lembranças lembra que o responsável pelo programa era muito namorador, e deixava ele como responsável em preparar as crianças que iam se apresentar. Era algo simples as crianças recitavam um verso, falava o nome e a música que ia cantar.

Aos poucos ele foi tomando gosto pelo trabalho, se envolvendo e decidiu fazer um programa próprio e independente, porém, usando os recursos públicos como microfones, caixas de som. Assumiu a execução do programa, as crianças agora teriam que ensaiar suas músicas, o que atraiu a presença de um público maior nas tardes de sábado no centro da cidade, nascia então, o *Programa Jaber Xaud Show*, inicialmente com atração infantil e ao longo do tempo ganhou uma estrutura voltada ao público jovem da capital, até os primeiros anos da década de 90.

Recorda que seu programa foi crescendo, no mesmo ritmo da rádio Roraima, chegando a receber ligações de ouvintes da Venezuela, América Central e Manaus, recebia muitas ligações da Cachoerinha, Matinha, ele destaca o sucesso de seu programa em Manaus foi tão grande que chegou a cogitar a possibilidade em fazer uma permuta cultural entre Roraima e Amazonas, levando artista da nossa cidade para se apresentarem nos palcos manauara, e ao mesmo trazendo os artistas manauaras para se apresentarem na capital boa-vistense.

Certo dia se surpreendeu com um convite que chegou do programa do César de Alencar que tinha um programa na Rádio Nacional, um convite trazido pelo comando do exército em Boa Vista, que o encontrasse onde quer ele estivesse, embarcasse no avião com tudo pago pela Rádio Nacional, isso em 1956. Recorda que se sentou à mesa com o próprio César de Alencar, Emilinha Borba, Nora Nei e Ângela Maria. Percebeu que as pessoas não tinham noção de onde ficava Roraima. Vejamos: Meu programa

era o jogo bicho na cidade, uma espécie de loteria” recorda que nesse período ganhou muito dinheiro vendendo ingressos do seu programa na sua antiga livraria na Jaime Brasil, onde hoje funciona a loja Shopping Center Fortaleza, justamente porque não tinha tele sena nem jogo da loteria na cidade, 15 minutos antes de terminar o programa eu anunciava o sorteio fazia isso, pois naquela época a cidade era muito pequena e dava tempo para pessoa vir ao programa de bicicleta pegar o prêmio.(Jaber Xaud.2005)

O sorteado escolhia o prêmio ou o valor em dinheiro. Por incrível que pareça sendo o jogo do bicho uma contravenção, neste contexto, assume uma função de integração do tecido social, através do entretenimento do lazer, por outro, essa prática atendia a geopolítica, defendida pelo general Golbery do Couto e Silva:

[...] a geopolítica adota sempre um ponto de vista único e privativo- o do espaço físico. Este deve ser o elemento, não exclusivo por certo, mas sim dominante, da paisagem que ela procura interpretar, com a finalidade de discernir a margem de possibilidades e aproveitar na construção de maior grandeza, do processo crescente e da segurança interna e externa do Estado, beneficiando-se das vantagens positivas que a terra oferece e neutralizando, na medida do possível, os aspectos negativos que ela apresenta em sua imparcialidade incomovível” (FERREIRA, 2013, p. 26).

Portanto, neste aspecto, o que chama a atenção é o jogo do bicho tornando-se aqui, elemento de identidade cultural coletiva de um pertencimento como povo e ao mesmo tempo instrumento apaziguador das tensões negativas, aplicadas no entretenimento da massa no programa radiofônico do Jaber Xaud.

Nessa época ele levou seu programa para a programação da Rádio Roraima, conta que pagou o maior prêmio na época da rádio no Brasil, que foi mandar para a feira internacional de Nova York em 1964, o sortudo ganhador escolhia a viagem ou o valor em dinheiro. Porém, seu sonho era fazer o programa ao vivo na televisão. Isso só foi possível anos mais tarde no governo do prefeito Barac Bento, quando era diretor da TVE Macuxi.

Sua história se mistura com a criação da Rádio Roraima, que se torna uma empresa estatal por iniciativa do governador Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto, desempenhando um papel fundamental na identidade integradora nacional no extremo norte da Amazônia. Sua voz assumia a função colaborativa no projeto desenvolvimentista, a favor do governo em todos os cantos longínquos do território, atendendo a uma necessidade de presença e ocupação do território e ao mesmo tempo

desempenhava uma função social de integração entre os colonos do interior com recados de parentes e amigos que viviam em Boa Vista.

A voz de Jaber Xaud chegava nas malocas, colônias agrícolas, vilas, vicinais e municípios, embalando os ouvintes, enviando recados de parentes e informando a agenda de visitas do governador. Através do seu programa semanal de radialista começou uma nova dinâmica social de interação, uma integração maior de entretenimento das massas, oscilando entre o interesse público e privado na Rádio Roraima.

O jovem Jaber Xaud, cedo se mostrou com habilidades em agregar pessoas e em proporcionar momentos de descontração com os amigos. Em uma cidade pequena sem cinema e com escassez de automóveis particulares, ele organizava grandes passeios de bicicletas nas manhãs de domingo, o curioso é que naquele período ter uma bicicleta era símbolo de *status* significativo de pertencer a uma das famílias que compunha a elite por se tratar de um bem de luxo, os menos abastados e ainda assim privilegiados, podiam alugar alguma bicicleta.

Os jovens que não podiam ter uma bicicleta própria ou condições de alugar ficavam fora desse passeio. Portanto, apenas alguns poucos jovens pertencentes a elite podia ir comprar na pequena e empoeirada cidade de Lethém fronteira com Brasil Guiana Inglesa. Geralmente quem ia comprar bicicletas na fronteira era quem tinha transporte próprio como o João Capistrano da Silva Mota, mais conhecido como o Coronel Mota, proprietário do primeiro jipe que circulou em Boa Vista.

Os jovens privilegiados economicamente tinham acesso a oportunidades de bens materiais que a maioria da população não tinha, como bicicletas compradas na fronteira com a Guiana, ser proprietário de uma bicicleta, era um status social na época. Os passeios de bicicletas que sempre terminavam em piqueniques as margens dos igarapés que cortavam a capital de Boa Vista, como o Caxangá e o Caxirimã (este igarapé não existe mais, deu lugar a um conjunto residencial chamado Mecejana, construído para ser um residencial voltado às famílias dos servidores do Território) eram uma explícita afirmação social dos filhos dos fazendeiros e comerciantes, gente ligada ao poder.

Quem podia ter bicicleta geralmente eram jovens com o ensino ginasial completo, que se tornava outro elemento de distinção social em Boa Vista, pois havia estudado em outra capital como Manaus, Belém, ou São Paulo. A grande maioria dos jovens e adolescentes pobres só tinham até a quarto ano do ensino fundamental.

Os jovens levavam garrafas de uísque *White Horse*, comprado na cidade de Lethém, a bebida favorita de um jovem membro da família Campos chamado Neudo Ribeiro Campos, que se formou em engenharia civil, graças aos benefícios concedidos no governo de Hélio Campos, ganhou uma bolsa de estudo e mais ajuda de custos, além de morar na Casa do Estudante em Belém. O foco não é a distribuição das bolsas de estudos, porém, o critério de seleção para os beneficiários e quais os cursos oferecidos.

(SANTOS, 2013, p. 119)

Um exemplo é a declaração da professora do Antigo Território e aposentada professora Milca Alves de França, afirmou em entrevista não podia possuir uma bicicleta e ficava olhando em pé um grupo de meninos e meninas passeando em direção a um dos igarapés que cortavam a cidade para fazerem piqueniques. Ela conta que alugar uma bicicleta era muito caro. Devido à dificuldade de ter dinheiro sempre contado para a sobrevivência da família, logo, o lazer era privilégio para poucos. Suas idas ao igarapé eram para buscar água para as tarefas domésticas, lavar roupa ou a louça do dia e tomar banho.

O que por outro lado, Jaber Xaud nas suas recordações destes passeios, das brincadeiras, das festinhas, conta de como chegava a organizar acampamentos dentro da capital as margens dos igarapés que cortavam a cidade de Boa Vista. É importante aqui destacar quem nem todos os moradores de Boa Vista foram alcançados imediatamente o que é reforçado por Monteiro (2010, p. 9-11). Trazendo musculatura que comprovam a indução urbana da região pelo Estado e seus impactos desequilibrados na vida dos indivíduos.

O aspecto de cidade saudável e bem planejada em relação às outras capitais da região amazônica, não foi um processo imediato, as pessoas que moravam na periferia ainda passariam um longo tempo a margem ao acesso das praças arborizadas, ruas asfaltadas, água encanada, como lembra a auxiliar de parteira do antigo território e hoje aposentada senhora Maria Martins de Araújo, moradora do bairro de São Vicente, que possuía um poço nos fundos de casa, pois não tinha água encanada dentro de sua residência, demonstrando o longo processo que a intervenção estrutural, arquitetônica e urbanista levou, expondo em suas recordações a exclusão das áreas periféricas aos serviços básicos urbanos. O que começou a se acelerar principalmente a partir de 1964 até 1970, dando um salto na década de 1990.

O início da década de 1960 se dá com rompimento diplomático pelos Estados Unidos com Cuba, em 1961, uma reação norte americana a Revolução cubana em 1959. Acentuando-se ainda mais em 1962 com a instalação dos mísseis, resultando finalmente no embargo econômico e comercial imposto a Cuba como medida de segurança nacional estadunidense.

Por aqui nos primeiros anos da década de 1960, a economia nacional, se mostrava robusta, possuindo um dos maiores índices de crescimento econômico com um PIB de dar inveja a países ricos da Europa, porém, as ondas da instabilidade internacional na América Latina, com o pânico midiático e conveniente pelo socialismo desencadeado pelo presidente estadunidense, John F. Kennedy, que se voltavam aos interesses mercadológicos estadunidenses é usado como base aos argumentos da elite nacional, e com apoio e pressão dos militares, juntamente com setores conservadores do jornalismo pressionando uma crise de medo pelo fantasma do comunismo e rejeição, ao presidente do Brasil Jânio Quadros renúncia, abrindo caminho ao vice-presidente Jango, que sofre também resistência dos grupos conservadores e da grande maioria dos militares.

Leonel Brizola então, governador do Rio Grande do Sul, lidera a Campanha da Legalidade. Resultando na posse de Jango em 7 de setembro de 1961. Ele propõe adotar uma série de medidas e reformas, tributária, bancária, educacional e agrária, a reação da elite é imediata com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Resultando no golpe militar apoiado pelo governo norte-americano em 31 de março de 1964.

Diante do exposto é possível afirmar que o golpe militar se revestiu de um viés também revolucionário com que vinha de fora, se apropriando de bandeiras e lugares como, cultura, política, vida pública e privada, numa tentativa de ser fazer legítimo.

Com a instalação do regime do governo de Castelo Branco se inicia um amplo debate para a adoção de uma série de estratégias econômicas divididas entre estruturalista e liberais, estes últimos, contavam com apoio de Castelo Branco, simpatizante das orientações da alta burguesia, assumindo postos em lugares estratégicos liberais para a política econômica nacional. “Esse é o início de uma série de divergências, dentro da caserna sentados no outro lado da mesa na pessoa do então ministro de Guerra, general Costa e Silva.” (SANTOS, 2013, p. 81).

A nova equipe econômica tinha o Hérculeo desafio de reverter a subida da taxa de inflação, que se mostrava crescente desde o início da década. Por outro lado, o

cenário internacional, com os desdobramentos da guerra fria, acelerava por aqui uma tomada de medidas que pudessem legitimar os argumentos da necessidade de manutenção e permanência do regime da ditadura, tornando o restabelecimento da ordem econômica como prioridade de sobrevivência.

Castelo Branco sentia as costas arderem com o crescimento de forças populares opositoras que pediam a restauração democrática, movimentos que chamavam a atenção da imprensa e de órgãos humanitários internacional. Aqui dentro movimentos liderado pela UNE, União Nacional do Estudantes, que juntamente com dissidentes do teatro de ARENA, passaram a percorrer os principais centros universitários em todo o Brasil, levando um chamamento popular e cultural de resistência que contavam com a participação de operários, negros, mulheres, gays, camponeses, líderes de favelas, unindo essa massa brasileira em um quente magma cultural, da onda aos protestos e a exposição da exclusão social e econômica um campo próprio da revolução: a manifestação artística.



Figura 24: Atrizes, Tônia Carreiro, Eva Vilma, Odete Lara Norma Bengel, e Ruth Escobar.

Fonte: acervo.oglobo.globo.com

Foi através de projetos voltados as áreas da poesia, das artes plásticas, teatro e música, desenvolvidas pelo CPC – Centro Popular de Cultura em parceria com a UNE que se pode dar visibilidade e resistência através da cultural da desigualdade brasileira no cenário político do regime. Essa luta dos estudantes e artistas brasileiros conseguiu catalisar a insatisfação reunindo vários segmentos da sociedade, inclusive políticos. Tal pressão interna acentuava ainda mais uma maior preocupação do regime em se manter de pé, então, lançou mão de seu caráter mais autoritário.

O regime passou a adotar uma série de medidas de forte cunho integralista, uma estratégia como já aqui comentada, oriundo do Estado Novo, um projeto de cunho ousado, que exigiria do governo um protagonismo econômico, esbarrando na resistência dos liberais da economia nacional, o que por outro lado, colocou a região amazônica convenientemente como principal cortina de fumaça sob desafio ao espírito integralista.



Figura 25: Construção da transamazônica
Fonte: acervo.oglobo.globo.com

A criação da Zona Franca de Manaus em 1967, deu sequência a uma série de outros projetos estruturantes e integralistas com forte cunho desenvolvimentista para a região, como a construção da transamazônica gerando uma série de projetos para a abertura de vias terrestres, interestaduais como a Cuiabá-Santarém, a Belém-Brasília e a continuação da BR 174, ligando Boa Vista a Manaus. (SANTOS, 2013).

Tais projetos possuíam um caráter defensivo interno, porém a sombra cubana no Caribe, somados a Venezuela e Guiana, fomentavam uma possibilidade fantasmagórica, conveniente e ameaçadora à questão da urgente-segurança nacional pela Amazônia, e neste bojo, englobando Roraima por sua particularidade fronteiriça estratégica. O que segundo Santos, pode ter sido a causa que ao final dos anos sessenta, levado a região a receber novos incentivos públicos financeiros numa nova e intensa intervenção em seu espaço arquitetônico-administrativo, mas arrojada que o que já havia ocorrido no Estado Novo. (SANTOS, 2013, p. 106)

No início dos anos de 1970, o território ficou marcado pela passagem de governadores biônicos, que modificaram a paisagem com um grande número de obras estruturantes, como: rodovias de piçarra, onde o que chama a atenção é que sempre os trechos beneficiavam os fazendeiros, ligando suas grandes propriedades. O que

possibilitava também uma maior integração territorial, acelerando o processo de ocupação de novos lotes de terra, adentrando significativamente a floresta. Desencadeando uma explosão populacional migratória, medidas que se encaixavam aos projetos do ordenamento fundiário nacional na pasta do INCRA. Esse conjunto de medidas estruturantes se mostravam mais completos e diretos.

A presença do 6º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), alterando a paisagem com abertura de avenidas, a derrubada de árvores para a construção de casas e o surgimento de novos bairros impulsionados pela forte migração de pessoas para trabalharem como funcionários públicos e também provocada pelo garimpo de ouro e diamante acabaram, por assim dizer, com a “confiança de vender fiado por não saber quem era o comprador e seu sobrenome”.

Isso denota um crescimento populacional intencional por parte do poder central, desde o que era pensado na época do Estado Novo numa compreensão conveniente ao regime ditatorial que compreendia a Amazônia como um espaço vazio (apagando impositivamente os indígenas e os povos da floresta, que significavam atraso segundo os interesses do agronegócio) a ser ocupado por estratégias de inspiração geopolíticas, fortalecendo a presença do Estado numa região de grande extensão territorial tida como quase vazia em termos populacionais.

Portanto, Roraima, além de possuir estes aspectos geográficos de uma fronteira frágil diante da instabilidade política da Guiana e do Caribe, o que chamou em muito a atenção do governo federal, foi a ideia de uma possível invasão comunista temida pela burguesia e defendida pelos militares, que colocaram essa região fronteiriça como um novo oásis agrícola para o país. (SANTOS, 2013, p. 82-83).

Com essas mudanças no espaço geopolítico de Roraima ganhando um contorno estratégico-militar mais forte no início do governo de Costa e Silva em 1967, seguindo-se no ano seguinte em 1968 com a nomeação do tenente-coronel aviador Hélio da Costa Campos que governaria até o início de 1970 e no final de 1974, sendo pupilo segundo Santos do brigadeiro Eduardo Gomes.

Portanto, gozava de grande prestígio da base militar ligada ao mesmo brigadeiro, outro forte apoio direto a Hélio Campos veio do seu “padrinho de nomeação” o Ministro do Interior general Albuquerque Lima conhecido também por ser um nacionalista linha dura. Em 1968 ele inaugura o monumento ao garimpeiro.

Com o aporte financeiro do regime seu governo foi responsável por construções urbanas significantes como: o asfaltamento de todas as ruas da capital, a

construção do aeroporto, a ponte de concreto ligando a cidade de Boa Vista à Mucajaí, a abertura de vicinais, a criação da CAER (Companhia de Águas e Esgotos de Roraima), e uma rede elétrica, sem esquecer as agências bancárias do Banco do Brasil e Banco da Amazônia.

Todos estes investimentos de caráter desenvolvimentista o levaram a se aproximar inteligentemente de dois nomes de famílias tradicionais, ou melhor, dizendo “fundadoras” para implantar em uma parceria aparentemente conciliadora e colaborativa, que podiam acalmar os ânimos da elite regional. (SANTOS, 2013, p. 117)

Waldir Abdala, de família síria, ex-secretário do território que foi um dos antigos funcionários públicos chegando a ocupar em algumas ocasiões o cargo de governador-substituto e Francisco das Chagas Duarte (Família Mota), que trabalhou no gabinete de diversos governadores biônicos, membro do conselho deliberativo da SUDAM chegando a ser tesoureiro do governo de Roraima. Elementos que em um primeiro momento, passam despercebidos do leitor menos atento da indução da inteligência militar na manutenção da oposição entre os grupos familiares de mando local.

Essa parceria entre o poder central e a elite local resultou em obras de infraestrutura, como dezenas de pontes, algumas em madeira e outras mais importantes em concreto armado, abertura de estradas ligando a capital ao interior, abertura de vicinais, construção de casas populares e ampliação da malha viária urbana, foi no governo dele que começaram a circular os primeiros ônibus urbanos em Boa Vista.

Um fato que chama a atenção é que os passageiros não pagavam passagem. Uma outra obra estratégica foi a construção do estádio de futebol no bairro Canarinho, (MARTINS, 2015), Jaber Xaud figura nas lembranças de alguns indivíduos como elemento identitário da prática desportiva levando sua alegria contagiante de jornalista e agente público ao campo colaborando nos bastidores como massagista auxiliando os jogadores nas partidas um incentivador do lazer coletivo.

Com a decretação do Ato Institucional AI-5 pelo presidente Costa e Silva em 1968, fundou-se o bipartidarismo brasileiro, protagonizados por dois partidos não tão antagônicos entre si, o ARENA (governo-militares) e o MDB (oposição), o bipartidarismo gerou um “truque” politiquês que se chamava sublegenda, o que dava condições ao partido de recorrer até com três nomes para disputar o cargo.

Deputado estadual, deputado federal e vereador, foi nesse contexto que Jaber Xaud, iniciou carreira como agente público (ARENA), atuando como vereador entre os anos da ditadura militar na cidade de Boa Vista. Só podia eleger naquele período um deputado federal e para as câmaras de vereadores, a de Boa Vista e Caracaraí. Hélio Campos, passa então a assumir um protagonismo conveniente aos interesses dos militares, junto aos líderes de grupos locais, refletindo dentro dos partidos políticos:

[...] que, sem condições de eleger um deputado federal, estavam acomodados no partido de oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Cargos e apelos amigáveis fizeram com que o candidato a deputado federal pela Alianças Renovadora Nacional (ARENA), partido de apoio do governo, não tivesse concorrente em 1970.” (SANTOS, 2013, p. 118)

Todo o suporte financeiro dado pelo poder central ao governador Hélio Campos, lhe renderiam frutos políticos futuros, possibilitando sua candidatura a deputado pelo Território, com apoio de Ramos Ferreira, saiu-se vencedor. Anos mais tarde perde as eleições para prefeito de Boa Vista. Já com Roraima elevado a condição de estado, venceu as eleições para senador, com quase trinta mil votos.

Os desdobramentos em tentar calar e enfraquecer o MDB, marcou o cenário político nacional dos anos 70. A lei Falcão (1976), uma tentativa de calar e enfraquecer a oposição, depois, o Pacote de Abril (1978), criou os “senadores biônicos”. No Território de Roraima, as pessoas tinham acesso fácil ao funcionamento estatal por serem conhecidos próximos, e uma elite política começa se definir em oposição e situação de maneira mais incisiva, devido ao contexto político nacional, repercutindo aqui com a clara filiação em um dos dois partidos existentes MDB ou ARENA (Aliança Renovadora Nacional).

Jaber Xaud através de sua coluna social no jornal, dava destaque à elegância das mulheres de militares que traziam dos grandes centros urbanos modas, tecidos, bolsas e

novos comportamentos sociais para a elite regional. Ele “elegantiza” a elite militar costurando uma trama social relacional entre estes dois grupos distintos entre si.

Jaber Xaud irá colaborar com a visibilidade das obras governamentais de infraestrutura de Hélio Campos que trazia nesse período de nossa história uma crescente elasticidade urbana, era ele que organizava os bailes exclusivos para os militares e era de sua cabeça que saía uma programação para os dias de carnaval em

Boa Vista, existia o baile carnavalesco Vermelho e Branco que contava com a presença da elite políticamilitar, pecuarista e comercial, conseguindo reunir em um mesmo espaço adversários políticos sob o teto do Iate Club, local onde a fina flor se reunia para festas grandiosas.

Essas festas lhe rendiam matéria suficiente para preencher o espaço de sua coluna social no único jornal de grande circulação chamado Jornal Boa Vista, de propriedade do Território Federal de Roraima, fundado em 1973 e que era produzido por servidores públicos, esse jornal que não tinha uma continuidade de circulação, com uma estrutura tímida possuindo oito páginas por edição, com uma tiragem maior em edições especiais, como retrospectiva do ano e as comemorações do dia sete de Setembro geralmente essas edições vinham com um número maior de folhas entre 12 e 15 páginas.

No bojo deste jornal nota-se uma memória elitizada marcada pelas particularidades das disputas políticas, Jaber Xaud está inserido nessa lembrança memorial. (MARTINS,2015). Entre as várias obras que marcariam a vitória do plano desenvolvimentista dos militares foi a construção do monumento ao garimpeiro, refletindo as nuances dos bastidores de poder em Brasília para essa região, ele estava na equipe da organização da inauguração.

A capital apresentava-se como um verdadeiro canteiro de obras, além de um campus universitário da Universidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, para atender uma demanda educacional, migrantes chegavam a toda hora, em busca de oportunidades oferecidas. O abastecimento de água, energia elétrica e moradia de graça atraía mão de obra técnica que era absorvida pela administração pública. O crescimento urbano populacional crescia exponencialmente, sendo apenas superado pelo território de Rondônia nos anos de 1980.

Nesse contexto, o Programa Jaber Xaud Show se torna um espaço de expressão cultural. O poeta e cancionista, Eliakim Rufino, relatou uma Boa Vista, contextualizada dentro de uma urbanidade que não é conhecida por todos. Sua lembrança narrativa revela uma juventude empolgada em imitar os ídolos da Jovem Guarda, e o programa de auditório do *Jaber Xaud Show* era o espaço onde essa energia artística e musical tinha vez.

Ele recordou das longas filas de pessoas para entrarem no cinema e assistirem ao programa. Conta também que chegou a frequentar esses programas para cantar, porém, já tinha um nome conhecido na cidade como cantor e intérprete. Eliakim

relatou que foi em um destes programas de auditório que veio a conhecer quem seria mais tarde seu parceiro de música e amigo, Neuber Uchôa, um jovem magro de altura mediana, apresentou-se tocando violão no palco do programa *Jaber Xaud Show*, mal sabia ele que iria inaugurar uma nova forma de musicalidade, um movimento artístico, poético e cultural que mudaria a história recente da música nas terras de Roraima.

Os três jovens artistas e músicos Eliakin Rufino, Zeca Preto e Neuber Uchôa, iriam anos mais tarde em 1984, criar um movimento único e genuinamente roraimense que foi o *Movimento Roraimeira*, incorporando novos elementos ao cenário musical da Amazônia. O programa era gravado no único cinema da cidade.

Jorge Fraxe, que era o proprietário, cedia o estabelecimento para Jaber Xaud por razões de parentesco e afinidades, haja vista o animador ter acesso direto ao governador por este ser chefe de gabinete e por razões sentimentais originadas na relação de amizade em virtude das origens sírias. Foram esses programas que acrescentaram outra forma de entretenimento nas tardes de quintas-feiras da cidade, conta-se em conversas particulares que as pessoas faziam filas para assistir ao programa no antigo *Cine Boa Vista*, propriedade de seu Tio Jorge Fraxe, alguns lembram destas tardes, como o depoimento do professor e poeta Eliakin Rufino, que o chama de o Chacrinha de Boa vista.

Jaber Xaud rememorou a vez em uma equipe veio de São Paulo, para assistir ao programa *Jaber Xaud Show* ao vivo, de como a equipe ficou entusiasmada e o convidou para fazer seu programa em cadeia nacional, ele declinou do convite pois, queria ficar em Roraima, até por causa de sua família. Ele lembra só tinha programa de auditório ao vivo naquela época era Chacrinha, Silvio Santos e o seu programa. Enfim, segundo conta fazer seu programa na televisão foi a realização de um sonho, e tornou-se realidade com a vitória de Barac Bento à prefeitura de Boa Vista, tornando-se em seguida diretor da TVE Macuxi.



Figura 26: TVE MACUXI
Fonte: www.youtube.com

Salienta-se aqui a pequena parcela que assistia ao programa televisionado porque na década de 1970, Boa Vista por ser uma cidade pequena, mesmo sendo uma capital, tinha poucos moradores e destes poucos, um número menor tinha acesso a rede elétrica e aparelhos eletroeletrônicos, sendo que após determinado horário a força era desligada e a cidade ficava sem energia. Com tudo isso, nota-se ao afirmar que Jaber

Xaud, foi sinônimo de um pioneirismo cultural e mundanismo dos anos dourados de Boa Vista não é mera força de expressão. Sua coluna social, era a vitrine das elites.

Jaber Xaud irá colaborar com a visibilidade das obras de infraestrutura de Hélio Campos com sua voz nas ondas radiofônicas, aproximando indivíduos distantes em torno de interesses comuns e identitários, ligando o distante ao próximo, levando informação, recados, entretenimento e recreação pelas ondas do rádio num período de nossa crescente elasticidade urbana, ele então, assume um papel integrador na companhia de outros colegas de rádio em aproximar e levar ao colono a sensação de não estar abandonado apesar das estradas de terra e pontes de madeiras quebradas nem sempre possibilitarem a integração sonhada pelos governadores a voz do radialista chegava.

Assim, nesse período temos lembranças fundamentais carregadas de elementos contributivos à germinação do populismo roraimense, que se confundem com medidas estatais que convenientemente casam com ambições políticas pessoais dos governadores biônicos, temos, portanto, o entrelaçar de novos fios narrativos de aproximação e repulsa. Abrindo espaço para a figura que iria dividir a história política de Roraima em antes e depois de brigadeiro e governador Ottomar de Souza Pinto.

Desde o governo de Getúlio Vargas (Estado Novo) a região amazônica deveria cumprir um papel estratégico-agrícola espacial, sendo integrada ao corpo da sociedade nacional. Tal estratégia se vê reforçada na criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA). Os objetivos deste órgão estavam expressos na lei que o criou, nº 1.806, de janeiro de 1953, voltada principalmente para a segurança nacional:

Promover o desenvolvimento da agricultura e a exploração da floresta em termos de maior rendimento e melhor técnica de trabalho, fomentar o criadouro e a pesca e indústria decorrentes; promover o aproveitamento de recursos minerais, incrementar a industrialização de matérias-primas, realizar um plano de viação, promover a recuperação das áreas inundáveis, estabelecer uma política de energia com uma estratégia demográfica, desenvolver o sistema de crédito bancário regional, e as relações comerciais com os centros de consumo e abastecedores, nacionais e estrangeiros, proceder à pesquisas, à formação dos quadros técnicos necessários, incentivar o capital privado para que se integre nos propósitos de valorização [...] (FERREIRA, apud BAHIANA, 1991, p. 17-18)

Anos depois do território se tornar estado com a constituição de 1988, a Rádio Roraima, é incorporada ao estado pelo então governador Ottomar de Souza Pinto:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE RORAIMA:

Faço saber que a assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo Estadual autorizado a constituir, observadas a legislação própria e, no que couber, as normas do Código Civil, a empresa pública denominada Rádio e Televisão Difusora de Roraima - RADIORAIMA, vinculada à Governadoria do Estado, dotada de personalidade jurídica de direito privado, com patrimônio próprio e autonomia administrativa e financeira. Parágrafo único. A RADIORAIMA terá sede e foro na cidade de Boa Vista e atuação em todo o Estado de Roraima.

Art. 2º A RADIORAIMA terá como finalidade a exploração de serviços de radiodifusão de som (rádio) e som e imagens (televisão), podendo ampliar seus objetivos em atividades correlatas.

Parágrafo único. Por radiodifusão de som, entenda-se o serviço de emissora de rádio; e de som e imagens, o de emissora de televisão.

Art. 3º O capital da RADIORAIMA será integralmente pertencente ao Estado de Roraima e será constituído pela incorporação dos bens materiais e imateriais, dentre os quais, os seguintes:

I - Todo o complexo técnico de equipamentos para geração e transmissão de programas de radiodifusão de som e de som e imagens atualmente pertencente ao sistema RADIOBRÁS localizado no território do Estado.¹²

¹² http://201.90.89.227:9090/banco_lei/banco_lei/91.pdf

O brigadeiro da Aeronáutica Ottomar de Souza Pinto, chegou em Roraima para assumir o lugar deixado por Ramos Ferreira, com uma missão: apaziguar. Ele assumiu uma política a princípio conciliadora, aberto a ouvir e a dialogar uma estratégia oposta ao seu antecessor com a elite política local. Seu primeiro secretariado contou com novos nomes e forças locais, como Getúlio Cruz, Mozarildo Cavalcante, e Francisco Chagas Duarte, todos roraimense, e ex-estudantes em Belém, patrocinados por governos anteriores. A presenças destes três nomes no governo sinalizavam um céu de concórdia e brigadeiro. A construção desse cenário harmonioso e conciliador do baile contou com o trabalho do cerimonialista Jaber Xaud. Ele chegou a ser diplomado em um baile oficial como o “Governador da paz”, o diploma foi confeccionado em couro de carneiro incrustado de brilhantes. (SANTOS,2013, p. 127-128). Essa confecção do diploma era uma referência as raízes que caracterizam a elite.

Em meados da década de 1980 o Brasil é marcado por fortes turbulências políticas, sociais e econômicas internacionais que repercutem no cotidiano nacional. O cenário social está conturbando com a inflação galopante dando o tom de revolta e angústias do povo nas greves gerais em todo o país, o alto índice de desemprego, os conflitos de terra, principalmente no Estado do Pará com os assassinatos de líderes comunitários, e ainda a quebra financeira nacional que aconteceu em 1982, levando-o à recessão e a um acordo com o FMI, acelerando ainda mais a desvalorização da moeda nacional, frente ao dólar.

O tenebroso ano de 1982 ainda foi palco das eleições nacionais, prevalecendo ainda as regras eleitorais de 1979, o que não garantia tranquilidade para o partido governista, o PDS, à vitória. (SANTOS, 2013). Em Roraima o contexto local não passaria imune aos solavancos que sacudiram o cenário nacional. Os efeitos da abertura política, contribuíram para a geração do que ficou marcado como populismo, de maneira particular na região de Roraima. Com uma população superior a 80.000 habitantes de acordo com o IBGE. Seguindo o fluxo político do cenário nacional o governador Ottomar Pinto (1979-1983), demitiu o prefeito da capital, gerando um conflito políticoadministrativo na fundação do PSD que era base local de apoio ao regime.

Embora ainda conseguisse eleger quatro deputados federais, o próprio partido estava dividido entre dois grupos distintos “ala nativista” e a “ala do governador”. Este fenômeno deixou claro a força política que o brigadeiro Ottomar Pinto passava a imprimir na história político-partidária regional. O estilo de governa e

de fazer política dele abalou as lideranças locais, assumindo uma ação migratória aliada com a estratégia de ocupação do regime militar para a região, usava os recursos públicos e investiu em um crescente fluxo migratório para o territorial de nordestinos, o que ao mesmo tempo reforçava o seu próprio contingente eleitoral fortalecendo sua liderança como

governador. “O clientelismo, instrumento para obter votos através da troca de favores e bens públicos, atingiu níveis sem precedentes na história brasileira, em grande parte porque as formas tradicionais de fidelidade eleitoral- baseadas na propriedade de terras-foram profundamente abaladas pela mobilidade da força de trabalho e ameaçadas pelas novas territorialidades.” (BECKER, EGLER,1994, p.223)

As ações estratégicas de Ottomar resultou em colisões (atração e repulsa) políticas até com seus próprios aliados, o que fica claro no episódio conflituoso com o deputado federal e militar João Fagundes, e ex-protégido, aliando-se aos opositores do governador Ottomar Pinto, o que lhe custou sua vaga para o senado em 1986. Porém, diferentemente de outros ex-governadores no Norte e Nordeste, a sua política de migração implantada com distribuição de casas, lotes, materiais de construção, tratores, casa de farinha, redes, motores a diesel entre outros, lhe rendeu uma eleição tranquila, sem quase nenhuma força de oposição capaz de lhe vencer, espalhados na capital Boa Vista e no interior em sua campanha eleitoral Jaber Xaud fazia parte de sua base de apoio das lideranças locais.

O apoio popular lhe trouxe também o apoio político de líderes locais e principalmente de migrantes recém-chegados, (principalmente de grandes produtores do Sul, como o então deputado estadual pelo PRT Luiz Afonso Faccio, que tornou-se um dos maiores produtores de arroz em Roraima e foi apoio político na base estadual na primeira legislatura entre 1991-1995, ou como o empresário Antonio Soligo conhecido como deputado federal Airton Cascavel, que chegou a ser vice-governador no primeiro mandato de Neudo Campos, primeiro governador eleito com total apoio de seu padrinho político o então governador brigadeiro Ottomar Pinto. Já antes nas eleições de 1985 o brigadeiro Ottomar de Souza na disputa pela prefeitura de Boa Vista, perdeu a eleição para “Aliança Democrática”, constituída pelo PFL e PMDB, essa oposição contou com um rosto de outro pernambucano, Romero Jucá.

Já nas eleições do ano seguinte em 1986 sob a bandeira do PTB, ele mostra sua força política regional ao se eleger deputado federal com tantos votos que consegue eleger também sua mulher Marluce Pinto.

Em um cenário político regional onde o governador era seu exsecretário Getúlio Cruz, sendo o primeiro roraimense a assumir o cargo, isso foi resultado de um contexto nacional amplo, o fim do regime militar em 1985. (SANTOS,2013, p. 130)

A voz do radialista Jaber Xaud dava o tom das divergências políticas entre a elite local e a força do populismo político do brigadeiro da aeronáutica Ottomar Pinto, alinhada aos militares. Ele dividia o ofício de radialista com outros colegas, mas era ele que distinguia com maior sensibilidade captar o que os ouvintes queriam ouvir, ele conseguia agregar pessoas com sua voz no rádio, logo, seu carisma tornou-se uma ferramenta política na comunicação da massa de ouvintes do território.

Era sua digital carismática e sua facilidade em saber lidar com as pessoas, tudo isso alinhado ao seu bom gosto, reunindo convicentemente adversários políticos em torno da figura de então governador Ottomar Pinto. Eram nas caravanas do governo distribuindo redes, cestas básicas, material de construção era a sua voz que marcava a presença assistencialista do governador na localidade. Seu carisma era um agregador político valioso a serviço estratégico do regime militar.

Em um de seus últimos programas de televisão *Uma vida uma canção* na extinta TVE Macuxi, (1992) ele entrevistava pessoas do cotidiano urbano gente simples, operários, garimpeiros, servidores públicos, gente vinda de várias partes do Brasil, ele foi o primeiro a se interessar em conhecer a nova corrente sanguínea que estava jorrando sangue novo no cenário em construção de que é a história de Roraima.

Ele foi sendo aos poucos substituídos por uma nova estratégia nacionalista ligadas as afiliadas da Rede Globo, a TV Roraima apresentava uma nova e arrojada proposta de mercado em harmonia com as peculiaridades regionais. Com apoio do governo federal foi a primeira a alcançar os 15 municípios do estado, criando uma nova dinâmica de consumo de informação e entretenimento padrão Rede Globo de Comunicação dentro da história da comunicação em Roraima. Esse processo na carreira televisiva de Jaber Xaud exprime o contexto político que influenciava agora uma nova onda cultural de consumo.

O legado das narrativas memórias Jaber Xaud, revela uma atraente teia de relações, revelando uma textura no tecido social que pode passar despercebida em um primeiro olhar, mas sua trajetória conversa com dados frios, com a insatisfação e anseios de uma elite local em relação a imposição política dos militares e revela desdobramentos de poder.

Ele consegue falar com clareza como um governo consegue se beneficiar da cultura como controle de massa e como esses desdobramentos no espaço geopolítico de Roraima abre um novo campo para melhor se entender a nossa ainda tão silenciada história. Jaber Xaud faleceu aos 79 anos de idade, em decorrência de um câncer de próstata no dia 18 de dezembro de 2010.

CAPÍTULO III – O CONTEXTO INTERNACIONAL E O CONTEXTO RORAIMENSE

A pior coisa do mundo é a fome!

Carolina Maria.

3.1 O contexto social e político roraimense

A década de 1950 foi regida pela égide da fome. Uma fome que tinha endereço certo: as favelas espalhadas pelo corpo nacional. Uma fome que tinha a cor da pele negra. Uma fome invisível e silenciada pela conveniência dos meios de comunicação, outras vezes até romantizada. Neste recorte uma série de projetos foram implementados visando acelerar a conquista do novo, o novo Shangri-lá do agronegócio: A Amazônia.

Acordos firmados com os Estados Unidos ainda em pleno Estado Novo, voltados para a produção de alimentos em uma grande escala para o mercado mundial, segundo o acordo de cooperação firmado através do Decreto-Lei nº 5.246, de 12 de fevereiro de 1943. Revelando uma intenção política em transformar a Amazônia, ou seja, as terras que dão sustentação a floresta numa economia florestal dentro dos padrões da ótica capitalista do agronegócio, assim, desconsiderando as peculiaridades amazonenses.

As ondas externas desse fato são provocadas pelo fim da Segunda Guerra. A produção de alimentos tornou-se pauta estratégica da geopolítica nascida da guerra fria, note-se que a produção de alimentos não tem como finalidade aqui acabar com a fome, mas sim garantir uma soberania territorial através do domínio ou controle dos meios, regiões estratégicas de produção em larga escala, dando a Amazônia um novo dimensionamento comercial na produção mundial.

A elaboração de um artigo específico na Constituição de 1946, que destinava 3% do orçamento da União para projetos de recuperação da Amazônia, e a criação de uma comissão destinada a esse fim em 1947 são indícios desse movimento. (ANDRADE, 2015, p. 287) Portanto, confirma-se a ascensão da Amazônia no conjunto de prioridades estratégicas já no Estado Novo, desdobrando-se em ações

como A Marcha Para o Oeste, impulsionada pelo imaginário desértico da região amazônica, conveniente as estratégias migratórias do Estado.

Uma década impulsionada pela rapidez das mudanças que ocorriam no mundo, um fluxo migratório correndo ao lado do sonho de enriquecimento rápido ao mesmo tempo desencadeando um inchaço populacional na ocupação do espaço urbano de Manaus na metade do século XX. Não escondendo assim, a intencionalidade impositiva do poder central na região, garantindo a segurança fronteiriça pela substituição dos espaços da floresta, pela paisagem da pecuária, um projeto nascido no Estado Novo sendo implementado pelos governos seguintes, passando por Juscelino Kubitschek até os governos oriundos do golpe militar de 1964.

Sempre houve um autoritarismo estatal, dominante, sendo o liberalismo político apenas uma linguagem utilizada por determinados partidos e agrupamentos para camuflar interesses que não colidiam com um autoritarismo estatal, ainda que este não apresentasse visibilidade política. (SANTOS, 2013, p. 45)

Sob o aspecto da produção de alimentos numa escala de mercado global, entende-se por que o regime investiu em pesquisa ciência e tecnologia voltadas ao combate de pragas e uma produção com maior margem de lucro, criando em 1972 a EMBRAPA, desde então, esse setor vem recebendo insumos e estímulos às pesquisas nessa área.

Colocando o país num ranking que não foi superado por nenhum outro na América Latina em aporte de investimentos e pesquisas voltadas ao agronegócio, segundo aponta o relatório P&D¹³ Agropecuário do Brasil. Entende-se aqui que o projeto não visava combater a fome nacional, mas buscava conquistar um mercado consumidor no mundo, garantindo por sua vez, medidas de segurança nacional pelo ângulo do agronegócio.

É nessa perspectiva da expansão do agronegócio (entende-se aqui agricultura familiar, através da doação de lotes de terra) foi nesse prisma que se fundaram o ideário fundador dos municípios que formam hoje o corpo do estado de Roraima.

Logo, a óptica da narrativa ganha novos elementos que trazem uma maior clareza sobre a presença dos garimpeiros em Roraima, gente atrás de fortuna, ficar rico, parar de passar fome e sair da miséria.

¹³ https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/tecnologia/Lei_do_bem/pages/Relatorio-Anual.html

Formando um grupo significativo de indivíduos nesse fenômeno migratório específico em grande maioria formados por nordestinos, sem esquecer a presença de alguns paraenses e uns poucos indígenas. Essa particularidade analítica robustece o argumento de Santos sobre o processo evolutivo do tecido social roraimense, mostrando uma parte evolutiva do tecido social roraimense entremeado sob aspectos sociocultural, econômicos enviesados sob interesses políticos, numa construção peculiar identitária regionalizada. (SANTOS, 2013, p. 208-209).

A presença dos garimpeiros desempenhou um outro impacto no cotidiano dos indivíduos na manutenção da sobrevivência paralela ao garimpo: A agricultura de subsistência, em outras palavras, a produção de alimentos e a criação de animais para não passar fome trazendo impactos econômicos significativos a alguns indivíduos. (SANTOS, 2013).

O ângulo invisibilizado da fome vai incorporando novos fios e tramas à musculatura de um corpo narrativo no tear temporal do tecido da sociedade roraimense compreendendo os impactos de contribuição pela mineração, na mentalidade identitária dos indivíduos constituintes dos chamados grupos dominantes, já aqui apresentados, por exemplo, na ligação memorialista entre Jaber Xaud, Nenê Macaggi e matéria da Folha de Boa Vista.

Em informação à Folha de Boa Vista (2002, p. 5), o

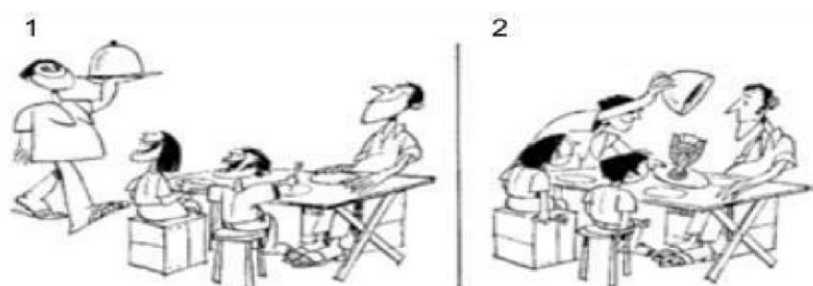
Coordenador de Promoção e Investimentos da Secretaria Estadual de Planejamento de Roraima, Damião Araújo, informou que a madeira cerrada liderava as exportações, com 80% em média, mas que em 2001 houve uma surpresa: a exportação para a Bélgica de diamantes, no valor de US\$480.000, correspondendo a 11,84% do total de exportações. (SANTOS, 2013, p. 202)

Já na década de 1970, período de ouro da televisão no seio da família brasileira, o grupo familiar se reunia em torno do *Jornal Nacional*, e seguia para a novela das 21:00 horas, o que por outro lado, difusora de comportamentos e consumo em larga escala. A novela *Dancin' days*, foi um deste vários exemplos de fatores que compõem o poder dessa comunicação de ideias de um grupo emissor passando a operarem em sintonia compondo toda uma manutenção estruturante de um sistema de consumo comportamental, atingindo um público imenso e receptivo sentimentalmente.

Passando a existir no contexto social uma dinâmica econômica distinta com traços próprios, os garimpeiros que passam a movimentar o comércio e o consumo revelando dois grupos distintos de pobreza; os dependentes das benesses do governo e

os que dependiam do ouro dos garimpeiros. Criando assim uma falsa sensação de que todos tinham meios dignos de sobrevivência.

Foi uma década marcada pela transição da televisão como a mais ampla ferramenta de integração nacionalista através de uma grade de programação voltada para a distração dos problemas sociais, que assolavam os brasileiros mais vulneráveis e invisibilizados pelo regime militar e por toda uma comunicação estruturante que romantizava a história vergonhosa da miséria e fome.



(Ziraldo. "20 anos de prontidão", 1984. Apud Renato Lemos (org.).
Uma história do Brasil através da caricatura: 1840-2006, 2006.)

Figura 46: Ziraldo

Fonte: questoes.grancursosonline.com.br

A função estruturante dos significantes da linguagem da comunicação de massa, se dá pela sutileza conformista dos meios estruturantes que vão sendo estabelecidos, incorporados, ou até mesmo interrompidos, num processo de auto verificação de seus próprios meios circulares de consumo e comportamentos sobre o indivíduo.

O que por outro lado, transforma o telespectador num replicante de atitudes em evitar e encarar as dificuldades e suas responsabilidades enquanto indivíduo, assumindo a prática indutora da comunicação impositiva dos grupos que formam a burguesia por trás da televisão, não sentir a necessidade de analisar as bases geradoras da fome e seu papel de responsabilidade neste cenário, uma das características funcional/difuncional de um dos campos do parecer de Merton-Lazarsfeld, trazidas ao debate reflexivo de Bosi.

c) disfunção narcotizante. A publicidade concorre para produzir uma parcela populacional apática e inerte. A massa de informações é recebida passivamente e não se integra em qualquer projeto social ou intelectual organizado por parte do receptor. Por passividade entendem Merton e Lazarsfeld tanto o conformismo sociopolítico quanto a recepção de estereótipos culturais e estéticos, em particular.

A influência da Comunicação de Massa também deriva do que ela não diz, das suas omissões. (BOSI, 2009, p. 41)

Ampliando o diálogo analítico da reflexão com Elias, quando trata dos processos construtores da pluralidade do indivíduo em sua singularidade como parte do processo acumulativo da sociedade.

Em Roraima o efeito narcotizante era da inexistência da miséria e só passaria quem não queria trabalhar, pois além, do assistencialismo governamental, existia a possibilidade de bamburrar no garimpo, ou em última hipótese a cidade tinha muitos cajueiros e mangueiras pra matar a fome. O faminto era tratado como preguiçoso, tirando do governo a responsabilidade em fomentar meios concretos e substanciais para a retirar esses indivíduos da precariedade e marginalização excludente de um mercado de trabalho limitado, insipiente e vulnerável como era.

Na verdade, até mesmo a fome de muitas pessoas, isoladamente consideradas, parece contribuir pouco para a pressão interna de uma sociedade, a menos que esteja associada a lutas que tenham origem e objetivos sociais. (ELIAS, 1994, p. 121)

Enquanto isso, lá fora especificamente na América do sul, houve uma germinação de regimes militares, contornando ainda mais a violação aos direitos humanos, torturas, a década de 1970, marcada pela face escancarada da crueldade fardada, conveniente aos interesses estadunidenses, que apoiou o golpe contra um presidente eleito democraticamente, Salvador Allende em 11 de setembro de 1973.

Augusto Pinochet será o signo da crueldade autoritária militar golpista na América do Sul. Um aliado aos interesses geopolíticos da CIA para os países latinos, submetendo as populações destes países a crueldades enraizadas na própria história excludente e típicas de cada um, ficaram de fora desse processo de golpes e ditaduras apenas, a Venezuela e a Colômbia.

Todo este contexto externo nos leva novamente a situação fronteira da Amazônia Setentrional, Roraima. As tensões políticas que vinham acontecendo na Guiana Inglesa, pela independência, desferraram numa guerra civil que estourou em 1969, sendo liderados pelo indiano Chedi Jagan, simpatizante de ideias marxistas, o que lhe garantiu a simpatia e o apoio de Cuba no xadrez da guerra fria na América Central. (SANTOS, 2013).

Acentuando por aqui a inflamação fronteira levando adoção de uma série de medidas estratégicas como a abertura da BR 174 e 401, medidas desempenhadas pelo

6º Batalhão de engenharia e Construção, ligando a capital Boa Vista com a capital do Amazonas. Foi o início da criação de pelotões do exército dentro da capital, nos municípios e áreas indígenas do então, Território de Roraima.

Tudo isso, apontava para a um novo balizamento autoritário nessa região da Amazônia, escamoteado no nacionalismo conveniente e ao mesmo tempo repelindo as forças liberais políticas, colocando militares e apoiadores do regime autoritário em lugares estratégicos, concentrando o controle do regime na região, esmorecendo ainda mais a autonomia das forças-familiares políticas do território.

Evidenciado numa medida do governo central, objetivando resultados estruturantes para o território de Roraima, foi o Decreto-Lei 200, de fevereiro de 1967, concedendo nova forma à máquina administrativa, reforçando ainda mais a aplicabilidade de outro Decreto-Lei 411/69, referente aos governadores biônicos dos territórios durante o regime militar.



Figura 46: Foto aérea de Boa Vista em 1967.

Fonte: vitruvius.com.br

Transferindo aos governadores territórios, e em especial Roraima, condições em aplicar um conjunto de investimentos mais estratégicos que desenvolvimentista, ampliando ainda mais a presença da ditadura na região, e forçando, como já disse antes, uma diminuição ainda maior da força dos grupos políticos locais, principalmente da “oposição”, garantindo uma maior estabilidade de governança no território fortalecendo o fluxo migratório ainda mais para a região.

Não foi uma medida isolada, segundo Freitas (1993): o ritmo de construções durante o “milagre brasileiro” inclui o palácio do governo e uma série de outras obras públicas, como casas para os novos funcionários, implantação de telefonia, luz elétrica, permanente e água encanada na capital. (BARROS. 1995) reconhece que havia a ideia geopolítica de que era preciso atrair e fixar pessoas, inclusive com formação para ocupar a terra fronteiriça. Explica ainda que esses incentivos para a ocupação continuaram nos governos militares seguintes, mas o grande esforço, a obra maior da estratégia do governo desde 1967 na Amazônia Ocidental, foi a BR174. (SANTOS, 2013, p. 110-111)

Todo este composto de investimentos dado pelo poder central aos governadores biônicos renderia dividendos futuros aos interesses do regime nos territórios, por exemplo, cooptando essa nova leva de migrantes no território de Roraima numa renovação robusta das forças do autoritarismo na região e potencializando mais forças às intenções nacionalistas do regime na mentalidade coletiva na defesa da ameaça comunista.



Luiz Mario Severo Avila

Bairro canarinho e o estádio em 1975 (slide (para quem é antigo) transformado em foto , arquivo avila). Ainda é possível ver o campo de futebol Joao Mineiro

Figura 47: Foto aérea de Boa Vista.

Fonte: Grupo de facebook/ Boa Vista Antigamente.

Uma estratégia autoritária de geopolítica para essa região fronteiriça amazônica, operando os espaços através de um fluxo migratório revigorante e contínuo, que oportunamente acelerava o processo de exclusão e expropriação das terras indígenas, um projeto nacionalista que empurrada ainda mais para a marginalização os povos indígenas desta região da Amazônia.

Uma conveniência invisibilizante da diversidade cultural indígena desta Amazônia setentrional frente à implantação de estratégias desenvolvimentistas, sob o argumento que os indígenas e sua sociedade de subsistência da floresta atrapalhavam o progresso desenvolvimentista dos militares na região, restando a única forma possível: trazê-los para a civilização capitalista, numa estratégia apontada por Santos:



Figura 48: A presença militar nos territórios indígenas de Roraima.
Fonte: Grupo do facebook/ Boa vista antigamente

Para obras como rodovias contava com o apoio do ministro dos transportes, Mario Andreazza; no que diz respeito a parte administrativa, beneficiava-se das reformas em favor dos territórios, quando estes passaram a receber repasses do Fundo de participação dos estados e os dos Municípios, além de outros. (SANTOS, 2013, p. 117)

Todos estes impactos mecanicamente refletiram-se no jornalismo roraimense ganhando um forte apoio da máquina administrativa no governo do coronel Hélio Campos (1970-1974), através da aplicação dos recursos públicos conseguiu renovar toda a estrutura de maquinário e mão de obra não tão bem qualificada, para a nova empreitada em reativar o jornal de circulação chamado *Jornal Boa Vista*, a circulação deste folhetim seguiu-se até 1983. (MUNARO.2009)

O caso deste jornal ilustra todo o esquema de produção impressa ao longo do período federal: Com imenso poder político, o governador mantinha os instrumentos simbólicos de poder sob sua interferência

direta, podendo mesmo queimar exemplares que lhe pareciam desfavoráveis. (MUNARO, 2009, p. 07).

Hélio Campos foi o homem certo no momento apropriado aos interesses da aplicabilidade geopolítica do regime para a região do território roraimense, sabendo articular-se com as forças locais fossem de situação ou oposição, e atingindo os objetivos do poder central, envolvendo a sociedade como um todo nessa estratégia. (SANTOS, 2013).

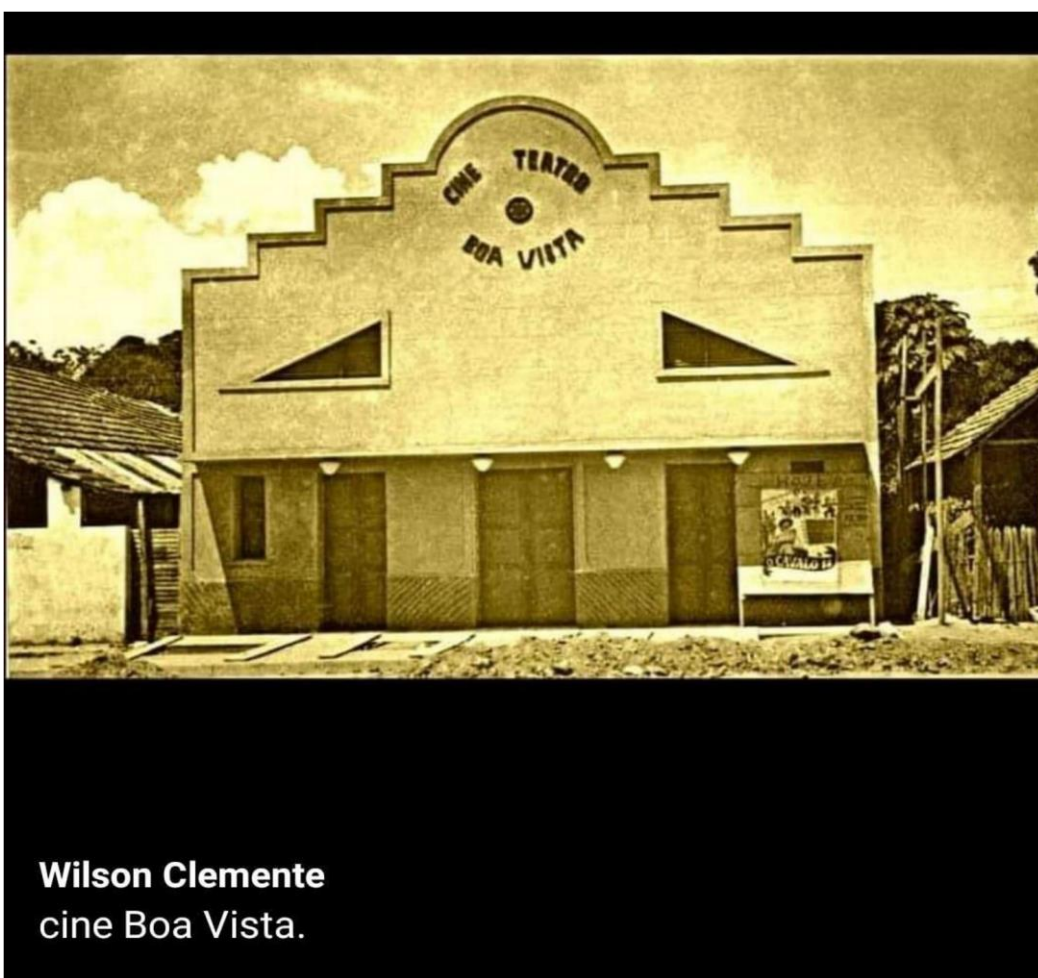


Figura 48: Foto do Cine Boa Vista nos idos dos anos 50 e 60.
Fonte: Grupo do Facebook/ Boa Vista antigamente.

Jaber Xaud irá escrever alguns artigos no jornal *O Átomo* de propriedade do tenente José Estevão Guimarães, que fazia uma oposição conveniente aos governadores biônicos nomeados para o território. Estreando em 1951, como um jornal “oposicionista” ao governador, sem se colocar claramente como tal, o que segundo

Munaro lhe rendeu dividendos vantajosos. (MUNARO, 2009)

Eram notícias que dependendo de seu conteúdo, iriam embalar o humor oscilante do governador, e sendo notícias inconvenientes junto à opinião pública local, que poderiam causar de alguma forma pressão interna no governo, os jornais eram, então, recolhidos e retirados de circulação sob a pressão restritiva e subjetiva do governador biônico.

Podemos pensar, por exemplo, num fenômeno que até hoje mal chega a ter nome: as oscilações no que se poderia chamar de “pressão social”, em especial a “pressão interna” de uma sociedade. (ELIAS.1994, p.121)

Em Roraima a aplicabilidade do jornal como um veículo indispensável de comunicação persuasiva e com força para desencadear um fenômeno oscilante, dependia da conveniência particular dos interesses da política militar na região, adequando os sonhos e atitudes da sociedade pela censura da informação circulante local.

Para isso o poder econômico era fundamental, pois quando os jornais não agradam aos palacianos, a solução encontrada pelo Executivo era comprar o jornal como garantia dos fins das críticas ao poder. Foi exatamente isso que aconteceu com o Átomo e outros pequenos jornais, com raras exceções, nascessem sob a égide política e terem seu crepúsculo determinado pelos mesmos fins, isto é, as questões políticas (JUPIRA,2003, p.120).

A habilidade política de Campos no trato com seus “opositores de ocasião”, possibilitava costurar alianças convenientes aos seus interesses pessoais e na sua carreira política, refletindo-se mais tarde em sua escolha como candidato a deputado federal pelo território, em 1974. Desaparecendo a mercadoria, ao se transformar em dinheiro, não se percebe, examinando-o, de que modo chegou às mãos do seu possuidor, nem a coisa que nele se transformou. (MARX, 2019, p. 137)¹⁴

¹⁴ MARX, Karl. O Capital- Crítica da Economia Política. Ed. Civilização Brasileira-2019-Rio de Janeiro. A estrutura mental que transparece em seu artigo, nos permite analisar a preocupação de um indivíduo em sobreviver e permanecer aceito pelo grupo e continuar usufruindo dos possíveis benefícios políticos que advém da relação entre o governador biônico e os interesses políticos dos grupos familiares.

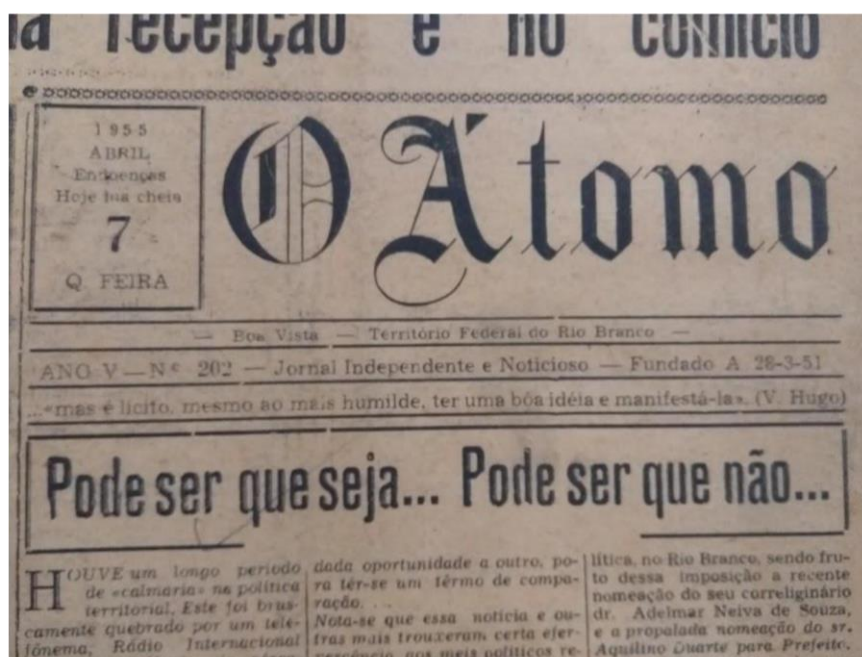


Figura 49: Arquivo público da Biblioteca do Palácio da Cultura-Boa Vista.
Fonte: Acervo da Biblioteca Pública de Boa Vista

Em sua colina refletia-se a sutileza argumentativa de uma parte dos grupos familiares que também compunham o cenário de forças na sociedade roraimense. Apontando caminhos para a solução de problemas urbanísticos peculiares da época, e como isso, poderia reder dividendos satisfatórios junto à população e em especial a juventude da capital do território.

Sua narrativa se mostra identitária ao indivíduo pertencente aos grupos de mando local, muito embora se coloque na narrativa como um dos pequenos que formam o povo. Lembrando que muitos membros destes grupos familiares, se uniram com sobrenomes através de casamentos, fortalecendo ainda mais a aproximação consanguínea dos interesses políticos.

Em sua entrevista a este pesquisador, ele deixou claro que mantinham com todos do seu círculo dentro e fora do gabinete uma relação de cordialidade e amizade, sua teia relacional foi primordial para sua permanência como chefe de gabinete do governo.

“Eu me dava bem com todo mundo” e por isso, era muito bem-visto no palco relacional do poder roraimense. Em um cenário onde a geração de emprego e renda segura passava diretamente pelo gabinete do governador em suas nomeações administrativas e publicações oficiais, era de suma importância garantir a manutenção de empregos e cargos comissionados de chefia dentro da administração pública.

O mesmo se aplica às dificuldades surgidas pelo fato de que a luta por se destacar, por conquistar algo excepcional, por usar os dons pessoais e realizar-se na vida, só pode ser vencida por uma minoria. Contrapondo-se à satisfação que alcançar essas metas concede a uma pequena minoria de pessoas, há uma insatisfação emudecida ou claramente sentida do número muito maior daquelas que não conseguem aquilo que esperavam nas grandes e pequenas competições, das que ficam aquém das aspirações de sua juventude à medida que envelhecem. (ELIAS, 1994, p.121)

Percebe-se a discrepância social entre um pequeno grupo e a grande maioria da população da capital do território que não dispunha de educação básica de qualidade e não tinham água encanada dependendo de poços e querosene para se manterem minimamente. Onde a exclusão da miséria era escamoteada, invisibilizada, aparecendo em poucas informações jornalísticas da época.

A contribuição da miséria e pobreza em Boa Vista vem dos relatos de moradores em suas lembranças de infância, algumas recordam do *xibé* como uma única refeição diária.

As desigualdades da época fazem parte das lembranças da infância da senhora e professora Milca do antigo território, ela lembra que a avenida Mario Homem de Melo, não tinha asfalto, onde o vento levantava a poeira vermelha que grudava nas paredes da casa de sua mãe.

Era comum, ver passando um grupo de meninos que moravam no centro passeando de bicicleta. Ela e seus irmãos andavam a pé, pois seus pais não tinham condições de comprar uma bicicleta, era uma vida difícil, humilde, invisível e silenciada.



Figura: 50: Vista aérea de Boa Vista em 1976.
Fonte: vitruvius.com.br

Voltando ao texto do artigo do jovem Jaber Xaud, a rapaziada que ele comenta no seu artigo endereçado ao prefeito com certeza não se referia aos irmãos da hoje aposentada professora Milca Alves de França. Sua narração por outro lado, alinhavase as lembranças da então adolescente Milca Alves, costurando um contraponto expositor da falta infraestrutura urbana em sua lentidão executória e a quem era prioridade do asfalto na porta de sua calçada. Atender a expectativa da juventude urbana (descendentes dos fazendeiros), como algo necessário à manutenção da pacificação política, denotando um contraditório nas falas palacianas, expondo o cotidiano administrativo que contava com nomes de membros das “famílias pioneiras” na sustentação do governo de Campos.

Com recursos para realizar projetos e mudanças, Hélio Campos apoiouse em dois nomes da terra, no cotidiano da administração: o antigo secretario do território Waldir Abdala e Francisco da Chagas Duarte, filho de fazendeiro e ex-prefeito de Boa Vista. (SANTOS.2013, p.117)



Figura 51: Foto das residências das famílias pioneiras no centro.
Fonte: Grupo do facebook/ Boa Vista antigamente.

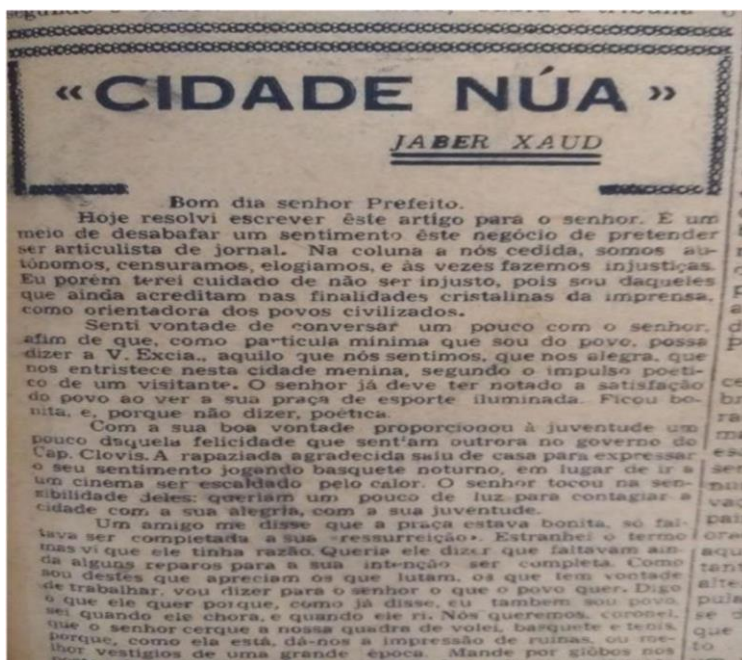


Figura 52: Arquivo público da Biblioteca do Palácio da Cultura-Boa Vista.
Fonte: Acervo da biblioteca pública de Boa Vista

Sua sutileza argumentativa exprime seu autocontrole e ao mesmo tempo, a frágil e insipiente força da oposição, que se dava de acordo com as conveniências dos favores políticos, grupos familiares desprovidos dos quatro pilares consolidantes de uma oligarquia: dominação política intransigente, controlando ou possuindo os meios

circulantes do comércio e logo dominação econômica e de uma penetração nas relações sociais.

As famílias tradicionais, ligadas principalmente à pecuária, jamais exerceram um poder total, sendo no século XIX e metade do século XX, desafiadas pelos comerciantes de Manaus. Em 1943 (FREITAS,1997; OLIVEIRA,1991), com a criação do território do Rio Branco, foi nomeado um governador militar, seguido por políticos designados por influência de uma oligarquia do Maranhão. (SANTOS, 2013, p.132)

O Jornal possuía um perfil crítico à situação da total dependência política da região no cenário nacional, na pessoa do deputado federal pelo Território do Rio Branco, Félix Valois, e sua base de sustentação política no território e em Manaus entre os anos de 1951 até 1959.



Figura 53: Jaber xaud e sua esposa em um dos muitos eventos em Boa Vista 1960. **Fonte:** Grupo do facebook/ Boa Vista antigamente.

Sua fala contextualiza às pressões internas dos grupos familiares insatisfeitos com os rumos políticos impostos por forças externas maiores, o que já na sociedade Boavistense se refletia com a circulação do jornal, causando uma pressão social concordante incômoda ao govenador. O *Átomo*, sendo um jornal de produção rudimentar e quase familiar, e ainda por cima opositorista, lucrava ainda mais como um produto consumido pela massa, o que deixava o governador Hélio Campos

irritado, pois, a população de Boa Vista, sentia mais verdade nas páginas do *Átomo* que lendo o jornal *Boa Vista*, mesmo sendo um produto com maquinário de produção moderno para a época, o leitor o via desconfiado como instrumento jornalístico declaradamente intervencionista do regime na circulação da notícia como um produto de consumo. (MUNARO, 2019)

A crítica “oposicionista” dele expõe a linha tênue entre os grupos de oposição e situação e como essa gangorra relacional com o governador era inconstante em suas subjetividades.

3.2 A teia do ontem no hoje.

O registro crítico de **Jaber Xaud** nas colunas do jornal, tornaram-se redutos identitários em alguns momentos criticava a oposição expondo suas ausências no processo urbano da Boa Vista, ligando sua indignação com a dos leitores.

Noutro momento, interligava-se através do emocional, como o dia das mães, um fabricante sentimental em cadeia, racional e consciente como um bom jornalista que foi sabendo interferir no imaginário coletivo, com uma originalidade nata, tornando-se uma força identitária e produtora de consumo dentro do contexto urbano.

Sua escrita jornalística explicita a multiplicidade de seu lugar de fala no tempo aqui recortado para análise e o tornam um objeto de registro memorialístico-analítico legitimado pelo conjunto de valores que lhe garantem o reconhecimento do seu pertencimento e contribuição, transformando-o num ator-produtor qualificado para uma narração contundente nos chamados anos de chumbo.

E ao mesmo tempo, ligando-o a urgência do salvamento dos poucos arquivos de ligação textual que ainda restam. O que por outro lado, torna sua memória enquanto lugar de fala e narrativa, infelizmente também um alvo a ser destruído por toda sua contraposição contextual à narração conveniente dos militares que defendem o regime e inserem novos germes golpista na geração atual de brasileiros alheios ao processo histórico do Brasil.

Jaber Xaud tornou-se um indivíduo que passou a imprimir um novo ritmo no fenômeno da cultura de massa local, foi dele a ideia criadora de uma tendência com adaptações realistas, local e única. Mesmo que ele negasse se não fosse a mediação burocrática estatal que lhe serviu eficazmente, aliada a iniciativa privada, aqui no caso

de amigos e parceiros do comércio, sua empreitada teria sido hercúlea, numa interligação necessária como aponta Bosi:

A comunicação de ideias e sentimentos não se faz em abstrato. Nem, por outro lado, existe um público receptor, um grupo emissor ou um canal transmissor em si mesmos. Os vários fatores da comunicação operam interligados, compõem a estrutura de um sistema. (BOSI.2009,61)

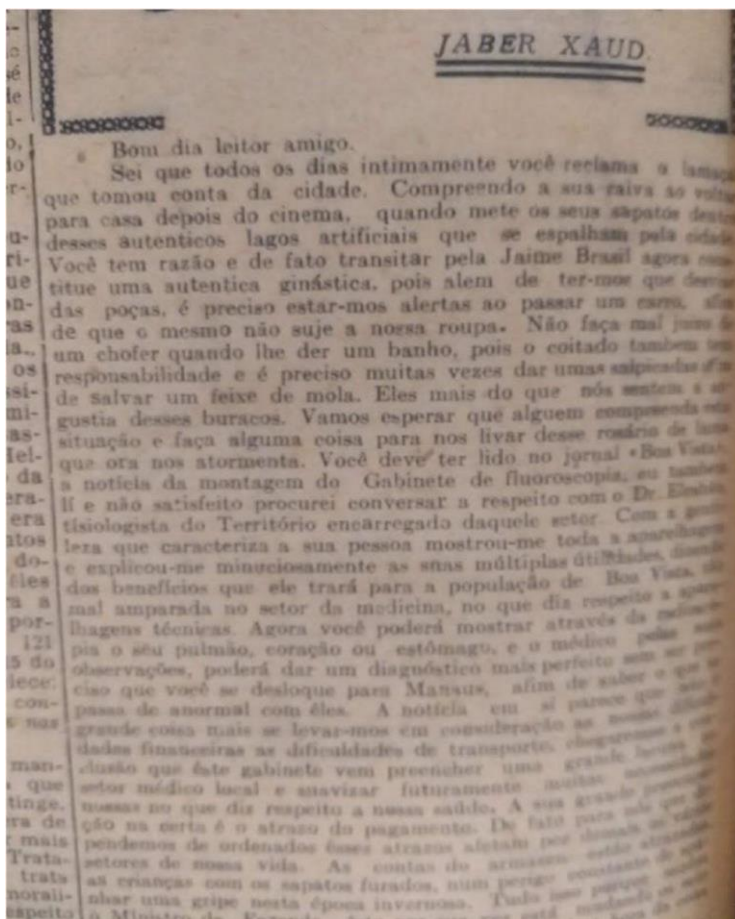


Figura 54: Arquivo público da Biblioteca do Palácio da Cultura-Boa Vista.
Fonte: Acervo da biblioteca Pública de Boa Vista

Sua sensibilidade emocional argumentativa enquanto jornalista nos traz uma preocupação de demanda mercadológica moderna, atrelada particularmente no verniz político conveniente aos militares e sua base de apoio. Conectando-se em práticas ao contexto social e político da época. Tornando sua ambição pessoal em uma produção de interesse geral local, e o firmando profissionalmente enquanto jornalista.

Seus argumentos polidos que se ligam aos interesses da felicidade (rede emocional) dos munícipes cria uma teia multifuncional entres os atores políticos e os indivíduos que formam a massa urbana. Trazendo elementos relacionais dentro da bolha urbana privilegiada com suas casas de alvenarias, muros baixos, algumas

garagens com carros, outras com geradores de energia a diesel, um oásis urbano cercado por gente que moravam em casas de madeiras, taipa, sem asfalto, sem escola, uma gente sem sangue pioneiro nas veias. Logo, faz-se necessário evitar a violência do genocídio das memórias de indivíduos que se ligam a história dita oficial e regional com novos argumentos ao corpo narrativo.

Uma gente que andava quilômetros a pé quando bicicleta era coisa de rico que morava no centro, uma gente invisibilizada em fotos, só lembrada quando era conveniente incluir no discurso político geralmente contra algum opositor. A organização urbana de Boa Vista foi mergulhada na estratégia da ditadura militar em se fazer necessária nesta região de tríplice fronteira, como o bairro 31 de Março e a Praça da Bandeira, locais pensados pelos grupos de força política local, que entraram no viés oportuno dos militares.

Um gerenciamento argumentativo estratégico, mas com finalidades de benefícios pessoais que o bem coletivo, transparecendo o respeito a hierarquia dos governadores biônicos na região, mesmo com “críticas opositoristas”, transpareciam os interesses pessoais relacionados ao jogo político regional.

os interesses pessoais relacionados ao jogo político regional.



Figura 55: Foto disponível na internet.
Fonte: Grupo do facebook/ Boa Vista antigamente.

A partir disto, parece haver uma concepção de emoção no jornalismo como elemento controlável, gerenciável, que deve ser ministrado na dosagem adequada, servindo, desse modo, como critério para hierarquizar produtos e estilos jornalísticos,

profissionais e audiência. (CONDÉ.2017). O que não lhe eximia em tecer análises ácidas quando em seus artigos onde se colocava contrário a alguns posicionamentos de indivíduos políticos de Manaus e do Rio de Janeiro, evidenciando seu papel como indivíduo parte de um grupo com interesses em comum, sua fala é conectiva e ajudada por uma modernidade jornalística que tenta se integrar ao corpo nacional.

Sua fala jornalística nos traz uma confirmação de sua posição privilegiada como indivíduo pertencente à camada dominante local, trazendo elementos argumentativos conectivos dos conflitos entre a tradição política regional frente ao projeto de modernização da geopolítica impositiva do regime.

Onde o jornal *O Átomo* passa a apresentar uma atividade jornalística como a soma de interesses individuais que passam a somar forças de pressão de grupos de interesses peculiares. Porém, suas narrativas jornalísticas apagam por outro lado os pobres, moradores de casas de tapera, sem asfalto sem esgoto e água encanada. Uma massa lembrada apenas na conveniência tradicional das chamadas “famílias pioneiras” em manter o *status* como camada dominante, que recebem visibilidade conveniente as necessidades dos grupos dominantes.

Uma razão para esta deformação sistêmica da representação política é que as decisões se tornam de fato, senão na teoria, entre grupos minoritários de pessoas que se conhecem. [...]. São personagens chave que articulam as decisões entre si, o processo representativo se tornou amplamente insuficiente. (DOWBOR, 1998, p. 216)

Em síntese ele tornou-se um catalisador analítico jornalístico de parte dos grupos dominantes, ao mesmo tempo, tendo sua voz validada pela massa urbana e contornada por um reconhecimento e pertencimento ao grupo das chamadas “famílias pioneiras” com forte ação política dentro da máquina administrativa no território, tornando-se possível o exame de uma das partes constitutivas de sobrevivência dos grupos dominantes frente a presença autoritária do regime na região.

Cruzando as informações notei que sua estreia no jornal *O Átomo*, caminhava ao lado do início de sua carreira de apresentador, quando iniciou apresentando um programa infantil com crianças recitando versos e cantando. Lembro durante a entrevista deixado claro que ele tirou o governo “dessa jogada” como bem relatou, pois o maquinário como as caixas de som e microfones pertenciam ao governo, transparecendo o amadorismo governamental em fomentar a cultura de massa em Boa

Vista, robustecendo a voz elucidativa de Monteiro ao descrever a retórica de memórias de gente comum frente as ações intervencionistas do regime em Boa Vista de 1950.

É provável que os únicos usos de força incontrolláveis sejam os daqueles de posição social superior contra seus inferiores sociais (os quais quase por definição, não tem direitos contra os primeiros), e mesmo neste caso possivelmente há algumas regras. (HOBBSAWM,1999, p.319)

3.3 A Magnética das Lembranças no Fenômeno de Atração e Repulsa no Tecido Roraimense.

Toda tecnologia nos obriga a novos equilíbrios. (BOSI, 2009. p.55)

Foi com os poucos recursos e com investimentos próprios, contando com a ajuda de amigos comerciantes que se começou as primeiras linhas de um período na história cultural de massa em Roraima, um movimento antecedente ao *Roraimeira*. A corporificação do *Programa Jaber Xaud Show*, consolidou-se na década de 70, com a transmissão televisiva do seu programa gravado, um período marcado na história política e econômica de Roraima, segundo Santos: a instabilidade política da Guiana e do Caribe e pelo chamado “milagre econômico brasileiro” fenômeno, mesmo que indiretamente foi favorecedor do contorcionismo político do coronel Hélio Campos no território.

A ala militar ligada a Gomes era de grande prestígio quando do início do governo Costa e Silva. O ministro do Interior deste, general Albuquerque Lima, ardente nacionalista, componente da “linha dura”, teria sido o “padrinho” da nomeação de Campos. No dizer de Freitas (1993, p.166-167), este gozava também da confiança do ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos e era um veterano de ações militares, como a intervenção em São Domingos, em 1965. (SANTOS, 2013, p.117).

Outro fato ligacional-narrativo era o sucesso do *Programa Jaber Xaud Show*, que causava em um grupo de indivíduos que marcaram o processo migratório para o território: os garimpeiros nordestinos em sua grande maioria. (SANTOS, 2013)



Figura 56: Jaber Xaud com o presidente militar Ernesto Geisel.
Fonte: Grupo do facebook/ Boa Vista antigamente.

Trazendo novos olhares a este fenômeno migratório carregado de questões que historicamente ligam-se aos campos sociocultural e econômico, um tear nascido nos núcleos das chamadas “famílias pioneiras” e se enredaram sobre a máquina administrativa em acordos políticos e benefícios convenientes ao jogo entre as forças locais e os governadores nomeados em Roraima.

Foi um período marcado pela malária como uma doença de garimpeiro que se tornou urbana, trazendo consigo novos elementos de uma violência doméstica, excludente e identitária, doença marcadamente pela ausência de saneamento básico, um desdobramento silencioso e violento de exclusão social, e ao mesmo tempo, trazendo novos atores políticos que irão incentivar governamentalmente, que podemos identifica com discursos liberais convenientes o germe embrionário do populismo roraimense, que irão ecoar nas décadas de 1980 até os dias atuais.

Isto porque o essencial a respeito da violência, como fenômeno social, é que ela somente existe sob uma grande variedade de formas. Há ações de diversos graus de violência que supõem diferentes manifestações qualitativas da mesma. (HOBSBAWM, 1999, p. 318).

É nessa onda social sobre o tecido roraimense que o *Programa Jaber Xaud* irá surfar, a circulação monetária em Boa Vista será impulsionada pelo ouro, a máquina administrativa enquanto oferecia estabilidade no emprego, o garimpo, por sua vez, oferecia enriquecimento rápido e “fácil”, na cidade os preços dos alimentos e aluguéis dispararam, uma senhora que entrevistei Marinete Monteiro, relembra: “Às vezes, ia

no açougue (no bairro do São Vicente) comprar carne e não tinha, o garimpeiro já tinha comprado a carne toda de uma só vez!”. Conta.

Mesmo com este descontrole em oferta e demanda no mercado local, autoridades locais defendiam a economia do garimpo, como um viés liberal mal alinhavado para uma autonomia política que não dependessem exclusivamente das oscilações políticas e orçamentárias de Brasília.

Outra moradora do bairro São Vicente, conta que nos anos 70 ela ainda não tinha água encanada em sua casa, e nos fundos de seu quintal corria o Igarapé Mirandinha, e seu marido cavou um poço com a ajuda de outro vizinho, relembra: “A água era bem docinha” “A gente ainda dormia com a janela do quarto aberta”. A água encanada chegou na sua casa no início da década de 1980, e o asfalto em 2001.

A década de 70 contribuiu para a possibilidades de análises que podem identificar os indivíduos excluídos de acesso ao bem de consumo que distinguia, regionalizando a miséria e a exclusão do capitalismo em seu recorte regional. Como foi a televisão, um sucesso de consumo televisivo foi a novela Anjo Mal, de Janete Clair.

A televisão foi um bem de distinção social dos chamados grupos familiares ou famílias pioneiras. Possuir uma televisão nesse período do território era um meio identitário de ostentação, significava pertencer a um seletivo grupo que tinha energia elétrica (possuía um gerador) e água encanada no corpo urbano e social.



Figura 57: Aparelho de televisão pertencente a uma das famílias pioneiras.
Fonte: Grupo do facebook/ Boa Vista antigamente.

Na hora da novela quem não tinha televisão e energia elétrica em casa, ou um gerador de energia se pendurava nas janelas da casa do dono do aparelho. Ficava dentro

de casa o dono e sua família, na janela os pobres que não tinham energia elétrica, água encanada ou o tão sonhado aparelho de televisão, isso ainda em 1970.

A servidora aposentada do antigo território, senhora Milca Alves de França, enriquece esse período de distinção entre quem tinha asfalto, água encanada e energia elétrica doméstica em suas lembranças de juventude: “As avenidas Mario Homem de Melo e Ataíde Teive passaram a existir na década de 70, morávamos naquele pedaço onde hoje tem a casa dos meus irmãos.

Eu nasci numa casa coberta de palha e as paredes eram de barro batido, casa de taipa. Existia uma rua entre as duas avenidas essa rua não tinha asfalto, ninguém sabia o que era asfalto. Hoje onde é uma vala, porque a Teresa (eleita prefeita para seu primeiro mandato em 1992, derrotando o médico Alceste Madeira candidato apoiado por Ottomar Pinto) fez o favor de “acimentar” era um igarapé, que na época de inverno ficava perigoso criança atravessar sozinha, a água chegava a lamber a ponte de madeira que tinha.

Era nesse igarapé que os moradores iam lavar roupas, tomar banho e pegar água pra fazer comida, lavar louça, aguar a casa e outras coisas. Naquele local onde morávamos os terrenos eram enormes, pois tinha poucos moradores e muita terra. Quando foram fazer essas duas avenidas fizeram também um loteamento, a Ataíde Teive pegou parte do nosso terreno e da nossa casa, daí meu pai pegou um terreno na Mario Homem de Melo. Os outros vizinhos pegaram em torno de 15 ou 20 terrenos na época, meu só pegou um, pois falou que quando os filhos crescessem iriam se virar. Nos mudamos pra casa nova no ano de 1977, as ruas não tinham asfalto e a energia foi chegando aos poucos, o asfalto chegou bem mais tarde na metade dos anos 90” conta.



Figura 58: Crianças nas janelas para assistir a programação de televisão.
Fonte: Grupo do facebook/ Boa Vista antigamente.



Figura 59: Recreação em uma das recém asfaltadas avenidas do centro da cidade.
Fonte: Grupo do facebook/ Boa Vista antigamente.

Duas realidades de inclusão e exclusão dentro do mesmo corpo urbano dividido apenas por poucos quilômetros entre avenidas. A foto ao lado apresenta um contraste urbano antagônico e ao mesmo tempo reforçando a narrativa das lembranças da professora aposentada senhora Milca Alves.

“Não me cabe, aqui, interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos da cena pública. Já se disse que paradoxo é o nome que damos à ignorância das causas mais profundas das atitudes humanas.” (BOSI, 2004, p. 459).

Um nome que carrega uma legitimidade histórica do período aqui estudado é o poeta, compositor, cantor e um dos nomes fundadores do *Movimento Roraimense*, Eliakin Rufino, lembrando com alegria poética e engajadora esse trecho da história cultural de Roraima: “Será um prazer colaborar com você nessa reconstituição do Jaber Xaud”.

“Jaber Xaud foi uma figura sensacional, pública, uma figura versátil, era apresentador de programa de auditório, era jornalista radialista, vereador. Então é uma figura realmente maravilhosa merece uma biografia cuidadosa e uma contextualização também na sua época naquele momento de Boa Vista”. Recomenda.

Quero te adiantar que nunca fui calouro do Jaber Xaud, naquele primeiro momento do programa, onde hoje aqui é o Teatro Carlos Gomes, eu era plateia, quem foi calouro do Jaber Xaud, foi o Neuber Uchôa, uns três quatro anos já se apresentava no programa.



Figura 60: Cantor Neuber Uchôa.
Fonte: globoplay.globo.com

Nessa época eu ainda era um menino tímido que estava na plateia. Mas depois já na idade adulta tive vários momentos com o Jaber, inclusive um ótimo momento, com ele é quando ele dirige durante alguns meses a TV Educativa, que hoje é a TV Universitária, ele foi diretor dessa TV e produziu um programa maravilhoso de entrevistas com pessoas com mais de setenta anos. “Um arquivo fantástico não sei o que foi feito deste arquivo, a preocupação dele em manter viva essa história oral através dos mais antigos”. Lamenta o poeta.



Figura 61: Eliakin Rufino.

Fonte: Foto disponível no Facebook do cantor

As lembranças do poeta Eliakin Rufino, nos leva a uma teia relacional que chama à fala outros atores da cena cultural roraimense como é o caso da memória da revisora, redatora e jornalista, Nenê Macaggi.

Lavei todas as latas e comi todo o leite condensado que já estava cozido pelo tempo. O tempo passou e o leite cozeu. Mas o tempo não passa, o tempo é estático, o tempo é, nós é que estamos passando pelo tempo...”, reflete o sr. Abel sobre a sua lembrança da vendinha de Pantojo. (BOSI, 2004, p. 416)

Enviada pelo presidente Getúlio Vargas, para fazer uma pesquisa jornalística sobre a real situação dos territórios, chegou em Roraima e fixou residência. Foi amiga de Jaber Xaud, ele deixou claro seu apreço e importância do seu trabalho controverso e desafiador dela entre garimpeiros, pecuaristas e indígenas, em suas lembranças nesse documentário, relatou algumas situações que enobreciam a fibra da mulher e jornalista Nenê Macaggi, alguns até com risco de vida.

A narrativa das lembranças de Jaber Xaud, trazem detalhes desta mulher que também foi garimpeira chegando a morar com os índios, essa convivência com os grupos indígenas resultou no seu primeiro romance sobre o sertão amazonense: *A Mulher Garimpeira*, tornando-se um marco literário para Roraima. As narrativas de suas lembranças de convivências com Nenê estão no documentário produzido pela Doutora em Educação Elena Fioretti, *Nenê Macaggi: Roraima Entre Linhas*. Ganhador do prêmio Doc. TV II.



Figura 62: Fachada da Biblioteca Pública de Roraima.
Fonte: overmundo.com.br



Figura 63: Capa do seu romance.
Fonte: google.com

A relevância do *Programa Jaber Xaud Show*, se percebe não em livros, mas na memória de quem conviveu com ele, ou participou como plateia ou calouro de seu palco. O recordar destas lembranças sempre vêm acompanhadas de sorriso, os olhos dos entrevistados brilham com nostalgia, como foi na entrevista generosa e afável do cantor e compositor George Farias.

O apresentador se dirigia a ele sempre chamando de maestro, “na época eu nem era maestro” diz, mas era por que eu era o arranjador dele. Tipo: “Som na caixa, maestro! Pra começar a música introdutória pro calouro, e a gente fora do palco era

uma convivência muito legal, ele me respeitava muito como artista e sabia que eu faria um trabalho bom pra ele.” rememora com voz sorridente das pequenas lembranças de convivência com o apresentador nos bastidores do programa: “A banda era composta pelo baterista Wilsinho Leitão, Sérgio Barros no contrabaixo, Bira nos teclados, Marinho da Luz na percussão e eu na guitarra. Ensaiávamos de tarde com os calouros as músicas e selecionávamos os menos ruins que iam à noite se apresentar no palco. Eram chamados uma a um pelo apresentador, que os recebia com sorriso e brincadeiras, era divertido e a plateia se emocionava.”

“Os bastidores eram superengraçados, porque o Jaber era um cara muito feliz, muito engraçado, gostava de contar piadas, se divertir dava risada de tudo, e ele preparava tudo! Pensava em tudo, na fala inicial no que o João Barbosa ia fazer a propaganda, ele lia os anúncios, com as fichinhas nas mãos, lia os patrocinadores da cidade na época grandes patrocinadores. Tipo as lojas de roupas, sapatos, e que hoje nem existem mais, ou mudaram de nome; e a TV Manchete filmava tudo, não lembro quem era o diretor na época, mas era muito “massa” ver no domingo de manhã as filmagens do programa gravado na quinta-feira à noite, era muito legal.



Figura 64: Foto da logomarca da emissora.
Fonte: youtube.com

Então, cheguei em Boa Vista com 26 anos de idade, Boa Vista era muito pequena na época, a cidade acabava no (bairro) Asa Branca, o conjunto Cambará, tinha acabado de ser construído com a ideia de ser um bairro para os professores irem morar, mas muita gente não quis ir porque era muito longe na época, hoje Cambará é o centro da cidade.

Toda a cidade era pequena, tudo acontecia muito devagar o garimpo ainda era muito forte, muitos voos no garimpo naquele momento, muita gente chegando, de fora do estado, alguns aventureiros, tipo eu, eu vim a convite de uma cantora pra acompanhar ela numa casa noturna chamada *Nova Opção*, e é nessa casa onde eu estava tocando, onde conheci Jaber Xaud, frequentando junto com seus filhos e ele me convida pra tocar no seu programa como arranjador.

Um convidado aqui, outro ali de arte, como por exemplo, teve um dos programas onde quem foi convidado o saxofonista brilhante, Teixeira de Manaus, veio no programa e tocou com a gente e essa é uma das lembranças boas que tenho da época, porque o Teixeira de Manaus já era um nome altamente conhecido no cenário brasileiro com sua música do sax e ele veio a convite do Jaber fazer uma apresentação em seu programa.

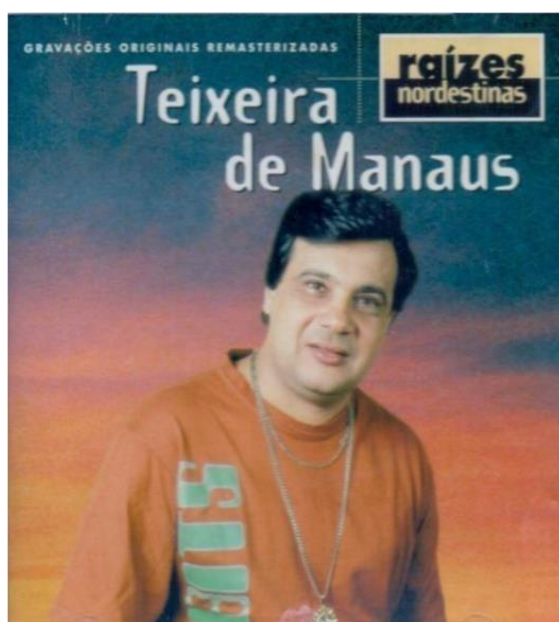


Figura 65: Teixeira de Manaus.

Fonte: discogs.com

O Jaber era um cara muito atento ao movimento artístico, um cara muito musical, artístico mesmo, era um cara do palco, falava bem, brincava, tinha sacadas, era o cara que realmente estava no lugar certo naquela vestimenta de personagem de apresentador, ele se dava muito bem, conhecia a cidade inteira, sabia o nome das pessoas, falava com a plateia, falava com os jurados.

Os jurados do programa eram sempre pessoas notórias da cidade, jornalistas, juízes, advogados, políticos, professores, sempre pessoas notáveis da cidade”.

Rememora o cantor e compositor George Farias.

Conta: “Entrei no segundo momento do programa, no finalzinho dos anos 70”.

Nesse segundo momento, o *Programa Jaber Xaud*, era gravado no antigo *Cine Boa Vista*, ainda nos primeiros anos da década de 1990, entre 1991 e 1992, onde hoje é aquela loja *Shopping Center* na Jaime Brasil. Até aqui as lembranças do cantor e compositor George Farias nos trazem migalhas de uma narrativa aparentemente solta, porém, numa análise criteriosa percebe-se elementos do que foi o continuísmo migratório que robustecem o que Santos chamou de processo transformador.

Elementos de um continuísmo migratório trazendo novos agentes, inclusive, o entrevistado se identifica como tal, com fins em trazer uma valorização política do voto no antigo território, provocando um fortalecimento da figura do governador na região na adoção de projetos populistas e clientelístico roraimense, visando amealhar os milhares de colonos e garimpeiros que aqui chegaram em busca de uma vida digna. (SANTOS, 2013)

Ali acontecia o programa de auditório nas noites de quintas-feiras e a época a *TV Manchete* tinha acabado de se instalar em Boa Vista e gravava o programa, e o reprisava no domingo pela manhã na grade de programação. Ali no programa de calouros, muitos deles hoje canta profissionalmente na noite, crianças que iam ao programa e hoje cantam, muita gente que começou a cantar hoje começaram no *Programa Jaber Xaud*. Continua: Alguns dias atrás, (uns quatros meses) estava me lembrando que o hoje deputado estadual Jalser Renier tinha um programa na Rede Manchete, muito parecido com o programa do Jaber no palco do Cine Boa Vista, diante das câmeras ele se apresentava como um Jaber Xaud, mais novo, mais jovem. Nota-se aqui o carinho do deputado em relação ao apresentador e o reconhecimento do papel relevante dele para a história da cultura roraimense.

Do ponto de partida tangível da máscara desenvolveram-se, pois, nuances de sentido *persona*, como os referentes ao papel de um ator ou ao caráter da pessoa por ele interpretada (ELIAS, 1994). O jovem radialista e apresentador de TV Jalser Renier, nos traz um exemplo da utilidade do mascaramento social, quando se objetiva ressoar através de outra *persona*, aqui o apresentador Jaber Xaud, chegando a publicar recentemente em suas redes sociais um vídeo de um trecho do *Programa do Jaber Xaud* no *Cine Boa Vista*, onde se apresentou a cantora Naira Paracat, era época do festival de 1991, tínhamos participado do *FEMURR*.

Ele foi eleito deputado estadual em 1994 pelo PSD com 1.158 votos, em seu primeiro mandato, sua trajetória política se entrelaça com o populismo de Ottomar

Pinto, que nas eleições de 1994, apoia seu Secretário de Obras Neudo Campos, filho da terra e engenheiro civil formado fora do território beneficiado pelo governo de Hélio Campos.

Mais tarde será a força articuladora de destaque do governo estadual dentro da Assembleia Legislativa dotado do discurso persuasivo, no conjunto de grupos de interesses homogêneos oriundos do populismo. É, portanto, uma linha de força política regional resultante da composição estratégica engendrada pelo brigadeiro Ottomar Pinto, que fez surgir dois polos de forças políticas distintas e opostas entre si: Os grupos políticos de Ottomar Pinto e o Romero Jucá. (SANTOS, 2013).

É nessa perspectiva fenomenal de transformação do cenário político regional com a presença dos recém-chegados, consolidado na composição dos eleitos para o legislativo estadual.

O perfil profissional dos eleitos para o legislativo estadual está mais representado por empresários e profissionais liberais do que os das economias tradicionais, isto é, o comércio e a pecuária. Embora os números obviamente não representem a rigor as ocupações ou posições sociais e profissionais, isso mostra que o universo político não era já não era o mesmo de décadas anteriores. (SANTOS, 2013, p.249) Os processos transformadores dos campos político e econômico, que marcaram o início da década de 1990, repercutiram em outros campos e seus impactos puderam ser medidos na gleba do entretenimento de massa, aqui nas lembranças ligacionais de Jaber Xaud e seu programa de calouros o *Programa Jaber Xaud Show*, podem ser decorrentes dos resultados das eleições de 1990, que acelerou o derretimento dos grupos políticos das chamadas “famílias pioneiras”.

As eleições de 1990 foram relativamente tranquilas (OLIVEIRA,1991), mas seus resultados não agradaram a todos. [...]

Concorreram ainda ao Senado antigos líderes políticos e ocupantes de cargos ao tempo do território, como os deputados do território Alcides Lima e Francisco das Chagas Duarte, que obtiveram pouca votação. No primeiro turno para governador (SILVA Jr., 1994, p.271) o exgovernador Getúlio Cruz, então no PSDB, ficou em terceiro lugar, com 12,23% da votação. Neudo Ribeiro Campos, Robert Dagon da Silva e Belgerac Vilela Batista tiveram respectivamente 4,40%,1,73% e 0,05% dos votos. Os resultados não foram bons para a família Cruz, já que Salomão, irmão de Getúlio, pois, embora com votação expressiva para deputado federal acabou não se elegendo em razão da legenda. (SANTOS.2013, p.251)

Outra marca de fenômenos externos que acelerou um processo de invisibilidade e apagamento da memória de massa regional, se antecede na década de 1980 empurrado pelo maquinário moderno e ambicioso projetado por emissoras de televisão que receberam recursos públicos no governo de José Sarney, que concedeu centenas de concessões para a exploração de sinais de rádio e televisão no país, em Roraima foram liberadas quatro concessões: TV MACUXI (afiliada à TVE Brasil), TV Caburaí (afiliada à Rede Bandeirantes), TV Boa Vista (afiliada à Rede Manchete) e a TV Tropical (afiliada ao SBT). É no governo de Fernando Henrique Cardoso que a TV Roraima se consolida como liderança de audiência sendo afiliada à Rede Globo.

...a maioria dos estudiosos admite como característica típica do MCM (Meios de Comunicação de Massa) a possibilidade que estes apresentam de atingir vasta audiência simultaneamente, ou dentro de breve período de tempo centenas de milhares ou milhões de ouvintes, espectadores, de leitores. Esse critério encontra-se explicitado na definição proposta por LARSEN (1968): “definida em termos gerais, a CM (Cultura de massa) refere-se à exposição relativamente simultânea de uma audiência ampla, dispersa e heterogênea, a estímulos transmitidos por meios impessoais, a partir de uma fonte organizada, para a qual os membros da audiência são anônimos” (BOSI, 2009, p. 36)

Mas é no governo de Luís Inácio Lula da Silva, que houve a estadualização dos sinais da Rede Amazônica, passando a enviar a programação local para seus municípios, que antes disso o interior recebia a programação gerada pela rede originária de Manaus, daí, a TV Roraima passou a ter um sinal de satélite próprio, o BrailSat B4. Os fenômenos impositivos de fora pra dentro sobre o tecido social roraimense são claros, embora não falado explicitamente pelas lembranças que parecem perguntar: “por que acabou?”

O desaparecimento da mídia local de Jaber Xaud se deu aos poucos que ainda como relatou o poeta Eliakin Rufino, chegou a trabalhar em concessionárias de emissoras em Boa Vista, foi sendo substituído pela nova ordem mundial de consumo.

São estes alguns desdobramentos fenomenais que se desenrolaram no tecido social roraimense trazidos pelas lembranças de indivíduos de alguma forma compuseram a teia relacional direta e indiretamente de Jaber Xaud, trazendo um entendimento pertinente regional do processo entre cultura de massa e a cultura popular na Amazônia Setentrional.

Um aprofundamento impositivo da cultura de massa na região resultante de forças políticas e econômicas, fruto de um projeto perseguido desde o Estado Novo,

passando pela ditadura militar num continuísmo, até depois da promulgação da nossa carta magna de 1988.

Um fenômeno de atração e repulsa entre interesses políticos seja por um indivíduo que recebe um contorno identitário do seu pertencimento ao grupo político, possibilitando por sua vez, identificar outros sujeitos de oposição, seja retaliando a presença deste indivíduo em eventos de massa, forçando a sua desconstrução e levantando outras forças para o entretenimento de massa.

O tempo que o homem considera como seu, é aquele onde ele concebe e executa suas empresas...A época pertence aos homens mais jovens que nela se realizam por suas atividades, que anima com seus projetos. (BOSI, 2004, p.421)

Tal dinâmica do magnetismo político roraimense ganha contornos claros da conveniência e das estratégias em apagar um indivíduo e diminuir sua importância dentro de seu próprio grupo político. Sua rede relacional, mostra condutores eletrificados e convenientes de narração com seus pares, o que pode dar na primeira impressão uma igualdade entre seus pares, o que não é verdade, já que os indivíduos são subjetivos em sua essência, desencadeadores de ondas de atuação inusitadas o que no magnetismo chama-se de ímã temporário aquele que se comporta como um ímã somente quando em contato ou nas proximidades de outro ímã.

Aqui o termo atração é aplicado como uma forma de ligação entre os indivíduos e as circunstâncias, um meio de trazer particularidades entre as situações específicas e o contexto em que o sujeito se insere na reflexão regional. Portanto, sua memorialística fornece elementos colaborativos para se entender a relação entre os grupos de forças aliados aos interesses da ditadura militar para essa região da Amazônia. Ele foi sem dúvida um fermento transformador da dinâmica recreativa e artística de uma geração específica de indivíduos jovens que compunham a juventude boa-vistense, seus eventos eram sinônimo e sucesso, impulsionando o comércio de consumo desde calça e casaco jeans que lembravam a *Jovem Guarda*, suas rifas que ele vendia na sua papelaria, enfim, Jaber Xaud foi um elo cultural entre o comportamento da juventude de grandes centros urbanos reproduzindo no extremo norte amazônico.

Ele foi um *showmen* do lavrado roraimense uma potência de reunir grupos humanos em torno de seus programas, o que também possibilitava a visibilidade de figuras da cena política local. Dessa forma ele conseguia unir todos em torno do seu

palco, ele aproximou pessoas comuns de políticos, a juventude tinha suas expectativas circulantes sobre o palco do seu programa, seu programa nas quintas-feiras fazia parte da rotina de jovens, adolescentes, comerciantes garimpeiros, servidores públicos e políticos. Ele era uma potência cultural conveniente a interesses políticos das forças locais e da ditadura militar representada nos governadores biônicos.

Sua trajetória marcou um momento efervescente anterior ao movimento *Roraimera*, como bem aqui já foi relatado pelo poeta Eliakin Rufino compondo a plateia do programa. Com a chegada da TV Manchete em Boa Vista, uma concessão do governo do ex-presidente José Sarney, seu programa ganhou uma amplitude de alcance e inclusão de pessoas na condição de telespectadores televisivos, sendo sua audiência formada pelo novo fluxo migratório que vieram atraídos pela abundância de terras produtivas como pecuaristas e garimpeiros pela facilitação do governo federal e estadual em incentivar a mineração. (SANTOS, 2013, p. 246-248).

Um elemento comprovador de uma nova integração social, impulsionada por determinações políticas convenientes a uma nova onda migratória, e ao mesmo tempo, traz luz ao início do seu processo de substituição dentro da estrutura da comunicação e massa que se formava em Roraima. Sua trajetória está impregnada pelo cheiro do passado peculiar de Roraima, possuindo em sua narrativa memorial um conjunto de elementos identitários e relacionais numa referência potente de pertencimento de outros indivíduos que compunham o tecido roraimense, tanto por gente simples quanto por indivíduos pertencentes aos grupos de poder no ontem e no hoje.

Legitimando seu período de atuação no cenário jornalístico e cultural, uma análise memorialística que fornecem elementos elucidadores particularizados das relações de poder sob o prisma da cultura popular, quase circense. Com propriedades argumentativas que fornecem lucidez ao debate político e econômico sob o aspecto cultural e temporal, fornecendo novos elementos ao cenário histórico recortado, portanto, torna-se necessário não desprezar as migalhas memorialísticas de Jaber Xaud.

Durante as pesquisas encontrei duas fontes de oposição a narrativa dos entrevistados apresentados aqui. Descobri que o na visita do Chacrinha a Boa Vista, perguntei do entrevistado porque na fotografia do corpo de jurados o Jaber não estava, já que ele era um animador de palcos que muito lembrava o Chacrinha nos elementos circenses meio improvisado, ele disse apenas que ele não participou.

Novamente pergunte ao senhor S.L. limitou-se a dizer que ele não foi convidado, o curioso é que alguns eram comerciantes e membros da maçonaria. Repeti novamente de outra maneira a pergunta e a resposta foi: “Isso aconteceu em 1975, o

Jaber não participou.” E continuou: “Sim na época 1973 a 1976 o nosso clube Gressbe que eu fazia parte patrocinou todos estes shows, inclusive trouxemos Roberto Carlos, Raul Gil, Agnaldo Timóteo e outros tantos.”

Destaco que essa entrevista se deu pelo Messenger por causa da pandemia. Outro entrevistado não quis responder as perguntas sobre o programa alegando desconhecer. Revelando um atrito de interesses difusos do poder local entre si, e ao mesmo tempo no âmbito externo as pressões do poder central. Trazendo à luz um embate de diferenças entre as mentalidades em suas práticas fundamentadas na tradição privilegiada encadeando-se no processo histórico ganhando força impositiva dentro da administração pública local. Os desafetos políticos eram cortados dos eventos sociais, uma maneira de relegar ao esquecimento: “Quem não era visto, não era lembrado.” Ou então, convidado a se retirar do local. Jaber xaud, sofreu retaliação por conta de praticar o culto aos Orixás.

O que me leva a perceber que a argumentação de Jaber em dizer que era amigo de todos, essa reciprocidade não existia por parte dos adversários políticos, ao mesmo que conseguia atrair também repelia, confirmando nesse fenômeno as forças antagônicas dos dois grupos políticos na capital, nas mãos de Ottomar Pinto e na outra ponta Romero Jucá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentar contextualizar a situação política do Brasil a partir de uma das datas mais envolventes para o povo brasileiro que é a copa de 1950, possibilita entender as ondas que este fato desempenhou sobre o tecido social e político do país, partindo do seu epicentro até a periferia do país, como é o caso da Amazônia Setentrional, especificamente Roraima.

Onde o mundo experimentava um reordenamento econômico e político, onde as periferias do capitalismo como o Brasil estavam no epicentro dos interesses estratégicos da geopolítica capital estadunidense. Quando os resquícios da Segunda Guerra polarizaram o tabuleiro de interesses econômicos e as estratégias políticas das duas grandes potências nascidas do pós-guerra: União Soviética e Estados Unidos.

Nesse cenário uma das grandes estratégias adotados por potências opostas foi a propaganda. Os meios de comunicação foram a vitrine para um desenho impositivo de consumo de ideias e definições convenientes a ambos, no Brasil especificadamente, houve um homem alinhado aos interesses econômicos estadunidenses, para o sufocamento da indústria nacional, Assis Chateaubriand, que importou aparelhos modernos dos Estados Unidos, com parte de recursos públicos, trouxe um novo aparelho de distinção social e consumo: a televisão.

Um processo contínuo e crescente chegando a surpreendentes em números de 900 estações de rádios e mais de 40 estações de TV já em 1966, chamando a atenção para um país na periferia do capitalismo mundial, vistos por outras economias mundiais como um país de mentalidade agrícola conservadora. (BOSI, 2009)

A televisão foi a travessia do arco-íris para muitos artistas do rádio, atores, atrizes, cantores, cantoras, muitos migraram para a telinha em preto e branco dos aparelhos de televisão da Colorado. Um novo desembrulhar da cultura de massa atingiu rapidamente os principais centros urbanos do país, alcançando vagarosamente as periferias do sertão, no caso especificadamente esse processo do alcance nos traz uma lentidão do projeto governamental para Roraima, uma lentidão escamoteada politicamente regional. “A visão de fora precisa ser suplementada por outra, de dentro, destacando a experiência de cruzar as fronteiras entre nós e eles” (BURKE, 2005, p.152)

Jaber Xaud o receptor dessas ondas que chegaram em Roraima, seletivamente, a presença da televisão no território era uma novidade denunciante do atraso

tecnológico na região. Em algumas fotografias que consegui pesquisando em um grupo específico de filhos e netos dos pioneiros da região descobri que em 1972, Chacrinha visitou Boa Vista num palco improvisado.

Outro ponto de análise é como uma prática de entretenimento conseguiu ser ferramenta estratégica para a manutenção da ordem social dominante, embora não seja comentada, mas está presente, convenientemente em suas repetidas práticas em legitimar as ideias da classe dominante e o *status quo* dos grupos familiares em customizar a ocupação de lugares estratégicos, inclusive no campo cultural no tecido social roraimense.

Traçar uma narrativa partindo de relatos memorialísticos, comparando se são verdadeiros ou não com fontes jornalísticas tornou a pesquisa desafiadora, boa parte de jornais estão em um depósito mal estruturado para conservação deste acervo na biblioteca pública de Roraima.

São poucas as fontes disponíveis na *internet*. A grande fonte imagética jorrante está na memória de gente idosa, que no atual contexto social estão em isolamento por cauda da pandemia provocada pelo vírus da COVID-19. São eles que quando indagados falam calorosamente impulsionados pelo saudosismo de sua época, falam, se emocionam e são suas emoções os catalizadores de encadeamentos de relatos lúcidos, revelando um panorama urbano vivo apenas em fotografias amareladas pelo tempo.

São relatos de quem assistiu o desenrolar dos fatos diante de seus olhos, acrescidos de suas conotações, onde a mente memorial traz uma incorporação pertinente que chega a acanhar a memória social. São elas que colaboram para um debate mais amplo da ditadura militar a aplicabilidade de suas estratégias geopolíticas para a região do Rio Branco, são as memórias privadas e especificamente fotografias familiares da paisagem urbana da época aqui recortada que denunciam todo o atraso estruturante dos militares na região.

Tentam dar um sentido de pertencimento ao corpo nacional através de obras tidas na época como faraônicas, como por exemplo, a construção da Ponte dos Macuxis e a abertura e asfaltamento da BR174, uma obra que se arrastou por todo período da ditadura militar só foi finalmente concluída e asfaltada na segunda metade da década de 1990 e início de 2000.

Outro ponto é a situação frágil da garantia energética da região, foi no governo de Hélio Campos em 1969, com a criação da CERR- Companhia Energética de

Roraima. Um processo de custo alto, que se arrastou durante a ditadura, servindo mais ao imaginário coletivo que uma eficácia energética digna e segura para a sociedade.

Uma problemática na planilha geopolítica militar, que atravessou décadas culminando com a assinatura do governo federal, em contratar a energia venezuelana de Guri. Ouvir as narrativas memoriais sobre e de Jaber Xaud é compreender os mecanismos relacionais de poder de maneira próxima, possibilitando uma análise detalhada em recorte regional.

Sim em minhas reflexões percebo que ele possui um valor relevante ao debate histórico regional, vindo de uma área específica que é a cultura regional, ele tem a legitimidade da sociedade em ser visto como elemento dinamizador da memória local, abrindo novos debates e reflexões que conseguem manter um diálogo enriquecedor abrindo novos espaços “conversativos” nos campos político e econômico, possibilitando enxergar as engrenagens que movem a sociedade roraimense hoje.

Ele é um fio condutor quando entremeado com outros indivíduos, tornando-se necessário entender a rede relacional do poder local com a massa roraimense identificando uma padronagem formadora dos fenômenos sociais sobre o tecido social.

A análise me trouxe elementos contraditórios à narrativa oficial dos grupos de forças local, torna-se relevante para a história regional trazer à luz do palco as memórias silenciadas de indivíduos que tiveram relevância na construção social, do artista do palco até o pipoqueiro em frente ao cinema, podem contribuir para contextualizar toda uma particularidade de eventos, sejam eles políticos, econômicos e culturais sobre o tecido histórico-cultural roraimense.

Encontrei muita resistência por muitos entrevistados pois me viam como comunista, embora eu falasse sobre a importância do trabalho de Jaber Xaud, porém quando eu me referia ao período da ditadura militar, muitos mudavam de assunto, ou não atendiam mais minhas ligações. A pandemia trouxe um grau maior de dificuldades, pois, muitas das fontes são pessoas idosas, o que dificultava a aproximação, alguns não sabem usar as tecnologias digitais da comunicação, outros, por recomendação familiar não atendiam. O que mais me chamou a atenção durante o processo foi a resistência de muitas possíveis fontes, pessoas com fontes incríveis de informações e infelizmente evitarem falar simplesmente por desconfiar que eu iria falar mal do governo militar ou do atual presidente do Brasil.

Percebi a forte manutenção local pela simpatia e saudosismo da ditadura militar, algo que é passado para a atual geração, o que sugere um campo fértil para se

pesquisar os desdobramentos de conservação da memória e a manutenção da ditadura militar em Roraima, identificando os grupos e indivíduos políticos que usam as estruturas da política e economia nesse fim.

Escrever sobre a importante de Jaber Xaud, descortinou aos meus olhos uma teia relacional de um período que não morreu no tecido social roraimense, pelo contrário, está vivo no outro, sendo repassado modificado impregnado de signos convenientes da temporalidade, Jaber Xaud é a alma circense do povo de Roraima.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Moreira, 1984. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petropolis. Editora vozes.

ARIËS. Phillipe. **História da Morte no Ocidente-Da Idade Média aos Nossos Tempos**. Ed. - Rio de Janeiro, Nova Froteira, 2017.

BAHIANA, luís Cavalcanti. **O Norte na organização regional do Brasil**. In: **Geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, v.3.1991.p.15-23.

BAHIANA, luís Cavalcanti. **O Norte na organização regional do Brasil**. In: **Geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, v.3.1991.p.15- 23.

BARROS, Nilson Crócia de. **Roraima: paisagens e tempos na Amazônia Setentrional**. Recife: Editora Universidade UFPE,1995.

BARROS, Nilson Crócia de. **Roraima: paisagens e tempos na Amazônia Setentrional**. Recife: Editora Universidade UFPE,1995.

BECKER< Bertha K. **Amazônia**. 6. Ed. São Paulo: Editora Ática,1998.

BENJAMIN, Walter. “**O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.**” In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. pág. 197-221.

BOSI.Ecléa, **Cultura de Massa e Cultura Popular**. 13ª Edição, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2009.

BOSI, Ecléia, **Memória e Sociedade**. 4ª, ed. São Paulo: Cia das letras,1995.

BURKE. Peter, O Que É História Cultural? -2ª edição; Rio de Janeiro. Ed. ZAHAR, 2005 COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. Disponível em: bibliotecadigital.puccampinas.edu.br.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CHATIER, R. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **O Príncipe Maldito: Traição e loucura na família imperial**. Editora objetiva Ltda, Rio de Janeiro,2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidade**. Editora Autêntica, Rio de Janeiro, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Tempo da Ditadura**. Editora Autêntica, Rio de Janeiro, 2013.

DOWBOR, Ladislau. **A Reprodução Social: Propostas Para Uma Gestão Descentralizada.** Disponível: www.ppbr.com.

ELIAS. Nobert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1994.

FERREIA. Jorge e Delgado. Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano-Tempos Revolucionários.** 6ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2013.

GINZBURG, Calo. **O Queijo e os Vermes,** Companhia de Bolso, São Paulo, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: O Breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **Pessoas Extraordinárias: Resistência, Rebelião e jazz.** Rio de Janeiro: editora Paz E Terra, 1999.

JESUS. Carolina Maria de. 9ª edição. Rio de Janeiro. Ed, Editora Ática, 2010.

MARX. Karl. **O Capital- O Processo de Produção do Capital** -Rio de Janeiro Ed. Civilização Brasileira, 2019.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **A Experiencia Feminista dos Anos Setenta.**

Textos nº 5. Faculdade de Ciências e letras, UNESP/Araraguara, 1990.

MONTEIRO, Carla. **Os Ecos Da Modernidade No Norte do Brasil: Boa Vista/RR na Década de 1950.** X Encontro Nacional de História Oral. 2010

https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269154660_ARQU_IV_O_TextocompletoCarlaMonteirodeSouza.

POLLACK, Michael. **Memória esquecimento, silêncio, in Estudos Históricos** 3. Memória. São Paulo, Vértice, 1988.

RIBEIRO. Odenei de Souza. **Tradição e Modernidade no Pensamento de Leandro Tocantins.** Ed. Valer, Manaus Amazonas, 2015.

ROUSSEAU. Jean-Jacques. **Discurso Sobre A Origem e Os Fundamentos da Desigualdade entre Os Homens.** 1ª edição. CIP-Brasil-2007- Rio de Janeiro.

SANTILLI, Paulo. **Pemongon Patá : Territorio Macuxi, rotas de conflito,** São Paulo: UNESP, 2014.

SOUZA, Carla M.; SILVA, Raimunda G. **Migrantes e Migrações em Boa Vista: Os bairros Senador Hélio campos, Raiar do Sol e Cauamé.** Boa Vista: edUFRR, 2006.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra, 2013. **Política e poder na Amazônia: o caso de Roraima(1970-2000).** Editora UFRR.

UPIANO, T.B.M. **A história cativa da memória para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais.** Revista Instituto de Estudos brasileiros. São Paulo: USP, 1992p.34; 9-24.

IBGE Censo do Amazonas/1940 e Censo de Roraima/1950.